UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – CCHE/FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

KAROLINE KIKA UEMURA

ANTES QUE AS FLORES CAIAM: MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS ACERCA DAS MIGRAÇÕES ENTRE O NÚCLEO CELSO RAMOS (SC) E O JAPÃO (1989 – 2010)

FLORIANÓPOLIS

2013

KAROLINE KIKA UEMURA

ANTES QUE AS FLORES CAIAM: MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS ACERCA DAS MIGRAÇÕES ENTRE O NÚCLEO CELSO RAMOS (SC) E O JAPÃO (1989 – 2010)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado de Santa Catarina, com requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Emerson César de Campos

FLORIANÓPOLIS

2013

KAROLINE KIKA UEMURA

"ANTES QUE AS FLORES CAIAM: MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS ACERCA DAS MIGRAÇÕES ENTRE O NÚCLEO CELSO RAMOS (SC) E O JAPÃO (1989 – 2010)"

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Banca Examinadora:

Orientador: _____

Doutor Emerson César de Campos
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: _____

Doutora Elisa Massae Sasaki
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Membro: _____

Doutor Luiz Felipe Falcão
Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, 11 de março de 2013.

Ao Sr. Kinya e a Dona Ignês, com carinho e gratidão por todos os anos de dedicação. Aos meus amigos e professores que me acompanharam e apoiaram nesta longa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Sem dúvida alguma, esta dissertação marca mais uma etapa concluída na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. A esta instituição, que me proporcionou o gosto pela vida acadêmica, a construção e troca de conhecimentos e o encontro de grandes amizades, dedico o primeiro de meus agradecimentos. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, agradeço pelo apoio financeiro indispensável para a realização desta pesquisa e seus resultados finais. Ao Programa de Pós-Graduação em História desta mesma universidade pelas atividades acadêmicas e aulas proporcionadas ao longo do curso de mestrado.

Dedico meus agradecimentos ao Prof. Dr. Emerson César de Campos, pela sua atenção e orientação durante a pesquisa e escrita desta dissertação. Seguramente, seus conselhos, orientações e sugestões contribuíram enormemente para a realização deste trabalho. Aos meus professores da graduação e da pós-graduação por terem contribuído com a minha formação acadêmica e com o preparo para a atividade docente.

Meus agradecimentos à Profª. Drª. Elisa Massae Sasaki e Prof. Dr. Luiz Felipe Falcão, pelo convite aceito para a formação da banca de avaliação desta dissertação.

Em especial, agradeço todos àqueles que se encontram no Núcleo Celso Ramos, em/entre os municípios de Frei Rogério, Curitibanos, Florianópolis e Japão. Mesmo em lugares distintos, sempre tiveram tempo e disposição para compartilhar com esta pesquisa um pouco de suas vidas, de seu tempo e de boas conversas. Àqueles que me acolheram em suas casas durante as saídas de campo, meus agradecimentos à Sabrina, Izumi, René, Julia, Luís Felipe, à família Iwasaki, à família Honda, à família Onaka, à família Yamamoto. Esta dissertação somente foi possível ser realizada graças à vocês. Novamente, meus eternos agradecimentos.

Com muito carinho, agradeço ao meu pai Kinya e à minha mãe Ignês por sempre estarem mais do que presentes nesta caminhada. À vocês dois que me deram sempre forças e coragem para seguir adiante, ainda que a vida, por muitas vezes, nos interpele. Às suas histórias contadas em nossas conversas, que sempre trazem a sensação do conforto diante de uma lareira no inverno.

Aos meus queridos avós já falecidos que ainda permanecem nas memórias de familiares e amigos que encontro em minhas viagens. Meu eterno carinho.

Aos meus tios, tias, primos e primas que se encontram espalhados neste mundo, digo que tenho grande admiração pela força de vontade e por sempre se fazerem presentes, ainda que quilômetros, mares e continentes nos separem fisicamente.

Aos meus amigos Alan, Thiago, Robson, Luís Henrique, Luiz Felipe, Sarah, Márcio, Pedro Augusto, Raquel que por muitas vezes compartilhamos das dificuldades e alegrias de se trabalhar dentro e fora de sala de aula. Com vocês aprendo todos os dias. Agradeço, também, pelo apoio sempre dado por Ana, Maristela e Vera.

Aos meus amigos que, mesmo após tantos anos, permanecem presentes em minha vida, cada um ao seu modo: Gissoni, Sanchez, Kotoe, Conrado, Gabriel, Boeing, Chico, Carlos, Guilherme, Magda, Débora, Diego, Bruno, Juliana, Julia, Luis, Gilberto, Willian, Norton, Rodrigo. Ainda que o tempo não nos deixe toparmos por aí todas as semanas, sempre que os encontro sempre me sinto em casa.

Ana Luisa, Pedro, Larissa, Tâmyta, Anelise, Luísa, Fabíolla, Maristella, Ogawa, mais do que amigas e amigos, minha família. Aqui e em qualquer lugar. Sim, meus pais já adotaram vocês também. Com vocês dividi meus anseios, minhas incertezas e muitas de minhas alegrias nestes últimos oito anos em que vivi em Florianópolis. A vocês que me orientaram, me sacudiram, me ensinaram, me apoiaram, tenho a dizer mais do que agradecimentos, mas que carrego comigo um pouco de cada um. E que seja assim, simples, sempre.

RESUMO

O Núcleo Celso Ramos foi fundado em 1964, no município de Curitibanos (SC**).** A partir de acordos entre empresas de emigração japonesas, o Instituto de Reforma agrária (IRASC) e o consulado de Porto Alegre (RS), a colonização de terras foi realizada por imigrantes japoneses, vindos de outros Estados brasileiros e diretamente do Japão. Nos meados da década de 1980, outro fluxo migratório começa a se configurar no Núcleo: japoneses e seus descendentes nascidos no Brasil decidiram partir em direção ao Japão, em busca de empregos nos setores industriais, inserindo-se no mercado de trabalho japonês como mão-de-obra não qualificada. Neste momento, em meio ao "Movimento *Dekassegui*", aqueles que permaneceram no Núcleo Celso Ramos iniciaram a construção de espaços tais como o Parque *Sakura* e o *Sakura Matsuri*. Este local e festa, respectivamente, tornam-se espaços polissêmicos, onde tradição e turismo mantêm uma relação de tensão e proximidade, que perpassam pela percepção de conflitos entre gerações. Neste sentido, esta dissertação tem por objetivos a compreensão das polissemias produzidas no processo de construção do Parque *Sakura* e do *Sakura Matsuri*, que não sem conflitos, se encontram entre memórias e narrativas que evocam um passado antes latente, construindo sentidos, proximidades, significados e identificações no presente.

Palavras-chave: memórias, narrativas, gerações, Movimento Dekassegui, Sakura Matsuri

ABSTRACT

Núcleo Celso Ramos was founded in the town of Curitibanos in 1964. Due to agreements among japanese emigration companies, the Instituto de Reforma Agrária (IRASC) and the Consulate in Porto Alegre (RS), the land colonization was carried out by japanese immigrants coming from other brazilian states as well as straight from Japan until the 1970's. In mid 1980s another migratory flow begins to take place in the Núcleo: japanese and their descendants born in Brazil decided to leave for Japan looking for jobs in the industrial sector thus entering the japanese labor market as unskilled labor. Then, amid the Dekassegui Movement those who stayed at Núcleo Celso Ramos began to build spaces such as the Sakura Park and the Sakura Matsuri. Both site and party, respectively, become polysemic spaces in which tradition and tourism keep a relationship of tension and closeness that permeates the perception of a generational conflict. Therefore, this thesis intends to understand the polysemies produced during the making of the Sakura Park and the Sakura Matsuri that are found among memories and narratives that evoke a past rather latent, building meanings, proximities and identifications of the present.

Keywords: Memories, narratives, generations, Dekassegui Movement, Sakura Matsuri

LISTA DE IMAGENS

Imagem	Descrição	Página
1	Capa do projeto de orçamento do “Parque de Confraternização”.	39
2	Mapa da localização onde, futuramente, o Parque de Confraternização iria ser construído.	40
3	Divulgação sobre “Festa Japonesa” no Parque *Sakura*, no Jornal Diário Catarinense, em 14 de fevereiro de 1993.	49
4	Divulgações sobre “festa comemorativa” no jornal A Notícia, em 27 de fevereiro de 1993.	50
5	Anúncio sobre inauguração do Parque *Sakura* no jornal Diário Catarinense, em 27 de fevereiro de 1993.	50
6	Folder com programação da festa realizada em comemoração aos 30 anos da “Colônia Governador Celso Ramos de Curitibanos” e resumo histórico do mesmo.	56
7	Anúncio do 13º *Sakura Matsuri*, em setembro de 2010, no jornal local A Semana.	62
8	Capa do jornal A Semana. Inauguração da SC-451.	77
9	Cartaz de divulgação do 12ª *Sakura Matsuri* de 2009.	82
10	Artigo publicado após a realização do *Sakura Matsuri* em 2008.	88

LISTA DE ABREVIATURAS

ACARESC	Associação de Crédito e Extensão Rural de Santa Catarina
ACBJ	Associação Cultural Brasil-Japão
IRASC	Instituto de Reforma Agrária de Santa Catarina
JAMIC	Imigração e Colonização Ltda.
JEC FUND	Japan Wolrd Exposition Commemorative Fund
JEMIS	Assistência Financeira S/A
JICA	Agência de Cooperação Internacional do Japão
SBCJ	Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....12

1. DA CONFRATERNIZAÇÃO AO TURISMO: CONSTRUINDO UM PARQUE E UMA "COLÔNIA".....22

1.1. "Eu narro, você sonha": memórias e narrativas sobre a construção de uma colônia japonesa.....27

1.2. As inaugurações do Parque Sakura.....49

2. ENTRE AS INTEMPÉRIES DO TEMPO: REPRESENTAÇÕES E MEMÓRIAS NA FLORAÇÃO DAS CEREJEIRAS.....61

2.1. *Sakura Matsuri*, "um pedacinho do Japão": tradição e turismo na realização de uma festa.....65

2.2. Comemorando o Centenário da Imigração Japonesa no Sakura Matsuri 84

3. NO DESABROCHAR DA FESTA, O MUNDO POR TRÁS DAS PAREDES DA COZINHA: JOVENS, MEMÓRIAS E MIGRAÇÕES.....91

3.1. Entre tramas e urdiduras: a "abertura" da colônia de japoneses e o *dekassegui*.....91

3.2. "Um pontinho vermelho no Brasil"?.....102

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....123

REFERÊNCIAS.....131

INTRODUÇÃO

Um vento frio de final de inverno soprava entre as araucárias e as árvores em flores em um dia ensolarado do início de setembro de 2011. Logo em frente ao portal vermelho e imponente do "Parque *Sakura*", – nome divulgado em folhetos e no jornal local – várias pessoas iam chegando e se aglomerando para comprar o ingresso para a festa chamada *Sakura Matsuri*, realizada no município de Frei Rogério – SC, a qual tinha como tema principal divulgado, a floração das cerejeiras. As bandeiras com escritas em japonês tremulavam enquanto uma mistura de línguas portuguesa e japonesa era pronunciada no ar. Uma mulher, descendente de japoneses, encontrava-se ao lado deste portal vermelho que marcava a entrada do parque, recepcionando e dando direções aos visitantes que chegavam. Esta foi uma das cenas encontradas em uma das saídas de campo realizadas neste ano de 2011. Anos antes, algo parecido, a princípio, podia ser observado nas primeiras saídas de campo realizadas para o trabalho de conclusão de curso defendido em 2010.

A primeira saída de campo para a colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos, situado no recém-emancipado município de Frei Rogério – SC foi realizada em setembro de 2009, a partir de um contato encontrado coincidentemente em Florianópolis. Era um praticante (não descendente de japoneses) de arte marcial japonesa *Kendo*, que por muitos anos havia frequentado a colônia de japoneses para a realização de treinos. Em setembro, com um convite e uma carona realizava-se a primeira a para o *Sakura Matsuri* – Festa da Floração das Cerejeiras. Após uma viagem de cinco horas de Florianópolis a Frei Rogério, o carro entrou por uma entrada lateral do Parque *Sakura* e foi estacionado ao lado de um galpão, de onde era possível ouvir alguns burburinhos. Na cozinha deste galpão, utilizado para eventos, havia três japoneses que conversavam em sua língua materna, um dia antes do início do evento *Sakura Matsuri*. Logo cumprimentaram os praticantes de *kendo* em português, e direcionando um cumprimento a esta pesquisadora em japonês. O detalhe é que o cumprimento foi retribuído na língua portuguesa, o que causou um estranhamento entre os três japoneses. Ficaram perplexos e surpreendidos por estarem conversando com uma pessoa que diziam "ser japonesa" e que não sabia falar a língua japonesa. Não saber falar esta língua foi uma das dificuldades encontradas durante as pesquisas realizadas tanto para o trabalho de conclusão de curso, assim como durante a pesquisa realizada no curso de mestrado. No entanto, situações como estas não fora um empecilhos, mas sim pontos de reflexões fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

Durante a festa que seguiu no dia posterior a este, entre observações e rostos novos, algumas pessoas foram sendo apresentadas, e entre elas, alguns jovens que haviam acabado de retornar do Japão. Anos antes, estes jovens seguiram rumo a este país em busca de oportunidades de empregos nas indústrias japonesas, inserindo-se como mão-de-obra não qualificada e outros foram com objetivos de estudos. Estes contatos tão relevantes, posteriormente disponibilizaram um pouco de seu tempo para conceder entrevistas para a pesquisa. A partir deste momento, as saídas de campo foram realizadas mensalmente, nas quais nove entrevistas foram concedidas por migrantes que haviam partido entre as décadas de 1990 e 2000 para o Japão. O trabalho de conclusão de curso teve a possibilidade de trabalhar com as fontes orais, as quais foram extremamente relevantes, já que muitas das produções escritas e documentações não estavam acessíveis no momento.

A partir de 2011, de acordo com o projeto de mestrado, outras saídas de campo foram realizadas. A partir do contato de dois anos com a colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos, das conversas informais e das entrevistas realizadas, foi possível observar que as memórias relacionadas às migrações no Núcleo Celso Ramos sempre eram trazidas à tona, de formas e intensidades distintas. Nas entrevistas, realizadas com japoneses e seus descendentes, observa-se que tanto as primeiras migrações japonesas para o Núcleo Celso Ramos – iniciadas na década de 1960 – assim como as migrações de seus descendentes para o Japão – realizadas entre as décadas de 1980 e 2000 – eram memórias pulsantes em suas narrativas. Da mesma forma, as saídas de campo realizadas desde 2009 até 2011 para a Festa da Floração das Cerejeiras – *Sakura Matsuri* foram muito relevantes por conta da possibilidade de participar não somente do evento aberto ao público, mas também da possibilidade de participar e observar a movimentação dos preparativos e dos momentos após o evento. Entre o evento aberto a visitantes e turistas, e os momentos que se encontram nas entrelinhas desta festa, observa-se uma riqueza de memórias que perpassam gerações e conflitos culturais. Não à toa, alguns pontos do próprio projeto de mestrado se modificaram ao longo das saídas de campo, a partir das quais alguns questionamentos passaram por um processo de reconstrução. Segundo uma entrevista, realizada com um imigrante japonês, um dos primeiros a se estabelecer na colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos, o *Sakura Matsuri* surgiu em um momento em que muitos dos descendentes de imigrantes japoneses se direcionavam ao Japão, na década de 1990. O que teria motivado a construção de uma festa, que necessita da mobilização de muitas pessoas, em meio a este momento no qual muitos dos integrantes da colônia japonesa partiam para o Japão em busca de oportunidades de emprego?

Outro questionamento que surgiu ao longo das saídas de campo foi o próprio espaço onde o *Sakura Matsuri* é realizado. O Parque *Sakura* é onde grande parte dos eventos internos e voltados ao público acontecem. Neste parque, encontra-se atualmente a sede da Associação Cultural Brasil-Japão de Frei Rogério (ACBJ), e é neste espaço em que se observa a tomada de decisões importantes para a colônia de japoneses e no qual se concentram a construção de práticas cotidianas. Neste sentido, como este parque se tornou um espaço representativo da colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos, e posteriormente, o espaço da construção da festa *Sakura Matsuri*? Além disso, esta festa, após catorze edições, foi considerada pelo jornal local A Semana como uma tradição. O que a torna tradicional?

Durante as saídas de campo, outro ponto chamou atenção: Observando algumas reuniões mensais, os preparativos para o *Sakura Matsuri* e as entrevistas realizadas entre os anos de 2009 e 2011, as memórias que trazem a tona às migrações e o evento do *Sakura Matsuri* perpassam por conflitos existentes entre gerações. Levando em consideração as colocações do professor de Ciências Históricas, Jean-François Sirinelli, as gerações aqui trabalhadas não possuem uma delimitação quanto à faixa etária, mas podem ser consideradas "escalas móveis do tempo" (SIRINELLI, 2006, p.137) e que podem ser derivadas da "auto representação e da autoproclamação" (SIRINELLI, 2006, p.133). Não raras vezes, as expressões "jovens", "*isseis*" (primeira geração de japoneses no Brasil) e "nisseis" (segunda geração, constituída por filhos de imigrantes japoneses, nascidos no Brasil) aparecem nas narrativas orais e em documentações como pontos de distinção ou aproximação, a partir daqueles que falam ou escrevem em relação ao outro, à outra "geração". Os questionamentos que vinham sendo formulados ao longo destas saídas de campo eram, primeiramente, em quais espaços os conflitos geracionais ocorriam com mais intensidade? E outro questionamento, como estes conflitos geracionais refletiam não somente diferenças ou aproximações, mas também distintas formas de se relacionar com o tempo? O que estava entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa – categorias trabalhadas pelo historiador alemão Reinhart Koselleck – destas gerações?

Ao longo da pesquisa, estas perguntas foram sendo formuladas e reformuladas a partir da análise de fontes orais, documentais e impressas, além das saídas de campo de observação participante. São estes os pontos iniciais de cada capítulo que será abordado nesta dissertação. No entanto a pergunta principal que norteará toda a dissertação se constitui em como as memórias compartilhadas, a construção de identidades e identificações, e a construção de espaços no Núcleo Celso Ramos perpassam pela relação entre distintas temporalidades, de forma que passado, presente e futuro não se sobreponham uns aos outros. Este desafio,

colocado pelo historiador François Hartog, faz-se presente nesta dissertação, a partir das possíveis relações que podem ser estabelecidas entre o "espaço de experiência e o horizonte de expectativa" (KOSELLECK, 2006).

Entre estes processos – a construção do Parque *Sakura* e do *Sakura Matsuri* – as migrações de japoneses e seus descendentes para o Japão, que se iniciam na década de 1980 até a década de 2000, configuram um fluxo migratório impactante na colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos, perpassando pela construção de identidades e identificações, e criando espaços de conflitos onde se encontram perceptíveis o distanciamento e aproximações entre gerações. Não obstante, as próprias fontes pesquisadas permitiram a abertura para reflexões sobre a relação das migrações iniciadas no final do século XX e aquelas iniciadas ainda na década de 1960, respectivamente o "movimento *dekassegui*" e a migração de japoneses para o município de curitibanos, na construção do Núcleo Celso Ramos.

A elaboração e escrita desta pesquisa se abrem às problemáticas do campo de estudo do Tempo Presente, e partir do recorte temporal (1989-2010). A escolha deste recorte temporal foi estabelecida a partir da problemática proposta que envolve a construção do Parque *Sakura*, atualmente situada no município de Frei Rogério, o qual teve início no ano de 1989 como espaço para festas internas e para uma festa que a cada ano foi ganhando maior amplitude: o *Sakura Matsuri* – Festa da Floração das Cerejeiras. Esta festa, iniciada oficialmente em 1997, é realizada anualmente pela colônia de japoneses no Núcleo Celso Ramos no Parque *Sakura*, mesmo local onde se encontra a sede da Associação Cultural Brasil-Japão, inicialmente composta por japoneses e seus descendentes. Ao longo dos anos, o *Sakura Matsuri* ganhou grande amplitude ao receber visitantes de diversos estados do Brasil e do Japão, recebendo também a atenção de jornais locais. Um deles, o jornal A Semana, principalmente nos anos finais da década de 2000, quando em paralelo a esta festa ocorrem as comemorações do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil em 2008. Durante a década de 2000, muitos migrantes que se encontravam no Japão retornaram ao Núcleo Celso Ramos, principalmente após a crise econômica que atingiu o Japão em 2008. O retorno emerge nas memórias dos entrevistados como um momento de reflexão e para alguns, de grande impacto na colônia de japoneses, sobretudo pelo fortalecimento daqueles que aparecem na entrevista como "jovens". Neste sentido, o recorte temporal se prolongou até 2010 visando a problematização da construção de espaços nos quais estes "jovens" atuam.

Partindo do presente e longe do imediatismo, esta dissertação tem por objetivos a compreensão das polissemias produzidas no processo de construção do Parque *Sakura* e do *Sakura Matsuri*, que não sem conflitos, se encontram entre memórias e narrativas que evocam

um passado antes latente, construindo sentidos, proximidades, significados e identificações no presente.

As saídas de campo realizadas em 2011 abriram outras possibilidades no que se refere às fontes. Além das fontes orais, uma série de documentos disponibilizados ao projeto de mestrado será problematizada, os quais se encontram nos arquivos da sede da Associação Cultural Brasil-Japão de Frei Rogério – ACBJ. A organização destes documentos estava classificada em anos, sem classificação temática. Entre os documentos foi possível encontrar correspondências trocadas entre a ACBJ e embaixada e consulados do Japão, recortes de jornais, panfletos de festas, projetos realizados pela ACBJ, divulgações de simpósios e congressos voltados à comunidade de imigrantes japoneses e *nikkei* (descendentes de japoneses), atas de Assembleias Gerais, realizadas ao início do ano. A maior dificuldade encontrada para a análise de fontes se encontra na disponibilidade de grande parte destes documentos na língua japonesa. Considerando os limites desta pesquisa – por conta da grande quantidade de fontes da dificuldade e a dificuldade com a língua japonesa – fontes tais como documentos internos da Associação Cultural Brasil-Japão de Curitibanos e de Frei Rogério, documentos oficiais trocados entre a associação e governadores do Estado de Santa Catarina, correspondências consulares, recortes de jornal, projetos de iniciativa da ACBJ e outras associações foram analisados, entre os anos de 1989 e 2009, para a realização dos capítulos desta dissertação. Estes documentos foram selecionados, catalogados e organizados em uma tabela (em anexo), tendo como referência os anos inseridos no recorte temporal desta pesquisa. Entre os documentos coletados (reprodução fotográfica) e analisados, foi feita uma seleção de documentos relacionados ao Parque *Sakura*, a festa *Sakura Matsuri*, às migrações de japoneses e descendentes iniciadas no final do século XX e as ações governamentais ou não, ligadas ao turismo na região.

Outro tipo de fonte disponibilizada para esta pesquisa foram as edições do jornal A Semana, um semanário de circulação regional cujo acervo se encontrava em sua sede no município de Curitibanos. A primeira edição do jornal A Semana entrou em circulação em dezembro de 1982. Sob a direção de Ubiratan Busato e José Augusto Busato, o jornal circulava semanalmente com a tiragem de 500 exemplares. Em 1989 o jornal passa a ser dirigido pelos irmãos Renato Westphal e Hélio Westphal, os quais, até o corrente ano de 2012 permanecem neste cargo. Em 2010, o jornal contabilizava a tiragem de cinco mil exemplares, distribuídos pelos municípios de Curitibanos, Brunópolis, Frei Rogério, Ponte Alta do Norte, Santa Cecília e São Cristóvão do Sul.

Entre 2009 e 2011, nas semanas que se aproximavam à Festa da Floração das Cerejeiras, o *Sakura Matsuri*, era possível observar uma quantidade considerável de matérias e anúncios que divulgavam a festa. Essa característica chamou a atenção, pois ao ter acesso ao acervo do A Semana, observa-se que as notícias destacadas em primeira capa ou cadernos especiais, relacionadas à colônia de japoneses, aparecem em períodos específicos do ano, principalmente quando o *Sakura Matsuri* se aproxima entre os meses de agosto e setembro. À principio, a pesquisa dos jornais se centrou no recorte temporal 1997-2010 (catalogação em anexo). 1997, já que era o ano do que foi considerado o 1º *Sakura Matsuri* – Festa da Floração das Cerejeiras – segundo o livro publicado em 2004, em comemoração a quarenta anos de existência do Núcleo Celso Ramos. Cruzando a análise com outras fontes históricas, o que foi encontrado no jornal A Semana ultrapassou as expectativas da pesquisa.

Outras notícias relacionadas à colônia ou aos seus integrantes encontram-se ou em seções regionais ou mesmo dispersas no corpo do semanário, dependendo do ano analisado. Neste sentido, uma série de artigos e anúncios relacionados ao *Sakura Matsuri* foi selecionada, levando em consideração o critério do recorte temático desta pesquisa e o recorte temporal. O objetivo desta pesquisa não se encontra em tomar este jornal como objeto de estudo central, mas dialogá-lo com outras fontes para a problematização de transformações, construções e reformulações do *Sakura Matsuri* a partir do que era publicado pelo semanário. Neste sentido, os jornais do A semana foi escolhido por apresentar notícias locais, além de ser um dos jornais que está há mais tempo em circulação em Curitibanos e abrangendo o município de Frei Rogério. Estes fatores deram possibilidades de pesquisa no recorte temporal e espaço especificado, além da disponibilidade do acervo completo na sede do jornal A Semana.

O recorte temporal para a pesquisa dos semanários se encontra entre os anos de 1997 e 2010. A pesquisa foi enfática entre os meses de agosto e setembro – sem desconsiderar os demais meses – já que a divulgação do *Sakura Matsuri*, assim como posteriores artigos sobre a festa, foram publicados entre estes meses salientados. Observa-se que as divulgações sobre o *Sakura Matsuri* tiveram início em 1997, diferentemente dos anos anteriores nos quais a festa não foi divulgada. Durante a pesquisa foi possível observar a própria materialidade do semanário (LUCA, 2010, p.132), no que se refere às suas transformações as quais sofreram aprimoramentos tecnológicos, ponto que será discutido ao longo da dissertação. A partir da coleta (reprodução fotográfica) e análise do semanário, duas tabelas foram realizadas, uma que contêm dados sobre a materialidade do jornal e das notícias relacionadas ao Núcleo Celso Ramos (suportes utilizados para a escrita, a utilização ou ausência de fotos, ausência ou

presença da impressão colorida, tamanho e espaço destinados às matérias), entre 1990 e 2011, entre os meses de agosto e setembro. A outra tabela se refere a uma catalogação, realizada a partir da seleção temática de artigos e anúncios referentes ao Núcleo Celso Ramos e à festa do Sakura Matsuri, entre os meses de agosto e setembro, entre 1997 e 2011 (tabelas em anexo ao final da dissertação).

Em 2004, um livro intitulado "O Caminho dos 40 anos da Colônia Celso Ramos" (OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004) foi publicado em comemoração aos 40 anos de existência do Núcleo, desde a década de 1960. Este livro foi organizado por três imigrantes japoneses do próprio Núcleo, os quais reuniram grandes quantidades de documentações. Primeiramente, o livro é aberto com notas e considerações feitas por autoridades estaduais e municipais, autoridades do Exército, membros do consulado e embaixada japonesa, além de outros órgãos ligados ao governo japonês. Logo em seguida observa-se duas canções colocadas em pentagramas e com respectivas letras, uma intitulada "Ramos, minha pátria" e colocada como "hino da Colônia Celso Ramos" e a outra, intitulada "Unidos Construiremos". Seguindo a ordem das documentações colocadas no livro, observa-se tabelas com dados geográficos e temperaturas, e logo um histórico do "Núcleo Colonial Governador Celso Ramos" o qual ocupa grande parte do livro. O histórico é organizado por anos, meses e dias de forma linear, desde 1960 a 2004. Cada data colocada possui alguma referência do que foi escolhido como importante ressaltar na história do Núcleo Celso Ramos, voltada principalmente para a colônia de japoneses. São fatos que para aqueles que organizaram este livro, foram importantes, incluindo uma parte reservada à história do *kendo*, luta marcial japonesa praticada desde o início da década de 1970 no Núcleo. Seguindo o livro, outra parte é dedicada a textos diversos, poemas e memórias dos próprios integrantes da colônia japonesa, escritos em distintas datas. Ao final do livro, observa-s também um "Recenseamento das famílias dos Colonos", organizada de acordo com o número do lote do terreno e com os nomes das famílias. Nesta parte, as datas de chegada ao Brasil, datas de entrada na colônia, lugares e data de nascimento e nomes de todos os membros das famílias foram colocados, indicando se ainda permanecem ou não no Núcleo Celso Ramos. Finalizando o livro, um dos organizadores do livro escreve ao leitor as suas "palavras de cumprimento" e as suas expectativas quanto ao livro.

O livro como fonte será trabalhado ao longo de toda dissertação em diálogo com outras fontes, especialmente porque a própria produção e organização do mesmo tornam-se imprescindíveis para a compreensão das temporalidades implícitas na escrita, da mesma forma em que o livro torna-se um lugar de memórias, construído com uma intencionalidade

que perpassa todas as problemáticas apresentadas e que serão abordadas em cada capítulo. O livro não é em si o objeto de estudo desta pesquisa. No entanto, observar como o mesmo foi organizado e escrito reflete as distintas temporalidades. Neste sentido, uma seleção de documentos, inseridos no próprio livro, foi realizada para a análise e problematização, entre estes as notas de abertura realizadas por autoridades assim como a nota final de um dos organizadores; o recenseamento das famílias associadas ao Núcleo Celso Ramos, as letras das canções que se encontram ao início do livro, assim como o histórico organizado cronologicamente.

A História Oral torna-se relevante tanto quanto metodologia, assim como as fontes orais são essenciais no diálogo com outras fontes. Durante as saídas de campo realizadas para esta pesquisa, foram realizadas seis entrevistas com imigrantes japoneses que se direcionaram ao Núcleo Celso Ramos em Curitibanos nas décadas de 1960 e descendentes de imigrantes japoneses, nascidos no Brasil, que se direcionaram ao Japão entre as décadas de 1980 e 2000, na faixa etária entre 25 e 75 anos. As entrevistas, realizadas com duas mulheres e quatro homens, partiram de um roteiro de perguntas previamente elaborado e de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Após cada entrevista, foram realizados pedidos de autorização escrita e oral, além da realização da transcrição das mesmas. Para preservar as suas identidades, os seus nomes foram substituídos por pseudônimos.

Através dos relatos orais, distintas narrativas são construídas como histórias de vida, das quais as memórias sobre o Núcleo Celso Ramos fazem parte e emergem entre as expressões faciais, as correções das falas, o movimento das mãos e as diversas entonações. Ouvir e perceber estas entrelinhas durante a realização das entrevistas, fazem-se relevantes no ato de narrar (PORTELLI, 1997). Os relatos orais possibilitaram a “percepção de memórias compartilhadas” – expressão utilizada por Alessandro Portelli – as quais foram pontos de partida para a construção da problemática desta dissertação. Estas memórias são ressaltadas ao longo das narrativas construídas individualmente e que, no entanto, não deixam de falar a respeito de uma coletividade. A primeira pessoa do singular torna-se plural em todos os relatos orais, tornando-se, cada um, pedaços únicos de um mosaico, ou um “todo coerente”, nas palavras de Portelli.

Esta dissertação não tem a intenção de hierarquizar as fontes, mas sim trabalhar com o diálogo entre as mesmas. Tanto os documentos pesquisados na sede da Associação Cultural Brasil-Japão de Curitibanos, assim como as fontes impressas, o livro e as fontes orais foram coletados e analisados a partir de distintas metodologias, como já salientado, visando o diálogo das mesmas durante a escrita desta dissertação.

A construção de narrativas, sejam estas presentes nos relatos orais, nos documentos escritos ou nos documentos impressos possuem especificidades que tornam estas fontes únicas e dialogáveis. As fontes orais têm como um de seus primeiros questionamentos a sua confiabilidade, como bem lembra o historiador Robert Frank. Comparando-as com as fontes escritas, o historiador questiona o peso de veracidade e a "pureza" dada à fonte escrita ao entendê-la, assim como a fonte oral, como construída. A fonte escrita é elaborada por alguém, e este não a constrói para o historiador. Observam-se intencionalidades, a construção de significados dados por seus significantes. As fontes orais passam por um processo distinto, pois em sua construção, esta é "uma fonte provocada" pelo historiador, quando este interroga (FRANK, 1999, p. 107). Neste sentido, a fonte oral é uma trabalhosa construção realizada na "contemporaneidade entre quem testemunha e o historiador", na qual se faz necessária a percepção da "distância temporal entre a ação de testemunhar e a ação contada pela testemunha" (FRANK, 1999, p.107). Da mesma forma como Frank as historiadoras argentinas Marina Franco e Florencia Levin, atentam que tanto fontes escritas como fontes orais são fontes de representações, discursos e significados sobre o passado (FRANCO; LEVIN, 2007, p.31-65).

Outras especificidades das fontes escritas e orais se encontram nas diferenças observadas na área da linguística. A partir das considerações de Alessandro Portelli, a escrita representa um tipo de linguagem por meio de traços segmentários, tais como grafemas, sílabas, palavras, sentenças nos quais outros tipos de linguagens não podem ser simplesmente contidos ou delimitados. A linguagem oral possuiu seus timbres, nuances, volumes e ritmos que segundo Portelli "carregam implícitos significados e conotações sociais irreproduzíveis na escrita" (PORTELLI, 1997, p.28).

As fontes impressas, da mesma forma, possuem suas especificidades. Antes de serem meros depositários de acontecimentos, são "ingredientes do processo", são "forças ativas" da história que atuam nos "nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica" (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p.257) como afirmam as historiadoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto. A construção de sua escrita se constitui de uma elaboração narrativa em imagens, textos que em articulação, divulgam e constroem valores, ideias, projetos que da mesma forma como as fontes escritas e orais, produzem enaltecimentos assim como esquecimentos. Estas particularidades serão levadas em consideração e desenvolvidas com maior profundidade ao longo do processo de escrita desta dissertação. Entre estas

especificidades, o diálogo entre estas distintas fontes se faz necessário para a compreensão dos usos do passado no presente e de suas representações na construção de narrativas.

Nesta perspectiva, o primeiro capítulo desta dissertação trabalhará com a construção do Parque Sakura como "espaços" de construção e reconstrução de práticas representativas de "colônia japonesa". Desde a proposta de um projeto para sua construção às intenções de inserir o parque em um circuito turístico, este capítulo abordará a construção da "colônia japonesa" do Núcleo Celso Ramos. O segundo capítulo problematizará a realização do *Sakura Matsuri* – Festa da Floração das Cerejeiras, desde as suas primeiras edições divulgadas aos anos finais da primeira década do século XX. Como o *Sakura Matsuri* se transformou em um evento turístico de grandes proporções, atraindo visitantes de diversas partes do Estado de Santa Catarina e do Brasil? Ao longo de quinze anos da realização divulgada deste evento, observa-se transformações e distintos "perfis" de festa que são ressaltadas nos relatos orais, nas fontes impressas e nos documentos da Associação Cultural Brasil-Japão de Frei Rogério. O terceiro capítulo este problematizará memórias e a construção de distintas gerações no Núcleo Celso Ramos após o retorno de migrantes que se direcionaram ao Japão entre as décadas de 1980 e 2000, possibilitando a análise de diferenças e aproximações entre gerações, a partir do diálogo entre temporalidades nas narrativas.

1. DA CONFRATERNIZAÇÃO AO TURISMO: CONSTRUINDO UM PARQUE E UMA "COLÔNIA"

Unidos Construiremos

I - Ao dissipar sereno,
destaca-se verde dos pinhais.
O sol que se levanta festeja nossa partida,
e encoraja-nos.
Unidos construiremos a terra do ideal,
onde soam rumores dos motores

II - Aonde vão as nuvens,
avista-se o horizonte infinito.
A brisa que atravessa o campo,
sorri para nos alegrar.
Unidos construiremos a terra frutífera,
onde pairam flores e fragrância.

III- Ao cair do sol, contempla-se o universo estrelado.
O murmúrio das/águas que se ouve no silêncio.
Convida-nos para traçar o futuro.
Unidos construiremos a terra de paz,
onde reinam cantos eternos[1].

"Unidos construiremos" foi uma canção composta por Isokazu Kon em 1964, mesmo ano em que o Núcleo Celso Ramos foi fundado no município de Curitibanos. Composta em um momento em que as oito primeiras famílias de imigrantes japoneses chegavam a este município (OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004, p.37), esta letra envolve um fôlego "onde pairam flores e fragrância" e a expectativa por um futuro ainda a ser traçado por aqueles que partiram do Japão em direção a terras ainda desconhecidas. Como bem diz a letra, "avista-se um horizonte infinito".

Ao longo da década de 1960, diversas famílias de imigrantes japoneses começam a se estabelecer no Núcleo Celso Ramos e a exercer atividades agrícolas. Entre estas, encontrava-se Kentaro Yoshida[2], um imigrante japonês (naturalizado brasileiro posteriormente) que, aos seus 27 anos, estabeleceram-se neste Núcleo, situado em Curitibanos. Assim como outros imigrantes japoneses, Kentaro Yoshida partiu do Japão em 1958 no navio Brasil-Maru, que ia em direção ao Brasil. Durante sua entrevista, ele conta que decidiu migrar para este país de

[1]ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DE CURITIBANOS. Resumo Histórico da Colônia Governador Celso Ramos de Curitibanos, 23 de abril de 1994.

[2] No ano em que foi realizada a entrevista (2012), Kentaro Yoshida tinha 73 anos e ainda exercia as atividades agrícolas. O nome "Kentaro Yoshida" foi adotado como um nome fictício para preservar a identidade do entrevistado.

destino logo após o término do ensino secundário no Japão. Durante sua formatura, todos os professores que acompanharam os alunos durante os últimos três anos eram convidados para um chá de despedida.

> Porque 1958, após a guerra, nem passou dez anos ainda, né? Então Japão entrou em um passo para reconstrução do Japão. Praticamente, para nós ainda não tinha lugar para trabalhar, facilmente, né? Mas não por causa disso aí. No meu caso é loucura. [...] Então nesse chá de despedida, professores perguntando: "Kentaro Yoshida, o que você vai ser depois de estudou? E fulano, que que você vai ser assim?", perguntando pra todo mundo. Daí eu disse: "Eu vou imigrar. Não sei aonde, mas vou fora do Japão, vou tocar serviço fora do Japão", aí já declarei. Mas todo mundo: "é louco! Esse é louco!" (risos). Mas antes disso, já tinha falado com o meu pai, disso aí. Meu pai perguntou primeiro: "Kentaro Yoshida, o que você vai ser depois de...?" (pausa longa) eu nunca pensei nesse ponto ainda. Daí, pai disse assim: "Então, nossa família tem hospital, então recurso é estudar medicina e volta pro hospital". Daí respondi assim: "não pai, eu não gosto de ver sangue". Hospital, eu não ia aguentar lá dentro. De fato, olhando sangue, eu desmaiava, quando era pequeno, né. Porque quando era pequeno, fui criado dentro do hospital. Meu tio tinha hospital grande, então conhecia trabalho de hospital. Mas eu nunca gostei. Então ele [pai] disse assim: "ah, então você não gosta de médico, então, Japão daqui pra frente, perdeu a guerra, daqui pra frente, Japão conviver mundialmente, precisa ter diplomata muito bom! Então pode fazer esse da diplomata, pra ser diplomata. Mas pra ser diplomata, não é aquele que fala inglês? Hã-hã, eu não tenho cabeça pra isso aí (risos). O meu pai disse: "então que pode fazer? Bom, será que agricultura não pode?". Ele pensou assim: "não, agricultura importante, mas aqui no Japão, não tem onde, vai, você iniciar. Repartir o terreno que pai tem pra junto com seu irmão assim, não é fácil. Então tem que procurar outro meio pra ser agricultor". Daí que que eu vou ver, "se você quer mesmo assim, tem outro lugar, não no Japão, fora do Japão". Opa! Esse agora... (gargalhada).[...] "Fora do Japão". "Opa! Esse é bom!" (risos). Daí, já meu pai conhecia Coréia, China, Mongólia, Filipina, Nova Guiné, por aí tudo. "Aé, então tem chance pra você, mas é, fora do Japão dá pra ir". É, na verdade você deveria emigrar pra país asiático. Mas hoje, todos os países asiáticos são contra Japão, ainda não começou a, como chama? A reabrir a...porque parou, depois da guerra, né. Então tinha imigrante, alguma coisa por aí. Brasil já tinha aberto também. Tem único país, aceitando imigrante, Estados Unidos, Brasil e Argentina. Opa! Esse Brasil é bom, já sei! (gargalhada). A eu não gosto, C, B, bom![3]

Ao chegar no Brasil, Kentaro Yoshida estabeleceu-se em São Paulo, onde manteve os primeiros contatos a Cooperativa de Cotia[4]. Através desta, Kentaro Yoshida foi chamado para trabalhar como técnico em agricultura no cultivo de pêssego na colônia de Itaquera (SP). O

---

[3] Entrevista com Kentaro Yoshida. [18 mar. 2012] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2012. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

[4] A Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC) foi fundada em 1927 e organizada pelos imigrantes japoneses (SAKURAI, 1999, p.201-238). Os agricultores do Núcleo Celso Ramos incorporaram-se à mesma no início da década de 1970 (MARTINELLO, 2007). Na década de 1990, a CAC começa a entrar em falência. Este processo, nos meados da década de 1990, parte de uma junção de diversos fatores relacionados à crise econômica no Brasil: as dívidas dos cooperados que se tornam um real problema, quando as políticas públicas para de bancar os custos do subsídio agrícola (GONÇALVES; VEGRO, 1994).

objetivo de trabalhar nessa colônia era desenvolver a produção de frutas temperadas.[5] Neste momento, as políticas migratórias brasileiras eram favoráveis à entrada de imigrantes japoneses no Brasil, mas não sem uma discussão prévia sobre o perfil ideal e especificações sobre o imigrante. Ainda que a migração de japoneses não tivesse sido estabelecida oficialmente – processo que seria somente oficializado em 1963 – as relações diplomáticas entre Brasil e Japão foram reestabelecidas em 1952 (SAKURAI, 2008, p.189-239).

No início da década de 1960, Kentaro Yoshida continuou com o objetivo de desenvolver técnicas agrícolas para o plantio de frutas temperadas, porém em outro lugar, já que Itaquera para ele "era muito calor". Kentaro Yoshida estava à procura de um lugar que tivesse clima e condições favoráveis para o cultivo de fruta temperada. Ao entrar em contato com um engenheiro agrônomo da empresa de emigração japonesa, a Imigração e Colonização Ltda (JAMIC), Kentaro Yoshida refaz o diálogo: "Kentaro Yoshida, cê quer, tá surgindo uma conversa de fazer colonização em Santa Catarina. Santa Catarina é terreno, clima desejado por muitos produtores de fruta temperada, mas até de ir, ninguém tinha coragem de ir até lá"[6]. Kentaro Yoshida pediu um mês de férias e foi para o Rio Grande do Sul, pela estrada BR-116, recém construída. Na volta de suas férias, Kentaro Yoshida comprou uma revista sobre cultivo de frutas e nela viu uma fruta parecida com um pêssego, um "pêssego pelado", em suas palavras. A fruta era chamada de nectarina, e segundo a revista, já se encontrava em extinção. Kentaro Yoshida decidiu parar na cidade de Lages, no Estado de Santa Catarina, e neste município encontrou-se com outro engenheiro agrônomo, um conhecido seu. Queria buscar informações sobre as condições climáticas e de solo no estado.

O engenheiro agrônomo logo o levou a uma plantação de frutas, propriedade de um agricultor brasileiro, a 30 km de Lages. Ao chegar lá, Kentaro Yoshida se deparou com uma plantação murcha, quase morrendo. Em meio aos pés de uma variedade de frutas, Kentaro Yoshida observou uma árvore, cujos frutos lhes pareciam familiares. Pegou três frutas em boas condições e colocou-as nos bolsos de sua calça. Ao prosseguir viagem a São Paulo, Kentaro Yoshida colocou as frutas colhidas sobre a revista e as comparou com as imagens. Para seu espanto, eram nectarinas.

---

[5] Entrevista com Kentaro Yoshida. [18 mar. 2012] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2012. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

[6] idem

Um ano depois, em 1962, Kentaro Yoshida estava trabalhando na cidade de Lages, tentando desenvolver o seu projeto de plantação de nectarinas. Logo que as safras começaram a render, o envio dessas frutas para serem comercializadas em São Paulo começou a ser possível. O engenheiro agrônomo com quem tinha conversado anteriormente teve de ser transferido para Porto Alegre (RS). Kentaro Yoshida assumiu o seu lugar como responsável pelo desenvolvimento da agricultura, e principalmente pelo cultivo de nectariana. Além disso, Kentaro Yoshida seria responsável pelo contato com os órgãos governamentais brasileiros, no caso o IRASC. Foi neste momento em que o projeto da introdução da fruticultura, a partir da inserção de uma colônia de japoneses, começou efetivamente a ser aplicado no Estado de Santa Catarina. Este projeto foi realizado a partir de acordos entre o Governo do Estado de Santa Catarina, – através do Instituto de Reforma Agrária em Santa Catarina (IRASC) – as empresas de emigração japonesas Imigração e Colonização Ltda (JAMIC) e Assistência Financeira S/A (JEMIS) e o consulado do Japão em Porto Alegre (MARTINELLO, CARVALHO, 2010.p.97-121). A partir deste projeto, o Núcleo Celso Ramos foi fundado oficialmente em 1963, recebendo as primeiras famílias de imigrantes japoneses no ano seguinte.

Através destes acordos, Kentaro Yoshida, assim como outros imigrantes, adquiriram seus lotes de terras. Durante as décadas de 1960 e 1970, o Núcleo Celso Ramos tornou-se lugar de destino de dezenas de famílias de imigrantes japoneses que vieram principalmente do Rio Grande do Sul e de outros estados brasileiros, além daqueles imigrantes que vieram diretamente do Japão, em busca de novas oportunidades e da realização de seus sonhos. No início da década de 1980, Kentaro Yoshida ainda conta que tinha o seu sonho também: a construção de uma nova sede para a colônia japonesa do Núcleo Celso Ramos. Durante as duas primeiras décadas, a partir da fundação do Núcleo Celso Ramos, os imigrantes japoneses iniciaram o trabalho com a fruticultura no Estado de Santa Catarina e construindo o Núcleo Celso Ramos.

Desde a chegada das primeiras famílias de imigrantes japoneses ao Núcleo Celso Ramos, em 1964, o tempo tornou-se um oceano, cuja imensidão coloca a trabalhosa tarefa de trazer à superfície as memórias de trajetórias de vida, conectadas à construção do próprio Núcleo Celso Ramos. Por esta imensidão, tratar de histórias em sua plenitude e totalidade não é uma intenção nesta dissertação, mas sim entrelaçar perspectivas, olhares, memórias únicas e tecer interpretações no qual o tempo é mestre e emerge de forma, por muitas vezes, inesperada.

Os primeiros imigrantes japoneses a chegarem à região de Curitibanos, durante as décadas de 1960 e 1970, vieram entre famílias, primeiramente, e depois, entre grupos de jovens solteiros. Nessas primeiras décadas de vida do Núcleo Celso Ramos – também chamado pelos seus integrantes de "Colônia Celso Ramos" ou apenas "Ramos" – os imigrantes japoneses iniciaram o seu trabalho voltado para as atividades agrícolas, analisando os terrenos que poderiam ser colonizados e com o plantio de tomates, nectarinas, maçãs e alho. Além disso, fundaram associações, as quais, ao longo das décadas tiveram seus nomes alterados, e construíram a primeira Sede Social da Associação, nomeada "Associação de Imigrantes Japoneses de Curitibanos", em 1970 (OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004).

No entanto, além das famílias de imigrantes japoneses, algumas famílias de brasileiros, em menor número, começaram a se estabelecer no Núcleo Celso Ramos ainda nos meados da década de 1960. A presença de brasileiros no Núcleo foi encontrada no livro publicado no ano de 2004, em comemoração aos quarenta anos de existência do mesmo. Com poucos dados a respeito desta participação na colonização, nas atividades agrícolas e nos eventos sociais internos, observa-se que o livro tem seu foco na construção de uma história voltada aos imigrantes japoneses e seus descendentes. A presença e participação de brasileiros no Núcleo Celso Ramos torna-se mais visível nos relatos orais concedidos a esta pesquisa, em memórias que representam e marcam períodos distintos da história do Núcleo.

Durante a entrevista realizada com Kentaro Yoshida, a relação entre japoneses e brasileiros não descendentes de imigrantes japoneses pôde ser percebida não de forma explícita, mas nas entrelinhas de sua narrativa, quando o mesmo traz à tona as memórias sobre a construção de uma nova sede da associação, cujo nome foi mudado para "Associação Cultural Brasil-Japão de Curitibanos" em 1972. Quinze anos depois, no mesmo terreno onde se encontrava a sede, iniciaram-se os projetos da construção de um parque, um espaço para "confraternização". Além da entrevista realizada com Kentaro Yoshida, outras fontes históricas chamam a atenção para a construção deste parque, demonstrando intenções distintas quanto ao uso que seria feito deste espaço. Neste sentido, este capítulo problematizará memórias e narrativas sobre as construções da sede e do parque – pelas quais permeiam a relação entre imigrantes japoneses e brasileiros – bem como as transformações que fazem parte da construção destes espaços.

1.1. "Eu narro, você sonha": memórias e narrativas sobre a construção de uma colônia japonesa.

No início da década de 1980, as atividades no Núcleo Celso Ramos estavam movimentadas. O cultivo de alho, iniciado na década anterior, estava rendendo bons resultados, enquanto outros tipos de cultivo estavam sendo pesquisados e implantados no Núcleo. Além disso, a antiga ponte de madeira que atravessava o Rio Marombas – o qual dificultou o acesso ao Núcleo Celso Ramos durante as duas primeiras décadas de sua existência – havia sido substituída por uma ponte de concreto, a partir de recursos do Governo Estadual (OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004). A presença de autoridades do governo, do consulado japonês, além de palestrantes em cursos relacionados à agricultura não foi rara nesta década de 1980. Foi ainda no início desta década que o primeiro telefone público foi instalado na primeira sede do Núcleo Celso Ramos (OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004), parte do processo de "modernização" que chegava ao campo junto à rede elétrica que havia sido instalada no final da década de 1960, substituindo a luz de velas e lampiões.

Sobre este momento, o agricultor Kentaro Yoshida, aos seus 73 anos, conta que ao final da década de 1980 tinha intenções de "viajar" ao Japão, e aproveitando a oportunidade, levaria algumas propostas, que ele mesmo chama de "sonhos", do Núcleo Celso Ramos ao que ele chamou de Ministério das Relações Exteriores do Japão. Durante sua entrevista, Kentaro Yoshida fala a respeito deste "sonho", um projeto idealizado antes de sua partida ao Japão: a construção de uma nova sede da sociedade japonesa.

> Eu convidei toda comunidade, daqui pra frente, nós mudamos sede para ... sede tinha aqui né, onde tinha a igreja[...] lado de cá, que é onde ali tá a octogonal, onde tem a nossa associação, a nossa sede hoje, né [...] aí pessoal, naquele tempo, tudo mato aqui. Diz, "por que quer deixar isso aqui, muda pro mato?", porque, naturalmente, visão mais aberta. Aqui não é comuni.. sede da comunidade do japonês. Aqui é sede da colônia Brasil... Celso Ramos. Então, sede de colônia Celso Ramos, logicamente tem que ter igreja católica, tem bastante brasileiro, tem que ter outra igreja, precisar, tem que ter escola. Aqui vai ser pra sede disso aí. Agora, sede da sociedade japonesa, não é Núcleo. Sede, apenas sociedade japonês tem que mudar pra lá. Mas assim mesmo, o japonês não... o , concordou. Aí um dia vou levar vocês pra lá, e vou explicar, por que que, deixando essa parte para comunidade brasileira, deixando nossa sede, japonês desse lado. [...] Vou explicar bem direitinho. Aí um dia trouxe todo mundo pra lá, mato assim, 'senta por aqui, eu vou narrar meu sonho aqui, assim, assim, assim, assim. Fecha os olhos, depois concentra. Primeiro, na mente nossa matagada aqui tudo assim. Tá enxergando, céu assim?' Outra, segunda.. falei "Kentaro Yoshida, como é que vou fazer isso aí" (risos). Então não precisa pensar. Então eu narra, você sonha assim. Então ó, desmatando aqui, dois hectares. Então aqui vai ser assim, assim, assim, assim. Parte limpo, grande ali. Não assim? É, agora tá entendendo. É assim,

> então, onde abriu aqui, nós desmatamo tudo e aplainamo tudo e vai ter novos, o, o clube, sócio japonesa aqui. Assim, assim, assim. Ah, agora estamos entendendo. Então vão deixar lá, para sociedade brasileira, nós vamos mudar pra cá. E o dinheiro pra construir casa? Isso eu já conversei com a JICA, JICA vai ajudar para nós. Mas, Kentaro Yoshida, converso senhora. Aí 1960, 30, 83, eu estava viajando pro Japão. Na ocasião passei e.. e... como diz ..humm.. (falando em japonês) ministério do exterior, daí dessa vez, você quer levar o que? Turma perguntou. Nesse eu quero, o, a sede social da colônia japonesa, assim, assim, assim, porque sede está crescendo, parte do brasileiro também está crescendo bastante. Então futuramente, nós deveria ceder, de cercar para brasileiros. Então precisa mudar japonês nessa parte de cá. Ah, concordou. Então tá bom. Só pode esperar qualquer projeto, você manda, daí vem pra cá.[7]

Observando este trecho de entrevista, o "sonho" de Kentaro Yoshida era a construção de uma "sede social da colônia japonesa". No caso, uma nova sede. A primeira sede foi construída na década de 1970, e encontrava-se em uma área, onde atualmente se encontra uma igreja da religião católica, construída entre 1987 e 1991. A igreja, segundo Kentaro Yoshida, era destinada aos brasileiros, assim como o espaço ao redor dela. Durante sua narrativa, Kentaro Yoshida quase designou este espaço como a "sede da colônia brasileira", mas com uma breve correção em sua fala, a primeira sede seria a do (Núcleo) "Celso Ramos". Neste ponto, Kentaro Yoshida marca uma diferença entre o Núcleo Celso Ramos e a construção de uma nova sede. Mais do que uma diferença, ele marca um divisor de águas entre brasileiros e japoneses: era necessário construir uma nova sede, voltada apenas aos japoneses, e que, para ele, faz parte do Núcleo Celso Ramos, mas não é o "Núcleo". "Apenas sociedade japonês tem que mudar pra lá". Ao compartilhar esta ideia com outros japoneses, o estranhamento ganhou espaço quando o "lá" era um matagal que, na narrativa de Kentaro Yoshida, impedia a visão de uma sede construída para os mesmos. Era necessário imaginá-la: "eu narra, você sonha", ou mais do que isso, compartilhar sonhos tecidos em sua narrativa. Talvez Walter Benjamin pudesse encontrar em Kentaro Yoshida a presença de um narrador. A ausência deste, tão preocupante e percebida por Benjamin no início do século XX, encontra um fôlego em Kentaro Yoshida, em sua intenção de narrar seus sonhos.

Em um primeiro momento, os japoneses não concordaram com suas ideias e explicações. Sem desistir, Kentaro Yoshida decide propor novamente as suas ideias, porém, de uma forma diferente. Ao pedir que todos se reunissem no local em que imaginava a segunda sede, Kentaro Yoshida pediu para que fechassem os olhos e se concentrassem. No cair das pálpebras, os sons das palavras se fizeram compreensíveis e claras aos aguçados

---

[7] Entrevista com Kentaro Yoshida. [18 mar. 2012] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2012. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

ouvidos, e a visão do matagal que impedia a visualização de seu sonho se desmancha. Era possível visualizar o lugar não como um matagal, mas como um espaço para aqueles imigrantes japoneses. A intenção de Kentaro Yoshida era "explicar", e, no entanto, o que ele fez foi narrar. Ele não realizou apenas um trabalho de descrição com informações secas sobre o lugar, com informações que "aspiram a uma verificação imediata", afinal era a narrativa da expectativa de um sonho que era narrado durante sua entrevista. Da mesma forma, ele não narra uma sede já estruturada ou mesmo, ele não explicou por que deveria ser concretizada. Mas sim, a sede foi, aos poucos, sendo construída enquanto Kentaro Yoshida narrava, como se cada palavra, cada imagem fossem tijolos sendo colocados um a um até chegarem ao seu processo final. Ele é a figura do oleiro de Benjamin, que imprime sua mão na argila do vaso. A narrativa estava sendo tecida com suas marcas e ao mesmo tempo, compartilhada.

Ouvindo sua narrativa, as memórias sobre uma narração soltam suas amarras e, tornam-se possíveis a partir de experiências vividas e anteriormente sonhadas por Kentaro Yoshida. Para ele, a sede já era mais visível. Era uma concreta sede em seu sonho. Mas antes de explicá-la como "pronta", era necessário narrar a sua futura construção. Era necessário fazer os ouvintes, imigrantes japoneses, viajarem pelo seu sonho. Ao falar sobre este momento da construção da nova sede, Kentaro Yoshida constrói sua narrativa no presente e narra como um momento crucial de grandes feitios para a colônia de japoneses. Afinal, até os dias atuais, as atividades cotidianas destes japoneses e seus descendentes se concentram neste espaço, quando não estão trabalhando nas lavouras. Kentaro Yoshida narra um passado resignificado no presente. Sua narrativa envolve um passado-presente, um passado aquecido o suficiente para fazer uma "narrativa da narração" no presente do relato oral. Nas palavras da historiadora Lucilia de Almeida Neves Delgado, "a narrativa contém em si força ímpar, pois é também instrumento de retenção do passado e, por consequência, suporte do poder do olhar da memória" (DELGADO, 2003, p.22). O relato oral de Kentaro Yoshida se constitui em uma narrativa sobre o passado, no qual ele mesmo era o próprio narrador de seu sonho, compartilhando-o e incorporando-o aos sonhos de seus ouvintes.

A primeira associação de imigrantes japoneses criada no Núcleo Celso Ramos, ainda na década de 1960, era chamada de Associação Ramos. Seu nome foi alterado para Associação de Imigrantes Japoneses de Curitibanos no ano de 1970, ano no qual foi construída e inaugurada a primeira Sede Social da Associação.

> Para a construção dessa Sede, Daichi Ito e Tadashi Hiura trabalharam toras para fazerem as madeiras, usando machado de lâmina larga, o que durou 20

> dias; após isso, sob o comando de Tsugio Kudo, todos os moradores da Colônia cooperaram na construção. Este evento foi comemorado com apresentação de peças teatrais, danças e músicas típicas do Japão (OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004, p.48).

A associação como espaço para a organização dos imigrantes japoneses, neste ano de 1970, ganha a sua estruturação física, construída pelos próprios imigrantes. Segundo a antropóloga Célia Sakurai, "em todos os países que existem descendentes de japoneses há inúmeros *nihonjinkai* ou 'associações de japoneses'" (SAKURAI, 2007, p.291), nos quais os imigrantes japoneses se organizam e constroem escolas, a sede social, as quadras para esportes. São espaços que, segundo a antropóloga, criam respaldo para as atividades destes imigrantes: espaços para educação; espaço de sociabilidades às mulheres[8]; espaço para a realização de atividades esportivas.

O trecho acima, selecionado do histórico do livro publicado em 2004, em comemoração aos quarenta anos da "Colônia Celso Ramos" deixa explícito o árduo trabalho para a construção da primeira sede e o trabalho comunitário dos "moradores da Colônia". Como observado por Sakurai, a construção destes espaços realiza-se a partir do trabalho em conjunto, com base na divisão de tarefas por gênero (SAKURAI, 2007, p.291), além da contribuição de dinheiro dos próprios imigrantes japoneses (SAKURAI, 2007, p.291). Em 1972, a Associação de Imigrantes Japoneses de Curitibanos sofre novamente uma alteração de nome para "Associação Cultural Brasil-Japão de Curitibanos", o qual permanece até o presente ano desta pesquisa. Estas mudanças de nomes estão relacionadas às construções de representações, mais especificamente sobre como os imigrantes de japoneses em Curitibanos veem a si mesmos e como gostariam de ser representados, "vistos", perante sociedade brasileira – ponto de discussão que será retomado no segundo capítulo desta dissertação. Uma mudança de nome significaria a enunciação da inclusão e participação de brasileiros não descendentes de imigrantes japoneses na associação?

As décadas de 1960 e 1970 no Núcleo Celso Ramos foram vivenciadas por diversos imigrantes japoneses, mas também brasileiros não descendentes de japoneses, bem como diz Kentaro Yoshida. No livro publicado no ano de 2004, em comemoração aos 40 anos da "Colônia Celso Ramos", observa-se um "Recenseamento das Famílias dos Colonos" no qual se encontram além das famílias de imigrantes japoneses, as famílias de brasileiros sem ascendência japonesa, que adquiriram lotes no Núcleo Celso Ramos. Não há as datas de

---

[8] No Núcleo Celso Ramos, até o presente momento desta pesquisa, há a presença de um "grupo de senhoras", fundado com o nome de "Grupo de Senhoras da Cooperativa Agrícola da Colônia Celso Ramos", no ano de 1965 (OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004, p.40).

entrada na colônia como há para os registros sobre os imigrantes japoneses. No entanto, o que se observa é que o primeiro registro da presença de brasileiros no Núcleo, segundo este livro, ocorre em 1965, com a entrada de três famílias; em contrapartida, observando o recenseamento, grande parte das famílias de brasileiros que entraram no Núcleo, neste ano de 2004, não se encontravam mais associados ao mesmo.

Observam-se aqui alguns pontos interessantes: primeiramente, o reconhecimento de que o Núcleo Celso Ramos não era tão somente formado por imigrantes japoneses, como também, por brasileiros. Um segundo ponto a ressaltar, é que a partir deste reconhecimento e por conta do crescimento do número de pessoas no Núcleo Celso Ramos, para Kentaro Yoshida era necessário construir uma nova sede, constituída apenas por japoneses e separada da dos brasileiros. Em outras palavras, a narrativa de Kentaro Yoshida deixa a entender que a primeira sede seria a do Núcleo Celso Ramos, formado por brasileiros e a segunda sede incluiria apenas japoneses. Contudo, por mais que houvesse esta pontual separação de espaços, um utilizado por brasileiros e a outra por japoneses, isto não significaria o sentimento de pertencimento tão somente a um destes, já que algumas práticas culturais demonstram que estas separações não são tão rígidas, como pode ser observado em um poema "Ramos Minha Pátria":

Ramos, minha Pátria No verdor da
Natureza Há uma coisa de grande valor
O que será O que será
É a escola adorada e os Amigos queridos

Ramos, minha pátria
Ao sentir o cheiro primaveril
Floresce uma coisa muito graciosa
O que será O que será
É a pétala vermelha da Azaléia risonha

Ramos, minha pátria Ao avistar a
Ventania invernal desce algo muito raro
O que será O que será
É o branco e meigo flocos de neve

Ramos, minha pátria
Que ainda é uma criança
Mas carrega uma coisa de grande valor
O que será O que será
É fatura de AMOR e SONHO
(OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004, p.23)

Escrito por Kiyoka Honda, uma descendente de japoneses, este poema foi vencedor de um concurso realizado em 1981, cujo tema era "Hino para a Escola de Língua Japonesa no Brasil", promovido pela *Bunká*, uma emissora de rádio japonesa situada em Tókio, e o jornal

Diário NIPPAK, situada na cidade de São Paulo. O próprio título do poema traz a construção de pertencimento, quando representa o Núcleo Celso Ramos ou "Ramos" como pátria, e ao mesmo tempo, transpassa os limites espaciais estabelecidos na narrativa de Kentaro Yoshida. A fronteira é delimitada quanto aos aspectos espaciais, na existência de duas sedes: a primeira sede, a do Núcleo Celso Ramos, espaço designado aos brasileiros, e a construção da segunda sede, o espaço dos japoneses. No entanto, a partir do poema, o Núcleo Celso Ramos não se reduz às fronteiras físicas e espaciais, já que este é representado como uma entidade simbólica. Não à toa, este poema foi encontrado como o "Hino da Colônia Celso Ramos", no livro "O Caminho da Colônia Celso Ramos", escrito por japoneses e publicado em 2004. A própria organização do livro, que dá ênfase à uma história cronológica sobre imigrantes japoneses e seus descendentes, publica-o sob o nome "Colônia Celso Ramos" no título. A intenção não era separar a história dos japoneses e seus descendentes da história do Núcleo Celso Ramos. Neste sentido, o Núcleo Celso Ramos pode ser percebido sob duas perspectivas distintas: na narrativa de Kentaro Yoshida, ele o define como um elemento físico-espacial, representado por uma sede, enquanto o livro e o poema transcende esta delimitação, a partir da intenção de construir a totalidade de uma história do Núcleo – no caso do livro – e da representação de "Ramos" como pátria – no caso do poema. Aqueles que compuseram o hino e produziram o livro demonstraram um sentimento de pertencimento tanto a uma colônia de japoneses, quanto ao Núcleo Celso Ramos.

Além das delimitações físico-espaciais e as suas transgressões, tanto o livro, como na narrativa de Kentaro Yoshida, os brasileiros não descendentes de japoneses estão presentes no Núcleo Celso Ramos. No entanto, até mesmo no livro, raramente há a participação de brasileiros na colonização e na construção do Núcleo Celso Ramos – com exceção da participação de autoridades brasileiras e da participação de brasileiros no aprendizado da arte marcial *Kendo*. Neste ponto, tanto a narrativa de Kentaro Yoshida como o conteúdo do livro se aproximam, na criação de "fronteiras" entre brasileiros e japoneses, a partir da delimitação de espaços em que os brasileiros estão presentes ou não. A existência destas fronteiras não significam barreiras intransponíveis e sólidas. Muito pelo contrário, estas fronteiras se demonstram porosas se observadas como espaços de construção de distinções e aproximações, de construção de identificações e identidades instáveis (MICHAELSEN; JOHNSON, 2003, p.13-57).

Se por um lado observa-se a rara presença de brasileiros no livro, as distinções ressaltadas em quase todos os relatos orais coletados, a própria construção realizada pela imprensa sobre o Núcleo Celso Ramos – que o representa como uma colônia de japoneses – e

a permanência de poucas famílias de brasileiros não descendentes de japoneses no Núcleo, por outro lado, observa-se a tentativa de estimular maior participação de brasileiros sem ascendência japonesa nas decisões da "colônia japonesa". Esta ambiguidade se encontra nas transformações que atravessam o tempo e perpassam gerações não sem conflitos. Mas, sobretudo, demonstram que a fronteira como espaço existe e "sempre tem sido cruzada" (MICHAELSEN; JOHNSON, 2003, p.13-57).

A narrativa de Kentaro Yoshida faz emergir memórias em que esta "zona de fronteira" é perceptível, ao narrar a construção da segunda sede, em 1981. Seria a sede da "comunidade japonesa" que se constituiria em um clube, o que entre os imigrantes e seus descendentes é chamado de "*kaikan*". Nas palavras de Kentaro Yoshida, seria uma "sede social". Ao compartilhar o seu sonho com os demais japoneses, um processo para a construção da "nova sede" foi iniciado.

> Nessa parte, muito bom, era a nossa comunidade é misto, entende? Qualquer coisa deixa para o lado...(Risos). Né, aproveita. Assim, o (palavra em japonês), o... o concordou, mandar dinheiro. Então fizemo projeto através desse filial do JICA, pra Porto Alegre. Daí desenhei tudo, fiz arquitetura tudo assim. Agora novo *Kaikan* vai ser assim, assim, assim, é, Japão ajuda só, então tem que fazer bastante econômico, para fazer isso ali. Então, nem dá de gastar dinheiro para arquiteto. Mas naquele tempo, já começou uma lei meio complicado. Daí assim levou o desenho que eu fez tudo, para órgão, construtora. Agora pode fazer na base dessa ali, ela não fez o cálculo co..o físico da, do, do, do engenharia, e isso a firma faz. O desenho assim, assim, assim. Assim passou, então construímos esse clube ali, por meu desenho ali [...] daí mudou o sede social pra lá, agora eu vou apresentar novo projeto assim, assim, assim. E durou ali, vamos fazer parque de *Sakura*. Mas, como que vai fazer isso aí? Como, não precisa perguntar. Só criar a boa vontade de assistir todo o ano *Sakura*. Só isso ali. O resto, eu preparo tudo. Tá, então tá ok.[9]

As memórias sobre o processo da construção da segunda sede constituem a narrativa de Kentaro Yoshida em um diálogo entre ele e demais ouvintes, como se uma cena emergisse das profundezas à superfície de forma vívida. No entanto, a memória, embora ambicione a veracidade assim como a história, está sujeita a seletividade, aos enaltecimentos, esquecimentos, usos e abusos da memória como ressalta o filósofo Paul Ricoeur. As memórias, antes de serem consideradas associadas à imaginação, podem ser consideradas uma "reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do

[9] Entrevista com Kentaro Yoshida. [18 mar. 2012] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2012. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

passado" (ROUSSO, 2006, p.94). Segundo a historiadora Helenice Rodrigues da Silva, a memória associada à imaginação foi compreendida pela tradição filosófica durante muito tempo como "o passado construído e transmitido por imagens e representações", envolvendo unicamente uma "experiência interior". Para a historiadora, "a memória, visando unicamente à interioridade, torna-se objeto de dúvidas e suspeitas" (SILVA, 2002, p.427). Esta vulnerabilidade abre portas a outros questionamentos sobre a memória.

Os debates sobre a memória remetem à sua relação com a história. Tais discussões reconhecem suas diferenças e as inter-relacionam de forma que memória e história não mantém uma relação tão somente de fusão ou de oposição (BONA, 2010, p.132). A história não atua nem em prol de uma memória nacional, como observado na produção historiográfica francesa do século XVIII e XIX. Até a virada do século XX, memória e história eram consideradas sinônimas (BONA, 2010, p.135). Na primeira metade do século XX, no campo das ciências sociais, Maurice Halbwachs iniciou uma discussão sobre as distinções entre memória individual e memória coletiva em sua obra intitulada Memória Coletiva.

Partindo de uma perspectiva sociológica, Maurice Halbwachs coloca que

> Talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que o recordamos, do ponto de vista desse grupo (HALBWACHS, 2006, p.41)

Para Halbwachs, memória individual e memória coletiva possuem um vínculo. Não há memória individual que não seja coletiva. No entanto, este vínculo interdependente não se encontra entre memória e história. Segundo Halbwachs, estas seriam opostas, pois a primeira se encontraria no que foi vivenciado (passado vivido) e o outro passa pelo crivo crítico, é onde se encontraria a objetividade absoluta (BONA, 2010, p.137).

Nas décadas finais do século XX, a partir desta oposição entre memória e história, Pierre Nora[10] salienta as distinções entre ambas. Com a aceleração da história, através da mundialização, da difusão da mídia na sociedade contemporânea, um distanciamento entre memória e história começa a ser percebida (NORA, 1993, p.8). "Memória, história: longe de

[10] Nora e Halbwachs expressam esta oposição entre memória e história. Porém como salienta o historiador Aldo Nelso Bona, a crítica de Nora sobre a memória se situa em um momento em que a memória supervalorizada, faziam das experiências o vivido intraduzível pela história no período pós-guerra. Para Bona, a crítica de Nora é uma reação à supervalorização da memória (BONA, 2010, p.139).

serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma a outra" (NORA, 1993, p.9). A memória suscetível à lembrança e ao esquecimento também é vulnerável pelos seus usos e manipulações. A memória é ligada ao presente, "afetiva e mágica", enquanto a história seria a representação do passado, "se constitui por uma 'operação intelectual laicizante', demanda análise e discurso crítico" (NORA, 1993, p.9). A história teria a memória sempre sob suspeita e "sua verdadeira missão é destruí-la" e a repelir. Seria sua deslegitimadora, segundo Nora. Neste sentido, a memória, prisioneira da história, transformou-se em uma memória historicizada (SEIXAS, 2004, p.41). A memória refugiada na história tem seus vestígios nos lugares de memória, pois "se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares" (NORA, 1993, p.8).

Segundo os estudos do historiador Aldo Nelson Bona, uma revisão sobre as relações entre memória e história foi realizada. A partir do filósofo Paul Ricoeur e do historiador François Dosse, esta relação não se constitui nem de fusão, nem de oposição, mas sim a partir de uma "interpenetração desses campos" (BONA, 2010, p.140). Esta relação entre memória e história passou por um processo de mudanças, no qual a história do tempo presente contribuiu para a aproximação de ambas, modificando a relação com o passado (BONA, 2010, p.140-141). Bona ainda ressalta outro fator decisivo nesta relação entre memória e história: o retorno da filosofia do sujeito. Segundo o historiador, esta rejeita o determinismo e reconhece a "ação intencional e intersubjetiva, dotada de sentido". A partir deste retorno, o aumento dos estudos sobre memória coletiva contribuiu com uma "abordagem crítica e tornando falso o dilema da escolha entre uma história fundada no contrato de verdade e uma memória alimentada na veia da fidelidade" (BONA, 2010, p.141).

A memória não é somente uma construção individual, mas também uma construção social, que parte de "um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional" (ROUSSO, 2006, p.94). Segundo o filósofo Paul Ricoeur, neste processo há um "compartilhamento de lembranças", no qual "o testemunho não é considerado enquanto proferido por alguém para ser colhido por outro, mas enquanto recebido por mim de outro a título de informação do passado" (RICOEUR, 2007, p.131), de forma que os estudos de Halbwachs atentam para uma "atribuição ilusória da lembrança de nós mesmos, quando pretendemos sermos seus possuidores originários" (RICOEUR, 2007, p. 132). Reconhecendo este primeiro ponto nas discussões acerca da memória, os estudos do filósofo Paul Ricoeur trazem importantes considerações a respeito da memória individual e memória coletiva. Antes de apenas considerar uma hipótese da "polaridade entre memória individual e memória

coletiva", Ricoeur salienta que no campo da história há de se considerar a hipótese de "uma tríplice atribuição da memória: a si, aos próximos, aos outros" (RICOEUR, 2007, p.142). Ao indagar sobre a existência de um plano no quais se operam "as trocas entre memória viva das pessoas individuais e a memória pública das comunidades", Ricoeur aponta para um plano que se consiste da relação com os "próximos", aqueles com os quais "compartilhamos" e aqueles que compartilham "conosco" o "contar". Os próximos se encontram na "faixa de variação das distâncias na relação entre si e os outros", uma relação que envolve a dinâmica do distanciamento e da aproximação. "Tornar-se, sentir-se" próximo é uma "ligação com os próximos [que] corta transversal e eletivamente tanto as relações de filiação e de conjugalidade quanto as relações sociais dispersas segundo as formas múltiplas de pertencimento ou as ordens respectivas de grandeza", trajeto de atribuição da memória, no qual os próximos se situam. (RICOEUR, 2007, p.141).

Neste sentido, as memórias sobre a construção de uma segunda sede emergem na narrativa de Kentaro Yoshida de forma que ele se coloca na primeira pessoa do singular assim como no plural. O "eu" e o "nós" por vezes se misturam em sua narrativa, a qual torna narração um ato de compartilhamento em suas memórias, que é possível pela existência dos próximos. Não à toa, Satoru Okada, outro imigrante japonês do Núcleo Celso Ramos, ao conceder a sua entrevista, faz esta dinâmica do distanciamento e da aproximação quando conta sobre a sua chegada na "colônia" em 1976, comparando as suas vivências no Japão e no Brasil:

> porque é isolado, mesma coisa agora no Brasil também, cidade grande, quase, quase não tem relação do que é outro pessoa, vizinho, né? Mas, mais rigoroso no Japão, assim, sabe? Então quase não conhece vizinho... que que é vizinho, que que tá fazendo, quase não tem conversa, né. Aí, mas eu não gosto disso também, mas nunca tinha bastante. Vizinho, comunidade, não, não tinha, não tinha quase relação, né. Aí quando cheguei colônia, aqui mesmo, aí...chei..chei de... n...nunca pensei relação vizinho, com comunidade, já tem algum encontro, algum conversa. Aí primeiro...isso e gostei. E... e outro, outra coisa, pessoa, aqui no colônia, pessoa é bastante inteligente, boa ideia tinha bastante, é.. tudo..tem característica, característica, característica? Especial, aí gostei, né. Nunca tinha assim, relação humana no Japão, sabe. Eu gostei também fazer, desenvolver, melhorar colônia mesmo, comunidade mesmo, de mov... tinha bastante movimiento, né. Aí também gostei, aí também pensei, "ah, posso viver (tosse) aqui na comunidade, assim né. [...] melhorar, é…aquí, acho que, todas colônia, todas colônia japonesa igual, talvez, colônia terreno pequeno, e...(tosse) não tinha mais campo pra trabalhar, seus filhos voltar, só um filho chega, né. Aí resto vai sobrar e procurar serviço pra outra, pra outro lugar. Mas, aqui é...é...terreno de centro, nossa comunidade, né, tem bastante 60 hectares, aí já tinha plano para fazer é... ambienta...tipo japonês, fazer parque. Já tinha ideia sabe, ainda não tinha dinheiro, então só por enquanto o ideia. Mas, bastante pessoa tá (tosse), tá pensando em realizar esse sonho, e outro atividade cultural também, *undokai*,

> *enenkai*, coisa assim. Eu gostei isso, e tem futuro também, desse sonho. Então posso participar a realizar esse sonho.[11]

Satoru Okada constrói a sua narrativa na qual o "sentir-se próximo" é demonstrado na relação do "encontro, da conversa" na "comunidade". O estreitamento ocorre na construção de pertencimento no cotidiano, "no fazer junto", na realização de um plano: fazer um parque "tipo japonês". Os sonhos de Kentaro Yoshida aqui se encontram com os sonhos de Satoru Okada. Em ambas narrativas, as memórias sobre a construção da segunda sede e da construção do parque são resignificadas como "sonhos". Nas construções de suas narrativas a dinâmica entre temporalidades se faz perceptível na evocação de memórias que a todo tempo emergem no presente, resignificando o passado sem deixar de remeter ao futuro, aquele que se torna significativo quanto às diversas expectativas em cada relato oral. Em ambas narrativas – de Kentaro Yoshida e Satoru Okada – o passado resignificado no presente traz também as expectativas quanto ao futuro, uma forma de continuidade que remete à construção de identidades e identificações a partir construção da própria delimitação de espaços que tinham a intenção de ser reservadas aos japoneses no Núcleo Celso Ramos, pontos que permitem a percepção da construção de uma "colônia de japoneses".Segundo o filósofo Paul Ricoeur, "o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal" (RICOEUR, 2010, p.93). Neste sentido, a partir das narrativas orais há a possibilidade de perceber a existência de diversas temporalidades que se constituem na memória, que não necessariamente se tece de forma contínua na narrativa, mas também pode ser considerada descontínua.

A segunda sede foi construída em 1981 (OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004, p.65), no local idealizado por Kentaro Yoshida, recebendo cerca de Cr$ 1456,00 de uma das filiais da Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA)[12] e Cr$ 10 000,00 de cada família japonesa que integrava a colônia.[13] Não obstante, na continuidade da narrativa de

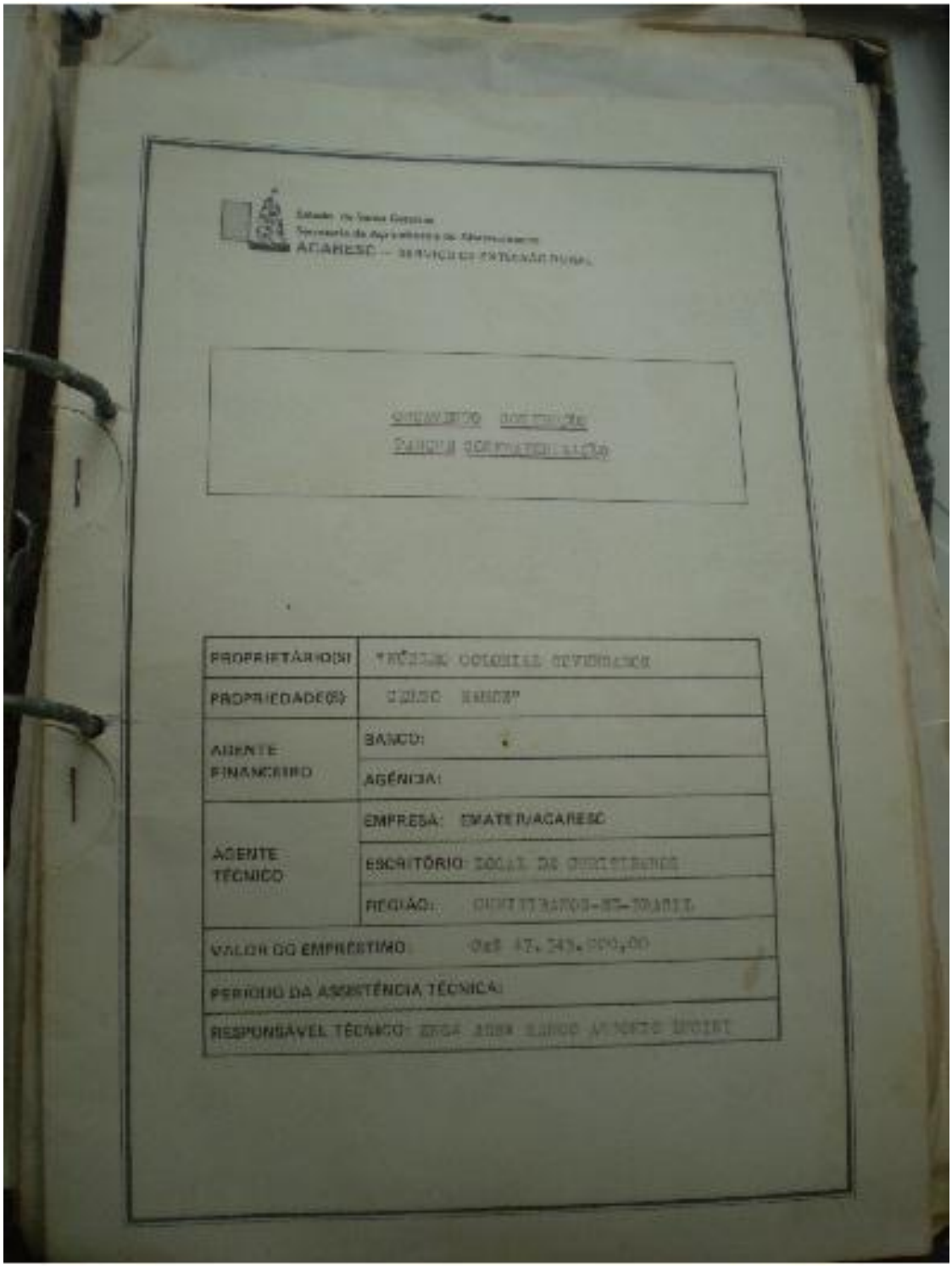
---

[11] Entrevista com Satoru Okada. [08 out. 2011] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2011. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

[12] A JICA - Japan International Corporation Agency (Agência de Cooperação Internacional do Japão) é um órgão do Governo Japonês, fundada em 1974. Este órgão começou suas atividades no Brasil em 1976, junto à Embaixada do Japão, visando o financiamento de projetos de cooperação técnica, relacionados à comunidade Nikkey no Brasil, a partir de um fundo assistencial. Atualmente, existem duas filiais que se encontram em Brasília e em São Paulo. Dados acessíveis em: http://www.abc.gov.br/treinamentos/informacoes/JICA.aspx e http://www.jica.go.jp/brazil/portuguese/office/activities/brazil01.html

[13] Os valores no padrão monetário Cruzeiro (Cr$), que esteve em circulação no Brasil, entre 1970 e 1986 não possui valor corresponde ao Real (R$) maior que zero.

Kentaro Yoshida, outro projeto começou a ser elaborado, posteriormente à construção da segunda sede. Segundo o mesmo, o projeto do “Parque *Sakura*”. A iniciativa da construção de um parque surgiu nos meados para os anos finais da década de 1980, quando em 1987 foi criada uma comissão que ficaria responsável pela construção do parque (OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004, p.76). No ano seguinte, observa-se a efetivação da ideia de construção de um parque aos arredores do local onde se encontrava a segunda sede quando um projeto orçamentário foi enviado à Associação de Crédito e Extensão Rural de Santa Catarina – ACARESC, em 1988.



ACARESC

PROPRIETÁRIO(S)	
PROPRIEDADE(S)	
AGENTE FINANCEIRO	BANCO:
	AGÊNCIA:
AGENTE TÉCNICO	EMPRESA: EMATER/ACARESC
	ESCRITÓRIO:
	REGIÃO:
VALOR DO EMPRÉSTIMO	
PERÍODO DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA:	
RESPONSÁVEL TÉCNICO:	

Imagem 1 – Capa do projeto de orçamento do "Parque de Confraternização".[14]

[14] SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO. ACARESC. Orçamento Construção Parque Confraternização, Curitibanos, 21 de setembro de 1988.

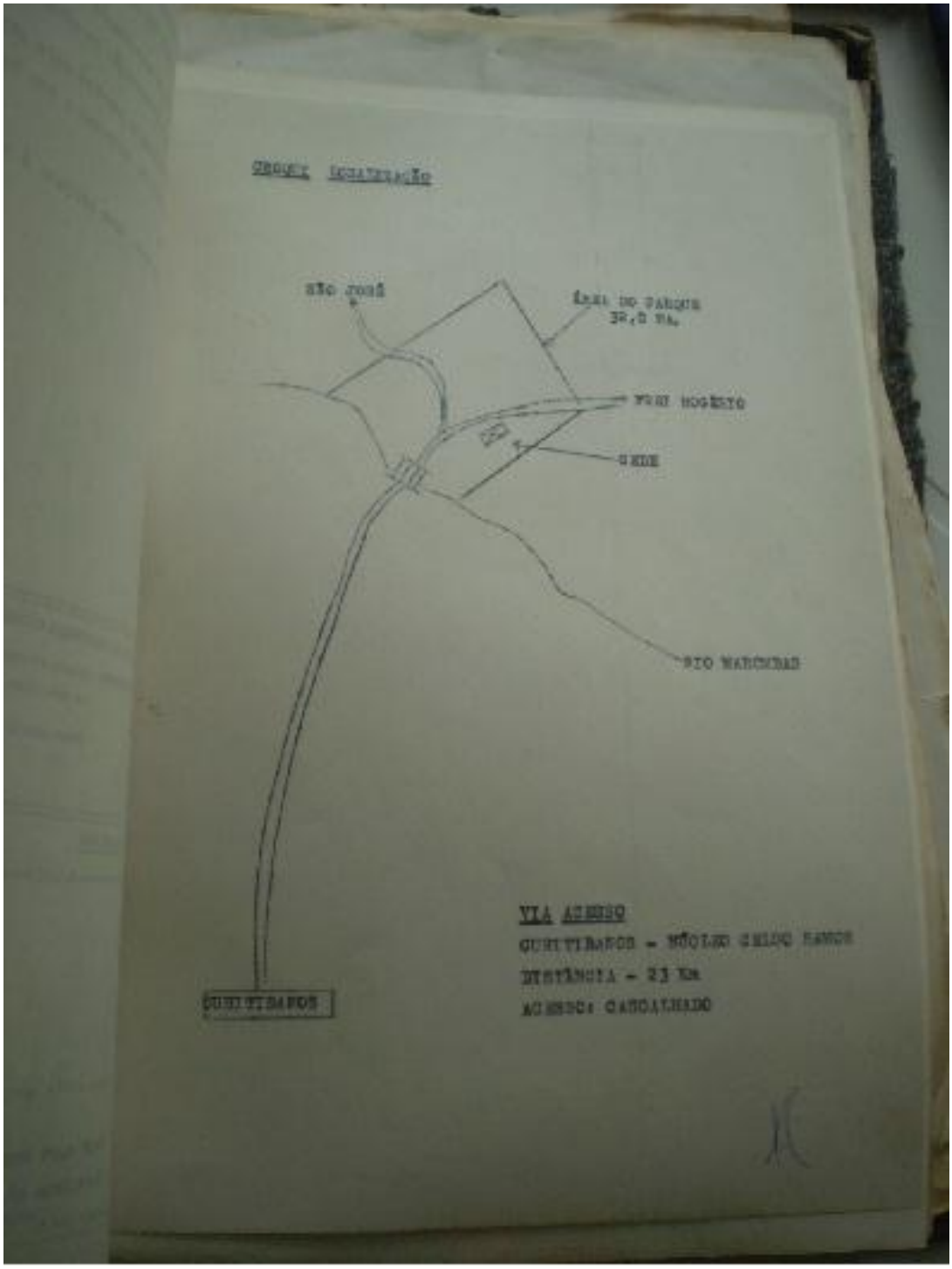


Imagem 2 – Mapa da localização onde, futuramente, Parque de Confraternização iria ser construído.[15]

O projeto visava a construção de um "parque de confraternização" no "Núcleo Colonial Governador Celso Ramos", situado ainda no município de Curitibanos, com o tamanho de 32 hectares. O projeto incluía também o serviço de maquinário necessário para o

[15] SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO. ACARESC. Orçamento Construção Parque Confraternização, Curitibanos, 21 de setembro de 1988.

preparo do terreno, distintas mudas de plantas – incluindo cerejeiras, ipês, azaleias, hortênsias, pinus, grama – e adubos. O orçamento total do projeto era de Cz$ 47.345.000,00 cruzados[16].

Os recursos financeiros que sustentariam tal projeto viriam de um órgão internacional, segundo consta um relatório emitido pela Associação Cultural Brasil-Japão de Curitibanos, em 1992:

> Com recursos financeiros vindo do JAPAN WORLD EXPOSITION COMMEMORATIVE FUND (JEC FUND), com a colaboração da Prefeitura Municipal e comunidade local, iniciou-se em 1987 a construção do Parque "*Sakura*", com uma área total de 67 ha. [...][17]

Em 1987 já havia um grupo para organização que era responsável pelos assuntos da construção do parque (OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004, p.76), que ao contrário do que consta neste relatório de 1992, ainda não possuía nome. No entanto, somente em 1989, as obras do parque tiveram início, assim que a comissão conseguiu recursos financeiros com a *Japan World Exposition Commemorative Fund* (JEC FUND)[18]. Durante sua narrativa, Kentaro Yoshida ainda coloca que "nessa parte, muito bom, era nossa comunidade é misto", expressando que o fato de serem imigrantes japoneses no Brasil, isto de certa forma traria benefícios quanto à financiamentos dos projetos realizados no Núcleo Celso Ramos: ora tentam recorrer aos órgãos governamentais brasileiros – quando enviam o projeto à ACARESC para a avaliação e uso de serviços – ora aos órgãos internacionais que possuem vínculo com o governo Japonês, como é o caso da *Japan World Exposition Commemorative Fund* (JEC FUND) e a *Japan International Coperative Association* (JICA).

Após o lançamento do projeto, o presidente desta "comitiva do parque" trocava correspondências com o gerente do Banco América do Sul de Florianópolis. Em 1989, através

---

[16] Moeda vigente no Brasil entre 28 de fevereiro de 1986 a 15 de janeiro de 1989, segundo o Banco Central do Brasil (http://www.bcb.gov.br/htms/museu-espacos/pdrmonet.asp) Segundo a conversão dos padrões monetários, a partir desta mesma fonte, realizando a conversão da moeda Cruzado (Cz$) para os valores na moeda atual, o Real (R$), o orçamento do projeto citado no texto, de Cz$47.345.000,00, seria R$0,017. Fazendo uma comparação de preços, no mesmo orçamento para a construção do Parque de Confraternização, uma muda de ipê custava Cz$500,00, aproximadamente 95000 vezes menos que o custo do projeto, equivalendo a valor nenhum em Reais (R$).
SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO. ACARESC. Orçamento Construção Parque Confraternização, Curitibanos, 21 de setembro de 1988.

[17] Relatório sobre o Parque *Sakura*, Associação Cultural Brasil-Japão de Curitibanos, 28 de abril de 1992.

[18] O *Japan World Exposition Commemorative Fund* (JEC FUND) surgiu a partir da *Japan World Exposition* 1970, construído como um espaço de atrações culturais, distribuído em 116 pavilhões, em Osaka (Japão) e organizado por empresas japonesas. Realizado entre março e setembro de 1970, a Expo'70 teve a participação de 76 países, recebendo uma média de 350 mil pessoas por dia. Atualmente, este lugar é um parque de recreação e esportes, além de possuir espaços de atividades culturais. A JEC FUND foi criada para administrar parte dos lucros ganhos com as exposições culturais, exercendo esta atividade até os dias atuais. Este fundo visa a assistência financeira de projetos, atividades culturais e acadêmicas tanto no Japão como em outros países. Dados acessíveis em: http://www.expo70.or.jp/e/contents/cts_007.html

deste banco, a verba destinada à construção do parque já podia ser repassada do Consulado Japonês de Porto Alegre à diretoria da Associação Cultural Brasil-Japão de Curitibanos, formada por integrantes do Núcleo Celso Ramos[19].

Até então, nestes anos finais da década de 1980, o parque era chamado de "parque de confraternização" como consta no projeto enviado à ACARESC, em 1989. Neste mesmo projeto, na "justificativa técnica e econômica" constava:

> O parque servirá como local de confraternização entre as famílias de localidade "Núcleo Celso Ramos" e de comunidades vizinhas.
>
> Além de ampla arborização com várias espécies de árvores e flores, prevê-se a prevenção de córregos e nascentes d'água.
>
> Esse investimento servirá mais ainda para manter o agricultor na sua comunidade, melhorar o seu bem estar social e evitar o êxodo rural.
>
> Por tudo isso, esse projeto é técnico, econômico e socialmente viável.[20]

A construção do parque de confraternização encontra a sua justificativa "técnica e econômica" em sua função ambiental, com a preservação de nascentes e o plantio de variedades de espécies de árvores e flores, e em sua função social: um "local de confraternização", que visaria o bem estar social do agricultor, evitando o êxodo rural. Esses dois pontos argumentativos – ambiental e social – não apenas são colocados no projeto para atrair investimentos de órgãos governamentais, como também são reapropriados em outras documentações. A justificativa de "prevenção ambiental" surgirá posteriormente em outros projetos elaborados pela Associação Cultural Brasil-Japão com o objetivo de captação de recursos financeiros para a manutenção do parque. Quanto ao parque ter a intenção de ser um "local de confraternização", observa-se que desde a sua construção, a participação e mobilização tanto dos integrantes da comissão responsável pelo parque, assim como integrantes da Associação Cultural Brasil-Japão, foi sempre presente através de arrecadações de fundos, sorteios de rifas, eventos de confraternização realizados na sede da colônia de japoneses.

> Aviso da diretoria do Parque
>
> No ano passado, fizemos uma arrecadação de fundo com a venda de mudas. Pedimos as pessoas que adquiriram que no dia 15/07 no torneio de Ping-Pong

---

[19] ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DE CURITIBANOS. Correspondência da Diretoria de Construção do Parque ao Banco América do Sul de Florianópolis, 20 de junho 1989.

[20] SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO. ACARESC.Orçamento Construção Parque Confraternização, Curitibanos, 21 de setembro de 1988. p.5.

> e Voley-ball que venham no clube para recebe-las. Pois não temos condições de entrega-las em suas casa. Pedimos escusas por esta falha[21]

Neste sentido a organização para a realização da construção estrutural do parque se inicia em 1987, concretizando-se entre os anos de 1989 e 1990. A partir da formação de um grupo de organização que se responsabilizou pela construção do parque, e envolvendo um primeiro projeto orçamentário enviado à ACARESC que constava o uso de materiais, serviços e para a compra de mudas e fertilizantes, a construção do parque de confraternização dava os seus primeiros passos. A partir do orçamento enviado à ACARESC, os seus serviços seriam utilizados apenas para 15 dos 32 hectares, além da construção de um poço artesiano. O preparo do terreno foi realizado com a utilização de tratores alugados, assim como o preparo da terra com os adubos e as mãos de agricultores possibilitaram o plantio da grama, de cerejeiras, ipês, azaleias, entre outras plantas, em 1989.

Neste mesmo ano, a comitiva responsável pela construção do parque recebeu do órgão *Japan World Exposition Comemorative Fund* (JEC FUND) o valor de Y10.000.000,00 na moeda Yen[22], doados para a construção do parque, segundo dados do livro "O Caminho dos 40 anos da Colônia Celso Ramos". Neste mesmo livro, observa-se ainda que o tamanho da área destinada ao parque sofre transformações. De 32 hectares antes estimados anteriormente no projeto orçamentário enviado à ACARESC, o parque tem sua área aumentada para 60 hectares, provavelmente por conta do recebimento de recursos financeiros recebido da JEC FUND. Na área total foram plantadas 3 mil mudas de cerejeiras, 1500 mudas de ipê e 10 mil mudas de outras espécies de plantas ornamentais (OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004, p.79).

No final do mês de outubro de 1989, as obras da construção do parque, iniciada havia três meses, estavam terminadas. Para a sua inauguração interna o Cônsul-Geral do Japão de Porto Alegre, Kazunori Uno, e Consulesa foram convidados para realizar o "plantio comemorativo" de cerejeiras, levando em consideração que, além da JICA, o Consulado Japonês de Porto Alegre intermediou o contato entre a Associação Cultural Brasil-Japão de Curitibanos e JEC FUND, no que se refere ao processo de recebimento dos recursos financeiros doados pelo mesmo órgão. A primeira vez em que o "parque de confraternização" ganha um nome nos documentos internos da Associação Cultural Brasil-Japão de Curitibanos

---

[21] ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DE CURITIBANOS. Aviso interno da Associação Cultural Brasil-Japão de Curitibanos, 1º de julho de 1990, s/n de referência.

[22] Nos valores atuais de conversão Y10 000 000,00 equivaleria aproximadamente R$253 800,00. Conversão realizada a partir do site: http://www.financeone.com.br/

será em um primeiro aviso interno mensal, lançado em 15 de abril de 1990. Inserido na "Programação para o Ano Letivo", o "*Park Sakura*" entra na pauta das atividades anuais. Mesmo que este nome tenha sido encontrado pela primeira vez, durante a pesquisa, nas documentações referentes à década de 1990, esta enunciação do "*Park Sakura*" em um aviso interno demonstra que o parque já era conhecido sob este nome. Cinco meses depois, entre os avisos internos, lançados mensalmente pela Associação Cultural Brasil-Japão, observa-se um aviso da Associação da Construção do Parque, em julho de 1990:

> ASSOCIAÇÃO DA CONSTRUÇÃO DO PARQUE
>
> Com a colaboração de senhores conseguimos o tão almejado parque esta se desenvolvendo com bastante rapidez. Recebemos vários pedidos de mudas de árvores para isso pedimos aos associados para colaborarem a fazer essas mudas. Trazendo tesoura, faca e mento no dia 16 de setembro as 8:30 as 16:00hs. Memo que chova no *kaikan*. Depois de terminado a tarefa teremos churrascada e bebida para ver a florada de *sakura*.
>
> Agradecemos a diretoria
> do parque e da associação cultural
> Brasil-Japão[23]

Fazia chuva, fazia sol, havia um *kaikan*, uma sede para os japoneses. Aquilo que antes era uma ideia, em 1989 já podia ser visualizado e materializado. Além de anunciar um rápido desenvolvimento do parque, o aviso conta com a colaboração de seus associados para suprir os pedidos de mudas das diversas plantas do parque, realizados pela vizinhança. Mesmo que chova, há algo a mais de recompensador após o longo dia de trabalho: um momento de confraternização, no qual poderão contemplar a "florada do *sakura*", como dizia o aviso interno. A floração da cerejeira parece ser um atrativo neste aviso interno. "Ver a florada de *sakura*" como propõe o aviso interno, não é uma pratica incomum e ocorre anualmente no início da primavera no Japão, em uma ocasião que chamada de *Hana mi* – "Olhar as flores" (SAKURAI, 2007, p.16). Tal "ritual muito popular no Japão", nas palavras da antropóloga Célia Sakurai, viria a ser uma prática recorrente entre os meses de agosto e setembro na sede da "colônia japonesa" durante a década de 1990 e nas décadas posteriores. No entanto, o ato de "olhar as flores" significará, ao longo do tempo e no espaço no qual se insere, diversos sentidos como representação. "Olhar as flores", neste sentido de contemplação, permite pensar a respeito do próprio nome dado ao parque, no caso, "*Sakura*".

[23] ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DE CURITIBANOS. Aviso interno da Associação Cultural Brasil-Japão de Curitibanos, 12 de setembro de 1990, s/n de referência.

Na continuação da entrevista com Kentaro Yoshida, as memórias sobre o processo de construção do parque percorre sua narrativa, ao falar dos órgãos aos quais recorreu para iniciar conseguir recursos financeiros e o projeto:

> [...] Daí escolheram membro de, órgão pra, ahh, fazer parque. E trouxe tudo o pessoal aqui em casa , aqui em casa tem todo espécie que a gente quer levar pra lá, no parque [...] já tudo preparado aqui. Então essa muda faz assim, essa muda faz assim, essa muda faz assim...tudo não é tão difícil fazer. Então, projeto eu vou fazer. Agora, vocês faz parte da muda. Daí, 67, fez projeto, 87, tudo projeto disso ali. E mandei uma carta pra JICA que agora eu quero assim assim assim assim, é Parque *Sakura*, a fim de é... mudar ambiente do nosso descendente, que conheça uma parte da vida, uma parte do Japão com a planta, a natureza semelhante com o Japão. Isso é melhor sistema de ma..de educar os filhos, né. Pai fala em *sakura*, pai sonha em não sei o que, não sei o que, mas circunstancia, ambiente não tiver disso aí, não adianta, esforçar criança, né [...] então, "eu vou fazer projeto". Daí mandei carta pra JAMIC. Então tem Osaka [referindo-se a JEC FUND], tá dinheiro sobrando, qualquer projeto que passa a, a... a diretoria diz que ajuda dinheiro. Que, então manda, fazer o projeto. Aí nós fez rascunho assim, assim e mandei. JICA mandou pra Osaka. Lá olhou, interessou bastante. Então manda projeto final desse aí. Daí, depende de projeto, nós ajudamos. Daí, comecei a fazer. Tudo projeto ali[24]

A relação estabelecida entre a vontade de construir um parque, e o nome dado ao mesmo, ganha um sentido pedagógico no qual a planta *Sakura* significaria em si o aprendizado sobre valores de sociedade, sobre o Japão. A natureza representaria o Japão, e o aprendizado com ela, só seria eficaz e possível se esta natureza representada pelo *sakura* estivesse ao redor não somente dos imigrantes japoneses, mas sim, ao redor de seus descendentes, de seus filhos. Esta preocupação em relação a um futuro – ou ao menos, as expectativas em relação ao futuro depositadas nas gerações seguintes – estarão muito presentes nos relatos orais, assim como nos documentos impressos. Observa-se neste ponto que a intenção de construção do Parque *Sakura* vai além do que é colocado como uma "justificativa técnica", como observado no projeto do "parque de confraternização". Percebe-se que além da justificativa sobre as vantagens ambientais, o projeto emitido à ACARESC constrói uma função social ao parque (evitar o Êxodo rural e estimular o agricultor). As memórias de Kentaro Yoshida sobre a confecção do projeto demonstra o quanto o mesmo foi mudado e amadurecido, inclusive para conseguirem recursos financeiros para sua construção. Observando a narrativa de Kentaro Yoshida, trazer a planta *sakura* para o Núcleo significava trazê-la ao cotidiano da colônia de japoneses. E mais do que isto, aos seus descendentes. Significava trazer "um pedacinho do Japão" aos filhos de japoneses da colônia, nascidos no Brasil, já que uma das intenções era "mudar ambiente do nosso descendente, que conheça

[24] Entrevista com Kentaro Yoshida. [18 mar. 2012] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2012. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

uma parte da vida, uma parte do Japão com a planta, a natureza semelhante com o Japão". Com estas palavras de Kentaro Yoshida, a forma pedagógica de ensinar valores e falar sobre o Japão parte de uma íntima relação com a natureza. O Parque *Sakura*, na narrativa de Kentaro Yoshida, representa além da "educação", a expectativa sobre as próximas gerações. São preocupações que se projetam em um futuro, em um horizonte de expectativas que, mesmo incerto, possui um peso. Na narrativa de Kentaro Yoshida, há um peso dos ensinamentos de "valores japoneses" que postos em ação, desencadeiam experiências traduzidas na relação entre o ato de "educar" e a natureza, o "ambiente que circunda a criança". "Ensinar através da natureza, a partir das experiências vividas". Não se toma aqui uma interpretação determinista quanto à perspectiva apresentada por Kentaro Yoshida em seu relato oral, mas atenta-se à noção de experiência. O historiador Reinhart Koselleck, ressalta em seus estudos, que em relação à experiência,

> Bem diferente é a estrutura temporal da expectativa, que não pode ser adquirida sem a experiência. Expectativas baseadas em experiências não surpreendem quando acontecem. Só pode surpreender aquilo que não é esperado (KOSELLECK, 2006, p.313).

As expectativas baseadas nas experiências não irrompem com o curso das coisas. Quando ocorre a surpresa, é porque as expectativas foram superadas. Ultrapassar a expectativa significaria romper com o que é esperado, apresentando novas portas abertas às novas experiências. Ao falar sobre o passado – a construção do parque – Kentaro Yoshida, no presente em que narra esta construção, possui uma expectativa. Ele espera que a construção do Parque *Sakura*, seja um ambiente, a base de uma boa educação para as gerações seguintes e esta expectativa não vem sem este peso de suas próprias experiências. Afinal, antes mesmo de Kentaro Yoshida narrar sua chegada ao Brasil, ele traz à tona as memórias sobre o seu pai, que se tornou um fugitivo político em terras longínquas por ser um militante político a favor dos lavradores em meio aos conflitos com o império japonês. Para ele seu pai acabou se tornando um "viajante". Ele ainda narra a vida no Japão durante a guerra e o período pós-guerra, as incertezas, as tradições e costumes – como parte da educação recebida dos seus respeitáveis professores e de sua própria família – que sofreram drásticas transformações com a presença dos americanos no país, momento tão impactante que fez com que seu pai se calasse por anos "sobre o passado". Nas palavras de Kentaro Yoshida:

> o meu pai já tinha, amadurecer naquele época, e mudar de repente assim. Hã-hã, não é tão fácil. Então, logo após da guerra, três anos, quatro anos, o pai não falou quase nada pro passado. Não falou, daí aquele hábito que família tinha, nem quis fazer. Nossa, até

> *kendo* já deixou de lado [...] mudou completamente. Mudou completamente. E próprio governo não deixou fazer também. [25]

Se referindo ao período pós-guerra, no qual o Japão se encontrava em reconstrução, Kentaro Yoshida conta sobre a sua vontade de trabalhar com as atividades agrícolas, sugestão dada pelo próprio pai. Estas memórias que emergem na narrativa de Kentaro Yoshida ressaltam suas experiências de vida, nas quais perpassam valores, reflexões e emoções. Para Kentaro Yoshida, a construção do Parque *Sakura* como um espaço apropriado para a educação dos filhos, talvez se encontre na experiência vivida e narrada, na importância dada à "transmissão" de valores e práticas culturais, que mesmo relevantes no cotidiano da família de Kentaro Yoshida no Japão, foram silenciadas e proibidas outrora no período pós-guerra. Seriam estes mesmos valores apreendidos pela geração seguinte a de Kentaro Yoshida? "As narrações são traduções dos registros das experiências retidas, contém força de tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações" (DELGADO, 2003, p.23). Muito dificilmente estes valores se manteriam de forma intacta, afinal de contas, tais valores e práticas culturais seriam reinventados como parte das transformações na própria colônia de japoneses, como será abordada no segundo capítulo desta dissertação. Neste sentido percebe-se uma dupla significação, senão uma (re)significação do passado no presente em que a narrativa é construída em seu relato oral, tanto sobre a formação de uma "colônia de japoneses" como também, sobre a preocupação com as futuras gerações. Para Kentaro Yoshida, o passado não pode ser silenciado, este silêncio "deve" ser quebrado para a construção e a perpetuação de valores em terra além-mar.

Neste sentido, o Parque *Sakura* representa mais do que um espaço funcional para "educação" e construção de práticas e valores. Representa a resignificação de experiências vividas na expectativa sobre as próximas gerações. O presente da narrativa sobre o parque é pincelado pelo futuro, sobre o qual incide o passado presente – o "passado aquecido" e resignificado. E o futuro como temporalidade que, ao mesmo tempo, alaga-se pelo horizonte: "aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado" (KOSELLECK, 2006, p.311). A narrativa oral, construída por Kentaro Yoshida, sobre a construção do Parque *Sakura*, perpassa por diversas temporalidades, por tempos múltiplos que a historiadora Jacy Alves de Seixas também observou nas obras de Proust (SEIXAS, 2004, p.49). Seus estudos apontam para a existência

---

[25] Entrevista com Kentaro Yoshida. [18 mar. 2012] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2012. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

de tempos múltiplos e descontínuos de uma memória "fugidia, que se movimenta para frente e para trás sem obedecer a qualquer sucessão necessária", que tem sua reatualização em um instante, uma duração não maior "que a de um relâmpago" (2004, p.49).

> É este trazer à tona que constitui o fundamento mesmo da memória, pois o passado "que retorna" de alguma forma não passou, continua ativo e atual e, portanto, muito mais do que reencontrado, ele é retomado, recriado, *reatualizado* (SEIXAS, 2004, p.49).

Neste sentido, o parque pode ser considerado um lugar praticado, tanto em seu projeto como nas memórias sobre sua construção, presentes na narrativa de Kentaro Yoshida e Satoru Okada. O parque como um lugar torna-se um espaço – "o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais" (CERTEAU, 2012, p.184) – quando são dados a ele sentidos e representações que refletem as formas de vivência que idealmente quer se adotar, os valores para convivência e principalmente, para "ensinar" as próximas gerações. A própria construção do parque *Sakura*, no local da sede da "colônia japonesa", já demonstrava uma intenção de "confraternização" e tornava-se um espaço de "socialização", expressões utilizadas em seu projeto. A sede (*kaikan*) se aproxima às associações formadas pelos imigrantes japoneses na primeira metade do século XX, no Brasil, analisadas pela antropóloga Célia Sakurai: "lugar onde as famílias se encontravam depois do trabalho em suas terras [...] Havia também concursos de oratória em japonês, de canto e dança, que mobilizavam toda a comunidade" (SAKURAI, 2007, p.255), atividades de confraternização que pode ser observadas, também, em anúncios de festividades agrícolas e "festivais da música japonesa"[26] na década de 1990, no Jornal A Semana – jornal semanal de circulação local[27].

O Parque *Sakura* como espaço de confraternização, na narrativa de Kentaro Yoshida e dos documentos internos, assim como em seu próprio projeto de construção apresenta-se como ponto crucial e de convergência de justificativas que se encontra além do funcional: o projeto que visa a preservação dos "córregos e nascentes d'água", a partir da plantação de "várias espécies de árvores e flores" quer demonstrar uma preocupação maior e social com a comunidade. No caso, seria "evitar o êxodo rural", para que estes trabalhadores japoneses e seus descendentes tenham a expectativa de continuidade de uma "comunidade", a partir de atividades que agora teriam um espaço para "acontecer": o Parque *Sakura*. "Preservar" e "fazer acontecer" são expressões que não remetem simplesmente a um passado e presente.

[26] FESTIVAL da Música Japonesa Neste Final de Semana. Jornal A Semana, Curitibanos, n.729, capa, 02-08 de agosto de 1997.

[27] O Jornal A Semana será trabalhado e problematizado com maior profundidade no segundo capítulo dEsta dissertação.

Refletem futuro, na preocupação com as gerações seguintes e sobre o que a construção do parque representaria para a colônia japonesa.

1.2. As inaugurações do Parque *Sakura*

Esta preocupação, constituída por um futuro sempre incidente no presente, acentua-se ainda mais logo no início da década de 1990, período inclusive em que o Parque *Sakura* já se encontrava praticamente concretizado. No entanto, durante a realização da pesquisa de campo, entre as documentações internas foram encontradas algumas fontes impressas recortadas de diferentes jornais e coladas em uma folha sulfite branca.

34 DOMINGO, 14 DE FEVEREIRO DE 1993 DIÁRIO CATARINENSE

▼ CURITIBANOS

Festa japonesa

No dia 27 deste mês, no Parque Sakura, o maior parque japonês em construção nas Américas, localizado no distrito de Frei Rogério, será realizada uma festa comemorativa ao início das atividades turísticas e da floricultura japonesa. A festa começará às 16 horas, e terá um jantar às 19 horas, informou o presidente da Associação Brasil-Japão de Curitibanos, Ryo Shibata.

Imagem 3 – Divulgação sobre "Festa Japonesa" no Parque *Sakura*, no Jornal Diário Catarinense, em 14 de fevereiro de 1993.[28]

[28] FESTA Japonesa. Diário Catarinense, Florianópolis, 14 fev. 1993.

Colônia japonesa confraterniza

Curitibanos — A colônia japonesa local, a maior do Sul do Brasil, faz na tarde de hoje a festa comemorativa ao início das atividades turísticas e da fruticultura japonesa no município. A programação, direcionada a convidados, tem como objetivos a confraternização entre japoneses e brasileiros e o reconhecimento da Associação Cultural Brasil-Japão de Curitibanos a Centrais Elétricas de Santa Catarina (Celesc) pelo apoio dado à entidade para o parque Sakura. É o maior parque ecológico japonês em construção nas Américas, de acordo com Ryo Shibata, presidente da associação cultural.

A programação, ao estilo japonês, será desenvolvida no parque Sakura. Convidados como o vice-governador Antonio Carlos Konder Reis, o presidente da Celesc, Raimundo Colombo, e o presidente da Associação Nipo-catarinense, Eduardo Noboyuki Usuy, serão servidos com o *Gingiskan*, comida típica japonesa à base de carne de ovelha. "A colônia japonesa está agradecida porque seu trabalho na construção do parque ecológico Sakura é reconhecido, e a Celesc doou o transformador principal de energia para o parque", destaca o presidente da Associação Cultural Brasil-Japão. Segundo ele, a preferência dos japoneses pelo município do planalto central catarinense ocorre pela semelhança de clima com o Japão.

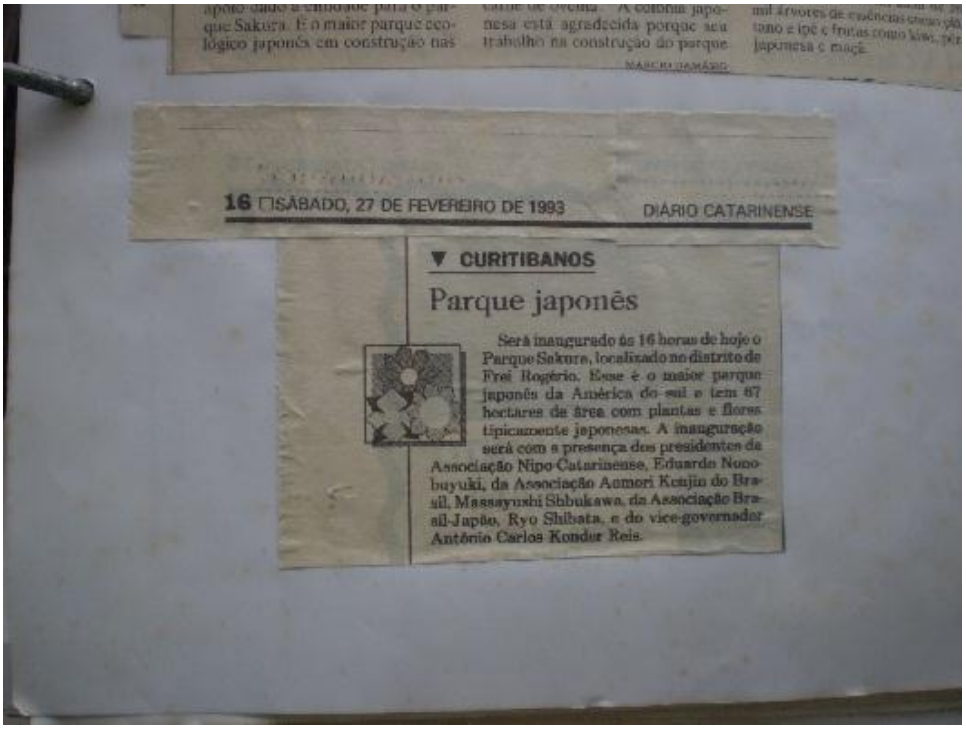
O parque ecológico Sakura, iniciado em 1988, tem 67 hectares de plantas e flores japonesas, entre elas a *Hanamuni*, além de 38 mil árvores de essências como plátano e ipê e frutas como kiwi, pêra japonesa e maçã.

MÁRCIO DAMÁSIO

Jornal NOTÍCIA Sábado, 27 de fevereiro de 1993

16 □SÁBADO, 27 DE FEVEREIRO DE 1993 DIÁRIO CATARINENSE

Imagem 4 – Divulgações sobre "festa comemorativa" no jornal A Notícia, em 27 de fevereiro de 1993.[29]



16 □SÁBADO, 27 DE FEVEREIRO DE 1993 DIÁRIO CATARINENSE

▼ CURITIBANOS

Parque japonês

Será inaugurado às 16 horas de hoje o Parque Sakura, localizado no distrito de Frei Rogério. Esse é o maior parque japonês da América do sul e tem 67 hectares de área com plantas e flores típicamente japonesas. A inauguração será com a presença dos presidentes da Associação Nipo-Catarinense, Eduardo Nuoobuyuki, da Associação Aomori Kenjin do Brasil, Massayuxhi Shbukawa, da Associação Brasil-Japão, Ryo Shibata, e do vice-governador Antônio Carlos Kondur Reis.

Imagem 5 – Anúncio sobre inauguração do Parque *Sakura* no jornal Diário Catarinense, em 27 de fevereiro de 1993.[30]

Nelas observa-se a seleção temática: falava-se da "inauguração do Parque *Sakura*" no ano de 1993. A narrativa impressa logo expunha o seu tom de "oficialidade", uma inauguração oficial do Parque *Sakura* que seria comemorada com uma "festa de

[29] COLÔNIA Japonesa Confraterniza. A Notícia, Joinville, 27 fev. 1993.
[30] PARQUE Japonês. Diário Catarinense, Florianópolis, 27 fev. 1993.

confraternização", com a presença de autoridades do governo do Estado de Santa Catarina e de representantes de empresas estatais.[31] Mais do que uma comemoração estes recortes de jornais salientam a inauguração do Parque *Sakura* como o início das atividades turísticas no distrito de Frei Rogério, localizado no município de Curitibanos (SC).

Neste mesmo ano, um documento interno é escrito pelo presidente da Associação Cultural Brasil-Japão Curitibanos. No corpo do documento, sua escrita se encontra nos moldes de um histórico sobre a colonização japonesa do Núcleo Celso Ramos, separado em pequenos textos. O documento de nove páginas inicia com um "histórico" sobre a "colonização japonesa" no Brasil no início do século XX e logo, a vinda de imigrantes japoneses para o Estado de Santa Catarina na década de 1960. Logo em seguida faz menção às atividades agrícolas realizadas com sucesso em Santa Catarina, como cultivo de nectarina, de maçã, pêssego, ameixa, alho, pera, e a floricultura. Em seguida, há uma parte que trata especificamente sobre Parque *Sakura*, descrevendo-o como um parque "autenticamente japonês" por sua "concepção arquitetônica e artística", já que a colônia "não se desvincula da Pátria de origem e mantém fidelidade à força do milenarismo de sua existência"[32]. Neste sentido, explicitar um "milenarismo cultural", algo que indica a sua prática por longos séculos faz parte de uma narrativa legitimadora daquilo que a "colônia japonesa" entende como "autêntico" e trazido ao Brasil. Com "um bosque de Cerejeiras de dimensões gigantescas" e outras variedades de plantas, isto poderá "fazer do [parque] *Sakura* uma atração turística nacional, com investimentos de setores do turismo do município de Curitibanos".[33]

Ao final, na penúltima página, o documento apresenta sua intencionalidade, os motivos pelo qual foi escrito:

> O ano de 1994 estará a marcar 30 anos da presença japonesa em Curitibanos. A efeméride deverá ser comemorada e marcada com a programação de festejos, cuidadosamente elaborada e que deverá atrair a atenção nacional. Para tanto, a Colônia, de trânsito fácil junto as Autoridades do Município, já monta comissões para organizar a comemoração. Entendendo o caráter pioneiro e progressita para Curitibanos e para o Estado de Santa Catarina, deverá contar com o apoio dos Poderes Constituídos , tanto Municipal como do Estado para a sua organização e participação. Para os atos principais serão expedidos convites, tanto para o Governo do Estado em toda sua estrutura como para o Município quando serão alvo de homenagem o Prefeito e Ex-

[31] COLÔNIA Japonesa Confraterniza. A Notícia, Joinville, 27 fev. 1993.

[32] Milenarismo ao qual a fonte coloca não se refere ao movimento de caráter religioso e sim à existência de supostas tradições que perduraram durante milhares de anos. Trata-se da construção de significados no que se refere ao enaltecimento de práticas culturais pela sua existência há milhares de anos. ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DE CURITIBANOS. Colonização Japonesa. Curitibanos, 1993.

[33] ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DE CURITIBANOS. Colonização Japonesa. Curitibanos, 1993.

> Prefeiros. Os poderes Legislativo e Judiciário compõem a extensa lista que ainda deverá exibir a presença do Embaixador do Japão do Brasil, representação consular e do Japão deverão vir Governadores de províncias, especialmente daquelas que expediram os primeiros imigrantes.[34]

Os "30 anos da presença japonesa em Curitibanos" aparece como tema para os objetivos deste documento de nove páginas: a realização de uma festa que tinha intenções de ser realizada no ano seguinte, em 1994. A comemoração, como indica o documento, somente poderia ser realizada com recursos externos do governo estadual, já que nem mesmo a "Colônia Japonesa e o próprio Município de Curitibanos não poderá arcar solitariamente com tal ônus"[35]. Logo abaixo, o documento apresenta o que será necessário em relação às condições físicas para realização da festa de comemoração. A partir da análise deste documento, a realização desta comemoração seria um meio de divulgar o Parque *Sakura*, parte de um processo que o tornaria um espaço turístico.

Este documento não indica, especificamente, para quem foi enviado. No entanto, indica para quem foi escrito, no caso, direcionado aos "governantes", já que em sua finalização, observa-se: "Temos certeza de que ante a transcendência do tema e a sensibilidade de nossos Governantes, haveremos de obter o necessário à sua realização"[36], seguido da assinatura do presidente da Associação Cultural Brasil-Japão de Curitibanos. Quando o documento escrito em português expõe a expectativa do comparecimento de diversas autoridades – do governo do Estado de Santa Catarina, autoridades municipais, embaixador e cônsul do Japão, além de governadores de províncias japonesas – e deixa claro que nem a colônia e nem o município de Curitibanos possuem recursos financeiros e humanos para a realização da futura festa, percebe-se que o pedido de auxílio foi direcionado ao Governo do Estado de Santa Catarina.

Tentando atrair a atenção de autoridades municipais e estaduais, este documento deixa clara intenção da "colônia japonesa" em transformar o pretendido local da festa, o Parque *Sakura*, como um ponto turístico nacional. Não à toa, o documento reserva um espaço para o "Marketing e Mídia", que tinha como pedido a "disponibilização de agência de produção e espaços nas diversas mídias para divulgação do evento"[37]. Esta intenção pode ser percebida nos recortes de jornal publicados neste mesmo ano de 1993, e colados em folha sulfite. As

---

[34] ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DE CURITIBANOS. Colonização Japonesa. Curitibanos, 1993.

[35] idem

[36] Mesmo sem datação na própria fonte histórica, o documento escrito à máquina de escrever se encontrava na pasta do ano de 1993, o que indica a possibilidade de uma preparação prévia para a comemoração posterior.

[37] ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DE CURITIBANOS. Colonização Japonesa. Curitibanos, 1993.

publicações voltadas à inauguração do Parque *Sakura* e junto a este, as atividades turísticas em Curitibanos, demonstram a intenção de atingir uma maior amplitude de divulgação através da publicação em jornais que circulavam em outros municípios do Estado de Santa Catarina – no caso, o Diário Catarinense e o jornal A Notícia, de Joinville.

A transformação do parque em um ponto turístico também significa uma transformação como espaço. Observa-se que até o ano de 1993 ainda não se falava em "turismo" e nem o relacionava ao Parque *Sakura*. O parque "de confraternização" teve uma inauguração interna em 1989, e somente foi possível percebê-lo como "Park *Sakura*" no ano seguinte, quando um aviso interno apenas citava este nome, sem mais explicações, como ponto de pauta das discussões na colônia. Como apontado inicialmente, as intenções se convergiam na construção de um parque para confraternização aos arredores da segunda sede, especialmente daqueles e para aqueles pertencentes à "colônia japonesa". Essas intenções perpassavam pelo discurso da preservação ambiental e pela narrativa de Kentaro Yoshida sobre a preocupação geracional, até que no ano de 1993, o parque seria novamente inaugurado, porém, com outras intenções e em outras proporções. No caso, foi "oficialmente" inaugurado em 1993 e divulgado pela imprensa como o marco do início das atividades turísticas do município de Curitibanos.

O parque não seria apenas um espaço de confraternização entre japoneses, mas sim, um espaço turístico. Isto significaria uma transformação significativa quanto à abertura a um público. Além disso, analisando a documentação de nove páginas, direcionadas às autoridades estaduais, observa-se que não há sequer uma referência ao "Núcleo Celso Ramos", mas sim à "Colônia Japonesa" ao logo do corpo do texto inteiro. No próprio histórico sobre a "Colonização Japonesa", uma narrativa sobre o trabalho árduo dos primeiros imigrantes japoneses e as conquistas na agricultura foi tecida e, neste mesmo documento, o histórico referente ao "Parque *Sakura*" coloca que:

> A presença dos japoneses acabou por influenciar a cultura e o folclore local. Novos hábitos acabaram por se assentarem no Município de Curitibanos. A população, de um modo geral, assimilou em maior ou menor escala a influência japonesa. Se não chegou a adotar a língua, os trajes e filosofia, não pôde, no entanto, fugir aos esportes como judô, o *kendô* e o tênis de mesa. A música e a dança ocupam importantes espaços e a rica culinária japonesa acabou por se tornar um empreendimento de escala comercial.[38]

[38] ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DE CURITIBANOS. Colonização Japonesa. Curitibanos, 1993.

O documento tem a intenção de demonstrar a existência de uma forte presença da cultura japonesa em Curitibanos e tenta convencer que "bosque de cerejeiras de dimensões gigantescas, azaleias e avenidas floridas e a delicadeza de detalhes só vistos em cartões postais deverão fazer do *Sakura* [o parque] uma atração turística nacional"[39]. Antecedendo a parte do documento que propõe a realização da festa dos trinta anos de existência da "colônia japonesa", estes pequenos históricos põem em evidência a intenção da construção de um espaço turístico que representasse o que era considerado "autenticamente japonês". Não se supõe aqui algo funcional, mas sim que a própria construção de um parque como um espaço turístico envolve novas práticas e a forma como estas estão atreladas às representações do que era considerado "ser japonês"[40]. O que, dentre as práticas culturais, estes imigrantes japoneses e seus descendentes pretendiam levar a público? Qual público queriam atrair? Como transformariam efetivamente o Parque *Sakura* em um espaço turístico?

A divulgação do Parque *Sakura* pretendia ser direcionada a uma amplitude "nacional", "oficializada" pela presença de autoridades que seriam convidadas, em 1994, para a "comemoração do 30º aniversário da Colonização". A festa que já estava sendo planejada desde o ano anterior seria um espaço de divulgação do próprio Parque *Sakura*.

Os festejos "em comemoração ao trigésimo aniversário da colonização"[41] tinha data marcada para o dia 23 de abril de 1994. Esta era a datação e o acontecimento já marcados no histórico do folder que divulgava a programação da festa e inclusive a letra de duas canções compostas por imigrantes japoneses do Núcleo Celso Ramos, posteriormente colocadas no livro publicado em comemoração aos quarenta anos da colônia. A comemoração se iniciaria pela manhã e iria até o início da noite. A programação incluía uma missa; a recepção de autoridades, assim como um espaço para seus pronunciamentos e realizações de homenagens; a reprodução do hino nacional japonês e do hino nacional brasileiro; um espaço para discurso do presidente da Associação Cultural Brasil-Japão de Curitibanos; o plantio de cerejeiras e apresentações da arte marcial *Kendo* e de "cantos e danças folclóricas". Em seguida, um

---

[39] idem

[40] Tomo esta expressão emprestada da socióloga Elisa Massae Sasaki, a partir de sua tese de doutorado na qual Sasaki discute um gênero literário e acadêmico, o *Nihonjiron* ou "teorias da japonicidade". Em distintos períodos da história, o *nihonjiron* colocou como questão de debate aquilo que poderia ser considerado parte dos "aspectos tipicamente japoneses" ou de "uma tradição japonesa". A partir dos estudos de Sasaki, "um autêntico japonês" foi construído, primeiramente, nas diferenças com o Ocidente, e posteriormente, na relação recíproca de diferenças com os Estados Unidos (antes, durante e após a Segunda Guerra Mundial). Neste sentido a sua "integridade identitária" estava associada à homogeneização, enaltecida pelo nacionalismo. Para Sasaki, mesmo possuindo distintos elementos, a "japonicidade" tem de ser imaginada "por aquele que se construiu como Ocidente assim como pelos seus próprios membros". (SASAKI, 2009)

[41] ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DE CURITIBANOS. Resumo Histórico da Colônia Governador Celso Ramos de Curitibanos, 23 de abril de 1994.

histórico datilografado no folder coloca uma sucessão lineal de datas e seus respectivos acontecimentos, desde 1963, ano em que as negociações entre IRASC e JAMIC se iniciam, até o ano de 1994, cujo acontecimento é a própria festa. A programação, o histórico e a música colocados no folder pela comissão de organização da festa dos trinta anos da colônia, faz uma seleção minuciosa de elementos para a festa que se mostra direcionada, principalmente, para aos olhos das autoridades – no caso, o Governador do Estado de Santa Catarina, Antônio Konder, e o Cônsul Geral do Japão, Chuji Okawa e sua cônjuge.

Algumas características interessantes neste folder merecem ser ressaltadas. A letra da música intitulada "Unidos Construiremos" – inclusive colocada em epígrafe deste primeiro capítulo – trata-se de uma representação coletiva da trajetória migratória, que se volta ao futuro, a um horizonte de expectativa que almeja a "terra ideal". A "união" e o "trabalho" serão os ingredientes principais para a construção da terra "frutífera", de "paz". Em um folder de evento, estes dois elementos se encontram dissolvidas na semântica da letra da música. São colocados como representações da colônia japonesa, uma colônia "unida" e "trabalhadora". Não é a primeira vez em que se observa os imigrantes japoneses associados a estas duas representações. Os trabalhos da antropóloga Célia Sakurai e os historiadores André de Souza Martinello e Ely Bergo de Carvalho permitem um diálogo entre o próprio processo histórico da construção do Núcleo Celso Ramos e as representações sobre os japoneses relacionados às políticas migratórias vigentes no Brasil, no período pós-guerra.

Segundo Sakurai, em 1948, as políticas migratórias no Brasil sofrem uma transformação restritiva quanto à especificação do perfil de imigrantes desejados no país: "estrangeiros artífices especializados 'técnicos de grau médio ou superior'" (SAKURAI, 2008, p.189-239). O migrante era desejado não apenas como mão-de-obra, mas também, como portador de técnicas. Neste período pós-guerra, Sakurai salienta que as relações diplomáticas entre Brasil e Japão foram reestabelecidas em somente em 1952, oficializando-se em 1963, com o decreto n. 52.920, assinado pelo Presidente João Goulart (SAKURAI, 2008, p.211). Entre estes anos, mesmo após o estabelecimento das relações diplomáticas entre Brasil e Japão, a discussão sobre a entrada de imigrantes japoneses no Brasil foi retomada pela imprensa carioca, analisada por Sakurai. Segundo seus estudos, a posição política adotada pelo Japão durante a Segunda Guerra Mundial ao lado dos países do Eixo ainda causava grandes dúvidas quanto à permissão de novos imigrantes japoneses no Brasil. No entanto, em meio ao debate, "o argumento forte em favor dos japoneses continua sendo a capacidade de trabalho dos membros desse grupo. Desde antes da guerra, é este o ponto sobre

o qual os defensores da imigração japonesa insistiam para admitir novas entradas" (SAKURAI, 2008, p.212).

Os historiadores Martinello e Carvalho fazem uma análise da migração japonesa para o estado de Santa Catarina iniciada na década de 1960. Inserida no contexto da modernização agrícola brasileira[42], a intenção do Governo do Estado de Santa Catarina era atrair imigrantes japoneses, "considerados como aqueles que, a partir dos seus trabalhos, conquistariam o 'progresso econômico'" (MARTINELLO, CARVALHO, 2010.p.103). A partir de análises de jornais e da documentação estatal, os japoneses seriam "dotados de técnicas" agrícolas que seriam mais do que aplicados, mas sim ensinados aos "colonos nacionais". Os historiadores observam, então, analisam a representação dos japoneses como portadores de técnicas e que visariam à modernização da agricultura através da "pedagogia do exemplo" (MARTINELLO, CARVALHO, 2010.p.104).

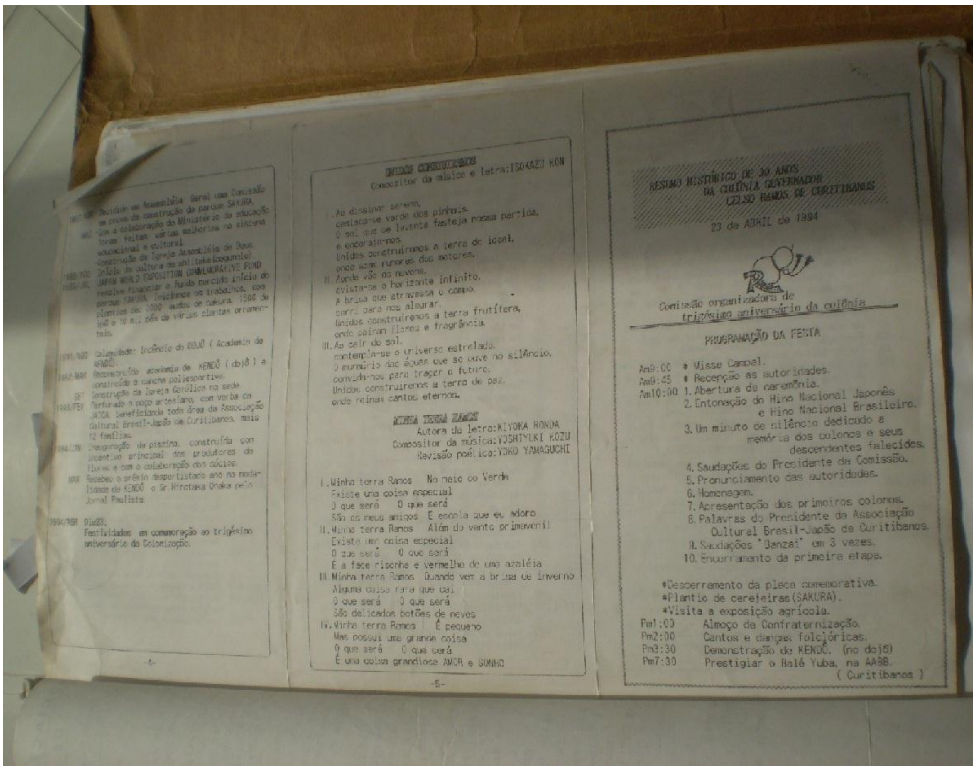


Imagem 6 – Folder com programação da festa realizada em comemoração aos 30 anos da "Colônia Governador Celso Ramos de Curitibanos" e resumo histórico do mesmo.[43]

[42]Segundo o historiador Reinaldo Lindolfo Lohn, o processo de "modernização" do campo no Brasil tem por base a implantação de tecnologias que seguiam o modelo agrícola da Revolução Verde, um programa internacional patrocinado por corporações internacionais que interesses econômicos no setor agropecuário. A Revolução Verde não apenas causou impactos econômicos e estruturais com a inserção de experiências em genética vegetal, como também causou grandes impactos sociais, modificando hábitos e relações entre agricultor e agricultura. Pretendia-se criar um "novo trabalhador rural" em contraposição à "agricultura tradicional" (LOHN, 2004, p.41-60)

[43] ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DE CURITIBANOS. Resumo Histórico da Colônia Governador Celso Ramos de Curitibanos, 23 de abril de 1994.

As representações dos japoneses como “bons trabalhadores, possuidores de técnicas” podiam ser encontradas no discurso governamental, em uma linguagem que acompanhava o momento da “modernização agrícola” no Brasil, na década de 1960. Da mesma forma, estas representações do “bom trabalhador” são reforçadas no histórico da colônia, presente no folder. Com suas sequências de datas, este histórico ressalta principalmente “fatos” relacionados aos sucessos na produção agrícola, no caso, fruticultura e horticultura. Citam, inclusive, as premiações e o crescimento do comércio com outros estados brasileiros. Neste histórico constam também “fatos” relacionados ao estabelecimento dos imigrantes, à educação e manutenção da língua japonesa na colônia, além da presença da ajuda governamental na construção do Núcleo Celso Ramos. A intenção era “demonstrar” a sua contribuição com o desenvolvimento agrícola na região e a nível nacional, o que reforçava a representação do imigrante japonês “bom trabalhador”.

Neste sentido, tanto no folder assim como nas documentações enviadas às autoridades estaduais em 1993, a representação do japonês como “bom trabalhador”, antes apropriado pelo discurso governamental na década de 1960, foi reapropriada mais de trinta anos depois, pelos próprios imigrantes japoneses para a realização da festa dos trinta anos do Núcleo Celso Ramos. Portanto, esta representação foi resignificada em documentos produzidos pelos imigrantes, direcionados ao governo e seus representantes, seja para conseguir recursos financeiros seja para o enaltecimento de seus esforços ao longo dos trinta anos de existência da colônia japonesa. A apropriação, neste sentido, visa uma “história social das interpretações, remetida para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem” (CHARTIER, 2002, p.26). O próprio folder é apresentado de forma publicitária e, também, direcionado às autoridades que estariam presentes no evento, já que a menção à participação governamental no Núcleo Celso Ramos se faz explícita ao longo da escrita sobre dos trinta anos comemorados.

Na comemoração dos trinta anos, transformar o Parque *Sakura* em um espaço turístico envolvia uma divulgação que pretendia ter abrangência nacional. Mais do que isto, percebe-se que a divulgação não somente visa um propósito turístico, mas também, uma divulgação cultural. A historiadora Sidinalva Maria Wawzyniak, ao analisar a migração de brasileiros para o Brasil, com referências de Sakai, coloca que para os imigrantes japoneses, divulgar a cultura japonesa no Brasil significava ressaltar os pontos positivos tais como a honestidade, o trabalho e a educação. A historiadora ainda ressalta que “tais qualidades eram importantes para os descendentes japoneses, mas era igualmente desejável que a sociedade local se

familiarizasse com esses valores" (WAWZYNIAK, 2008. p.176). Neste sentido, a comemoração dos trinta anos da colonização japonesa, observando o seu próprio título, torna-se um espaço no qual as representações sobre os japoneses explicitam a intencionalidade de como os próprios imigrantes japoneses querem ser representados perante os brasileiros, e especificamente, às autoridades ali presentes.

A intenção de transformar o Parque *Sakura* em um espaço turístico não significa a exclusão dos projetos anteriores e das representações construídas sobre o mesmo. Muito pelo contrário, o Parque *Sakura* torna-se um espaço de fusão destes projetos e das representações construídas pelos próprios imigrantes japoneses e seus descendentes. Pelo processo de construção do Parque *Sakura* e como o mesmo foi transformado em "espaços" – de preservação ambiental, de confraternização, de eventos comemorativos e a pretensão de transformá-lo em um espaço turístico – perpassam memórias e circundam representações que o torna significativo. As inaugurações destes "espaços" produziram práticas plurais como "produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões; daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação" (CHARTIER, 2002, p.27 e 28).

As representações construídas ao longo dos documentos escritos e nas narrativas orais permitiram analisar as relações entre o processo de construção da sede, do Parque *Sakura* e da "colônia de japoneses". Estas relações podem ser observadas nas diferenças, aproximações e intencionalidades que se encontram nos mais profundos recônditos de memórias que conectam, senão, dialogam passado, presente e futuro. O dialogo entre os relatos orais e os documentos encontrados nos arquivos da Associação Cultural Brasil-Japão tornou-se peça-chave para a identificação de práticas culturais e valores que constroem "uma maneira própria de ser no mundo" (CHARTIER, 2011, p.20). A construção da segunda sede envolvia as diferenças encontradas entre brasileiros e o desejo de construir uma sede somente para japoneses, o que envolvia valores distintos, como por exemplo, as práticas culturais religiosas e educacionais: "Então, sede de colônia Celso Ramos, logicamente tem que ter igreja católica, tem bastante brasileiro. Tem que ter outra igreja, precisar, tem que ter escola. Aqui [local da nova sede] vai ser pra sede disso aí"[44]. A "colônia Celso Ramos não representaria os japoneses" de forma plena. Era necessário construir uma "colônia de japoneses", que não

[44] Entrevista com Kentaro Yoshida. [18 mar. 2012] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2012. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

somente sua materialização na construção da sede, mas a transformaria em um espaço de práticas culturais.

A ideia de fazer um parque ao redor desta sede implica uma relação ambígua – mas não oposta – tanto no reforço da manutenção de valores considerados japoneses, como também a "abertura" a um público – a partir da intenção de transformar o parque em um espaço turístico. O Parque *Sakura* torna-se um espaço de lutas entre representações. O próprio nome *Sakura* (cerejeira em japonês), a alusão à "cultura milenar", o histórico de sucessos da colônia de japoneses, nos termos usados por Chartier (2011, p.20), "'presentificam' a coerência de uma comunidade" diante de uma sociedade brasileira, mas, sobretudo, diante de autoridades governamentais. A intenção de convidar as autoridades municipais e estaduais para a festa em comemoração aos trinta anos da "colônia Celso Ramos" transpareciam a intenção de demonstrar uma "colônia de japoneses", representada como "trabalhadora e unida", que provava sua boa relação com o Brasil, a partir de sua disposição, pelo trabalho e o desenvolvimento na economia agrícola.

No entanto, por mais que alguns dos próprios imigrantes japoneses construam a colônia como "exportadora de cultura" e demonstrem fortes laços com a "Pátria de origem" – como bem dizia a documentação de nove páginas que planejava a festa dos trinta anos – percebe-se, a partir de distintas narrativas e outras fontes históricas, outras perspectivas quanto a "colônia de japoneses". As práticas e representações fazem reconhecer a construção de identidades que ao invés de estabelecerem rígidas fronteiras em um mundo de mobilidades, formam "territórios deslizantes"[45]. Como observa Stuart Hall a partir dos estudos de Ernest Laclau, nas sociedades "da modernidade tardia", caracterizada por diferenças e antagonismos sociais, encontram-se identidades desfragmentadas ou a pluralização de identidades: "Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados" (HALL,2006, p.17). No entanto, esta articulação nunca atinge sua completude, "a estrutura da identidade permanece aberta" (HALL, 2006, p.17). A partir destas reflexões, a identidade também remete ao tempo nas suas múltiplas formas. Observa-se que um de seus "substratos" se encontra na memória que tem o seu ritmo descontínuo que percorrem diversas temporalidades, o passado, presente e futuro. A narrativa oral de Kentaro Yoshida percorre

[45] Tomo emprestada a expressão utilizada pelo historiador Emerson César de Campos na elaboração de sua tese de doutorado, a qual propõe reflexões sobre práticas sócio-culturais na cidade de Criciúma (SC), inserida na contemporaneidade. Ver: CAMPOS, Emerson César de. **Territórios deslizantes: recortes, miscelâneas e exibições na cidade contemporânea-Criciúma (SC) 1980-2002.** 2003. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

estes múltiplos tempos, resignifica o passado no presente, um passado recente que incide no futuro, representado pelas próximas gerações. Da mesma forma, observa-se que para a realização da festa em comemoração aos trinta anos da colônia, a narrativa escrita se apropria do tempo, os “trinta anos” de existência da colônia que representam experiências e memórias de um trabalho árduo, perpetuados na festa, que são resignificados exitosamente no presente. E para dar continuidade Esta dissertação, o turismo surge no horizonte de expectativa. Contudo, não basta somente ter a festa como um cartão postal turístico. Era necessário “manter” este espaço. Poderia dizer que só se faz trinta anos uma vez na vida, mas, para manter-se, perpetuariam estes trinta anos? Como fariam para manter o Parque *Sakura* como um espaço turístico?

A década de 1990, na qual foi realizada a festa dos trinta anos da colônia, foi um ano de transformações, deslocamentos e encontros tanto a nível nacional quanto local. A colônia de japoneses teve de lidar com dificuldades, da mesma forma que construíram práticas culturais. Uma delas foi o *Sakura Matsuri* – Festa da Floração das Cerejeiras, tema de discussão do próximo capítulo desta dissertação.

2. O NÚCLEO CELSO RAMOS EM FESTA: REPRESENTAÇÕES E MEMÓRIAS NA FLORAÇÃO DAS CEREJEIRAS

Nem sequer três dias
Este mundo vê passar –
Cerejeira em flor!
(Ôshima Ryôta, 1716-1787) [46]

A florada das cerejeiras marca o início da primavera no Japão quando os quintais, parques e ruas se enchem de árvores que chamam a atenção pelas flores, rosas ou brancas que cobrem suas copas. A flor de cerejeira, conhecida no Japão como *Sakura* pode ser comumente encontrada como tema em letras de músicas e canções, assim como nos *haikai*, poemas de três versos criados ao longo de séculos, como este acima, feito no século XVIII. O que é escrito ou dito se trata da efemeridade das flores que se abrem e logo jazem ao pé da árvore. A florada dura alguns dias ou perto de uma semana, quando as flores começam a murchar e a se desprenderem dos galhos, transformando o chão ao redor do tronco em um tapete florido. Nelas há a efemeridade que dá o ritmo a vida humana.[47]

Entre a diversidade de espécies de cerejeiras, algumas podem ser encontradas no Parque *Sakura*, onde atualmente se encontra a sede da colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos. Neste espaço, diversos eventos internos e aqueles que podem ser considerados "grandes eventos" – atraindo milhares de pessoas – são realizados ao longo do ano. Um destes eventos é o *Sakura Matsuri*, conhecido como Festa da Floração das Cerejeiras.

Assim como no Japão, a floração das cerejeiras é celebrada anualmente. Trazidas por imigrantes japoneses que se direcionaram para a região de Curitibanos[48] - as cerejeiras se tornaram um dos motivos para a realização do festival *Sakura Matsuri*, o qual ocorre entre o final de agosto e início de setembro.

Durante o *Sakura Matsuri* do ano de 2010, entre as árvores de cerejeira, as pessoas passeavam maravilhadas com um lugar que havia sido representado em folhetos de divulgação e no Jornal A Semana como "um pedacinho do Japão". Chegando pela rodovia SC-451, grandes balões em formato de carpas foram penduradas, cruzando a rodovia e marcando o local da festa. Logo na entrada do Parque *Sakura*, observava-se a *Tori*, um grande

---

[46] *Haikai* extraído do Jornal Nippo-Brasil. Acessível em: www.nippo.com.br
[47] A vida de uma flor de cerejeira representava o tempo de vida dos Samurais pela sua efemeridade.
[48] O município de Frei Rogério foi distrito do município de Curitibanos até 1995, ano no qual consegue emancipação.

portal vermelho entre enormes araucárias. Nas cercas que delimitam o parque, encontravam-se bandeiras com dizeres em japonês, as quais foram recebidas como doação do governo japonês.

Imagem 7 – Anúncio do 13º *Sakura Matsuri*, em setembro de 2010, no jornal local A Semana[49]

Ao adentrar o parque, as carpas de pano, os origamis em formato de *tsurus*[50] e os enfeites utilizados no *Tanabata*[51] coloriam o lugar juntamente com as cerejeiras. Dentro de

[49] 13ª SAKURA Matsuri. A Semana, Curitibanos, 03 set. 2010.

um enorme galpão havia diversos produtos à venda: origamis (dobraduras de papel), conservas de alimentos, frutas e outras comidas japonesas como o *sushi* e o *moti*[52]. Ao lado do galpão, em um espaço, o qual na vida rotineira é um campo para *gate-ball*, torna-se um espaço coberto por lonas sob a qual se encontram diversos bancos em frente a um palco montado especialmente para o *Sakura Matsuri*. Neste palco, de fundo de tecido branco e vermelho, grande parte das apresentações foram realizadas, iniciadas após o discurso de abertura em língua portuguesa e japonesa. Primeiramente, todas as autoridades convidadas – cônsul do Japão, vereadores, prefeito, representantes do Governo do Estado de Santa Catarina, senão, o próprio governador – foram apresentadas e receberam o agradecimento dos organizadores da festa. Alguns deles começaram a discursar sobre a importância da colônia, sempre destacando as contribuições culturais e econômicas dos "imigrantes japoneses" em Santa Catarina. É sobre estes imigrantes japoneses que as palavras discorreram logo em seguida, na leitura de uma breve história sobre a fundação do Núcleo Celso Ramos e sobre trajetória da construção do mesmo. O discurso de abertura, finalizado com uma empolgada salva de palmas, logo deu espaço a outras apresentações, de acordo com a programação: as apresentações da luta de *kendô*, dos grupos de *taikô* (tambores japoneses) vindos de Foz do Iguaçu e grupos recém-formados no Núcleo Celso Ramos, danças ao som da música *"Sakura*", o *Yukata* (vestir *kimono*, uma vestimenta comumente utilizada em ocasiões especiais como casamentos, festa, formaturas, entre outras). Enquanto as apresentações aconteciam no palco, em outro espaço gramado e cercado de árvores acontecia a cerimônia do chá, realizado sob um quiosque mais isolado do local onde se encontrava o palco, mas ainda nas delimitações do Parque *Sakura*.

Do outro lado da rodovia SC-451, em frente ao Parque *Sakura*, encontra-se a casa octogonal inaugurada em 2008. Durante a festa do *Sakura Matsuri*, esta casa torna-se um espaço para exposição de troféus de torneios mundiais e nacionais de *Kendô*, de maquetes e bonecas emprestadas do consulado japonês de Curitiba, de exposição de mudas de azaleias entre outras plantas e um espaço para o *Shodô* (escrita japonesa), realizado na hora, conforme o pedido dos visitantes. Enquanto isso, logo em frente ao palco, dentro do Parque *Sakura*, as filas para a compra de fichas de alimentos e bebidas já ficam disponíveis para serem trocadas

---

[50] Ave considerada como um dos símbolos do Japão, representada em diversas formas "nas estampas de tecidos e nas pinturas artísticas. É ele também o símbolo da paz conhecido por todos: a menina Sadako Sasaki, vítima de leucemia causada pela bomba atômica de Hiroshima, quis seguir a tradição secular de dobrar mil *tsuru* em papel para dar sorte, mas não viveu tempo suficiente para concluir a tarefa. Seus colegas de escola terminaram por ela". (SAKURAI, 2007, p.20)

[51] Festival realizado em diversas cidades do Brasil e do Japão. No Brasil é conhecido como "Festival das Estrelas". Com base na mitologia japonesa, este festival é conhecido como *Tanabata Matsuri* no Japão.

[52] Massa lisa e consistente feita de arroz, servida em formato de bolinhos.

em uma "praça de alimentação" construída para a festa. Havia alimentos considerados "tipicamente japoneses", como o *yakisoba* (macarrão com legumes e molho de *shoyu* – molho de soja), *yakimeshi* (arroz feito com ovo e legumes), uma carne temperada com gengibre, e o *tempura* (legumes fritos). Uma festa que prometia "um pedacinho do Japão" – como bem dizia os cartazes de divulgação – e que no ano anterior já era considerada "o principal evento da cidade" de Frei Rogério:

> Beleza, tradição e um espetáculo da natureza são atrativos da *Sakura Matsuri* (Festa da Florada da Cerejeira), que acontece este fim de semana no Parque *Sakura*, no Núcleo Celso Ramos, em Frei Rogério. Em sua 12ª edição, a festa já se consolidou como o principal evento da cidade, capaz de reunir milhares de pessoas, sejam de origem nipônica ou não, atraídas pela programação diversificada e pela milenar cultura japonesa[53]

Este era o início do anúncio sobre o *Sakura Matsuri* do ano de 2009, inserido em um caderno especial chamado "Fim de Semana", do jornal local "A Semana". Mais de um ano depois das comemorações do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil (2008), realizado em diversos estados brasileiros, – inclusive Santa Catarina – o *Sakura Matsuri* era anunciado neste jornal local como uma "Festa tradicional japonesa", "uma florada de cultura", ocupando uma página inteira de anúncio. Na foto de capa do caderno especial, três crianças, todas meninas, estão vestidas em *kimonos* coloridos, segurando ramos artificiais de *sakura* em flor. Segundo esta contagem, o *Sakura Matsuri* estava em sua 12ª edição.

Segundo o livro "O Caminho dos 40 anos da Colônia Celso Ramos" (OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004), publicado em 2004, a primeira referência ao *Sakura* Matsuri pode ser observada em 1997, indicando a sua primeira edição. Contudo, antes mesmo de existir uma primeira edição, o *Sakura Matsuri* foi pensado para ser realizado em um espaço já existente e cujo processo de construção ocorrera anos antes, entre 1987 e 1989: o Parque *Sakura*. Tanto este parque como a festa constituem dois processos de construção distintos, mas estão estreitamente relacionado um ao outro. Como trabalhado no capítulo anterior, o Parque *Sakura* foi construído em 1989. Inicialmente, o parque foi construído como um espaço de confraternização, voltado aos imigrantes japoneses e seus descendentes e para a realização de eventos internos. A partir de 1993, o parque continua sendo utilizado para confraternizações da colônia japonesa, porém sua intenção era transformá-lo em um ponto turístico. Este projeto teve início a partir de divulgações do Parque *Sakura* em jornais de maior circulação – como o jornal A Notícia e o jornal Diário Catarinense – e a partir da realização da festa que comemorava os trinta anos da "Colônia Celso Ramos". A festa foi um

[53] SAKURA Matsuri, uma Florada de Cultura. Caderno Fim de Semana. A Semana, Curitibanos, 04 set. 2009.

meio de divulgação do próprio Parque *Sakura*, com a intenção de transformá-lo em um espaço turístico.

Enunciar o parque como "turístico" não significa efetivamente uma transformação que ocorre do dia para a noite, mas sim um processo de construção que se inicia na década de 1990, abarcando a criação do *Sakura Matsuri* nesta mesma década. Da mesma forma, o jornal A Semana, em 2010, anuncia o *Sakura Matsuri* como uma tradição da colônia de japoneses. Considerando a sua recente existência, o que faz o *Sakura Matsuri* ser considerado uma tradição? Qual seria o peso de enunciar o *Sakura Matsuri* como tradição? A expressão "tradição" aparece comumente nas fontes orais e fontes impressas. Nos artigos sobre a festa, no jornal A Semana, esta expressão chamou a atenção, pois além de ter sido empregada como se tradição fosse inerente à festa, esta enunciação foi feita desde a primeira edição da festa, em 1997. No entanto, declarar o Sakura Matsuri como tradição seria naturalizar esta relação que, conforme o andamento da pesquisa, demonstrou-se complexa. Antes de colocar uma pedra sobre o papel, este capítulo tem por objetivos problematizar a (re)construção de representações, sentidos e interpretações que interpassam e circundam o Sakura Matsuri.

2.1. *Sakura Matsuri*, "um pedacinho do Japão": tradição e turismo na realização de uma festa

Durante as pesquisas realizadas nos arquivos do jornal A Semana, os jornais que foram publicados durante as décadas de 1990 e 2000 traziam o cheiro do papel impresso guardado. Cuidadosamente organizados sequencialmente por anos e meses, as edições deste semanário demonstravam as suas transformações quanto à materialidade e à organização interna.

O Jornal A Semana foi criado em 1982, dirigido inicialmente pelos irmãos Ubiratan Busato e José Augusto Busato, com circulação de quinhentos exemplares no município de Curitibanos. A partir de 1989, passou a ser dirigido pelos irmãos Renato Westphal e Hélio Westphal os quais permanecem nesta função até o corrente ano desta pesquisa. A publicação deste semanário passou por diversas transformações desde 1989, desde o barulho das teclas das máquinas de escrever até a sua publicação on-line, via *internet*. Estas transformações puderam ser percebidas ao longo da pesquisa realizada em seu acervo, situado na própria sede

de editoração no município de Curitibanos, além de uma entrevista concedida por Renato Westphal.

Durante a década de 1980 para o início da década de 1990, o jornal A Semana era escrito à máquina de escrever. Suas manchetes, segundo Westphal, eram montadas letra por letra em papel vegetal, a partir da técnica de decalque. A capa do jornal era a última parte a ser trabalhosamente montada para logo, em seguida, ser gravada em fotolito. Segundo Westphal, o jornal "estava totalmente descreditado, ele era um jornal assim, desleixado, ele tava com muito erro na capa, ele era fora de formato pra custar mais barato, entende?"[54]. Os jornais passaram a ser colocados no formato de tabloide, a partir da direção dos irmãos Westphal, iniciando em 1989. No início da década de 1990, o jornal passou a circular em municípios vizinhos tais como Santa Cecília, Ponte Alta do Norte, São Cristóvão do Sul, Correira Pinto e em 1996, em Frei Rogério, município que havia se emancipado de Curitibanos no ano anterior. A expansão do jornal acompanhou novas demandas quanto aos potenciais locais de circulação, principalmente em meio às emancipações dos municípios de São Cristóvão do Sul, Ponte Alta do Norte Frei Rogério, que antes eram distritos de Curitibanos no início da década de 1990.

Westphal ainda diz em sua entrevista que se quinhentos exemplares circulavam no início da década de 1980, no ano desta pesquisa há cerca de cinco mil e trezentos exemplares semanais em circulação em Curitibanos e nos municípios vizinhos. Segundo ele,

> E outra assim, houve também bastante profissionalização do jornal, sabe. Então isso também aconteceu assim, vamos colocar, a partir do ano 2000 pra cá, houve assim, a tecnologia ajudou muito com as câmeras digitais, o microcomputador e a mão-de-obra mesmo, entende? Então, são pessoas assim, houve a necessidade de contratar jornalistas, repórteres, o pessoal da diagramação, pessoas já com capacidade pra diagramação com conhecimento do computador, conheciam os programas e tudo, né. Então essa, foi um pulo, a tecnologia foi muito importante pra nós, informática, principalmente, facilitou muito a nossa vida. Nós tínhamos uma pessoa que cuidava da fotografia, nós tínhamos um laboratório de fotografia, nós desativamos [...] depois nós tínhamos também uma máquina de fotolito, tive de tirá-lo pela janela.[...] E também, depois o que que aconteceu, com a modernização, o fotolito se foi, a máquina ficou obsoleta também. Então os computadores começaram a fazer isso aí. E, então houve bastante transformação. [...] Então, até hoje, né, com a internet... nós rodávamos 1200 jornais, nós tínhamos que entregar na manhã pra impressora em Lages, às 7 horas da manhã. Então ia de carro lá, levava gravado em CD, tudo gravadinho, lá eles abriam no

[54] Entrevista com Renato Westphal. [21 mar. 2012] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2012. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

> computador e eles faziam a transformação. E eles saiam de Lages, às 8 horas, 9 horas da noite. Ficava o dia inteiro em Lages esperando terminar o jornal. Hoje, eu mando pelo computador às 4 e meia da tarde, a última página, eu começo a mandar a partir das duas, das duas horas da tarde, 4h30 a última página, às 9 horas, não 9h45 da noite tem 5500 exemplares impressos em Curitibanos.[55]

A "modernização" da imprensa havia chegado no jornal A Semana. Os ruídos das teclas das máquinas de escrever, a partir do ano 2000, não eram mais ouvidos na redação; as fotos, antes reveladas em um laboratório próprio, em uma salinha pequena e escura, começam a ser substituídas pelas fotos instantâneas das máquinas digitais; a máquina de fotolito teve de ser retirada pela janela da sede do editorial de tão grande que era, cedendo espaço aos computadores. A chegada do computador e da informatização, ainda que tardia em Curitibanos[56], transformou as relações de trabalho com a profissionalização das edições do A Semana. Contratavam-se trabalhadores especializados que sabiam manusear estas novas máquinas e programas, além do próprio aumento do quadro de funcionários por conta da expansão do jornal e a demissão de outros, cujas funções acabaram por ser substituídas pelas novas tecnologias. A impressão do jornal não era mais feita na cidade, mas sim no município de Lages, através de uma empresa especializada em impressão de jornais da região.

Ainda no início da década de 1990, em meio às transformações e das edições do semanário, as notícias sobre o Núcleo Celso Ramos aparecem, em sua grande parte, relacionadas às atividades agrícolas, às perdas de safras e os ganhos que a agricultura trouxe para a cidade de Curitibanos e para Frei Rogério. Timidamente, alguns eventos culturais do Núcleo Celso Ramos aparecem, e sempre relacionadas aos japoneses ou à colônia de japoneses, entre estes, os anúncios sobre o *Sakura Matsuri*, a Festa da Floração da Cerejeira. O primeiro anúncio desta festa no jornal A Semana pode ser percebido no ano de 1997, no mês de setembro, mês que marca o início da primavera no Brasil. Situada na recém-criada seção "Frei Rogério", no jornal A Semana, um pequeno anúncio escrito e sem autoria declara:

> Floração da Cerejeira
>
> A Associação Cultural Brasil-Japão e a Prefeitura Municipal de Frei Rogério contam com a presença da comunidade local para prestigiar as festividades de

[55] Entrevista com Renato Westphal. [21 mar. 2012] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2012. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

[56] A expressão "tardia" se refere às transformações tecnológicas que chegaram de maneira desigual nas diversas regiões brasileiras. Segundo a jornalista Luiza Villaméa a chegada o computador passou a ser utilizado na imprensa na década de 1980, e a internet, em 1990. Não sem resistências, a informatização da imprensa nacional passou por dificuldades de adaptação. Não à toa, segundo a jornalista, realizavam-se seminários sobre os impactos das novas tecnologias. As dificuldade quanto ao manuseio e às falhas técnicas já se faziam comuns na década de 1980. (VILLAMÉA, 2008, p.249-287)

> Floração da cerejeira. A Festa "Sakura Matsuri" como é conhecida acontece no próximo dia 14 de setembro, no parque Sakura, com sede no Núcleo Celso Ramos, com início marcado para Às 10h00. Durante todo o dia *haverão* festividades de floração da cerejeira, com várias programações, entre elas o bento (comida típica japonesa), artesanato, mudas de plantas, matinê dançante Às 15h00. Também haverá churrasco.
>
> Um ônibus foi colocado à disposição daqueles que desejarem passar o dia no Parque Sakura. Com passagem gratuita, o ônibus sai da rodoviária de Curitibanos Às 9h30 e seu torno está previsto para o final da tarde de domingo, 14, quando acontecerá o evento.[57]

A partir da organização da Associação Cultural Brasil-Japão (ACBJ) e com os recursos financeiros, a partir de um convênio com a Prefeitura Municipal de Frei Rogério, a anúncio convidava a "comunidade local" para o *Sakura Matsuri*. A festa traz em sua programação elementos "tipicamente japoneses" como a comida e, além disso, um churrasco. No entanto, a própria narrativa coloca a festa como "conhecida". Conhecida para quem? No Japão, pelos japoneses que viviam no Núcleo Celso Ramos, pela população local de Curitibanos e Frei Rogério? Era a primeira vez em que o *Sakura Matsuri* estava sendo divulgado neste jornal, por que a narrativa faz questão de enunciar a festa desta forma? A narrativa escrita não traz especificidades quanto a este detalhe, mas coloca um ponto importante para o qual este pequeno anúncio foi escrito: a divulgação que tenta construir esta recente festa como algo previamente estabelecido quanto à sua popularidade. Para a realização desta festa, havia, também, um espaço inaugurado como "turístico" em 1993, o Parque Sakura. Mais do que um local da festa, o anúncio já o coloca como um ponto de referência que já parece ser conhecido, este parque o qual já havia experimentado, em 1994, uma festa que comemorou os trinta anos de existência da colônia japonesa do Núcleo Celso Ramos.

Entre as páginas do jornal A Semana, os artigos e anúncios sobre o *Sakura Matsuri*, analisados no período entre 1997 e 2010, demonstram algumas características em comum quanto à sua publicação. Os anúncios em formato de pequenos artigos ou em convites são publicados ainda no mês de agosto. Algumas vezes é possível encontrá-los na seção "Vapt-Vupt", a qual se consiste em pequenas notas ou "lembretes" sobre os eventos na região de Curitibanos e municípios vizinhos. Logo no mês de setembro, na edição da semana seguinte à festa, sempre há um artigo publicado, o qual narra a realização da festa, desde a cerimônia de abertura até a última apresentação, conforme a programação do evento. Entre os anos de 1997 e 2010, estes artigos e anúncios – escritos por autores variados (e algumas vezes sem autoria),

[57] FLORAÇÃO da Cerejeira. A Semana, Curitibanos, 06 a 12 set. 1997.

dependendo do ano e da seção na qual se encontra (nas seções “Vapt-Vupt”, “Frei Rogério”, ou mesmo aleatoriamente no corpo do jornal) – se constituem de narrativas que enunciam a festa como “tradicional”. No ano de 1997, um dos primeiros anúncios da festa aparece no jornal A Semana desta forma:

> Toda a colônia japonesa está envolvida com o Sakura Matsuri, para a festa já tradicional no Núcleo. A presença de várias autoridades e visitantes de outras cidades já confirmaram presença.[58]

Outro ponto observado em comum em todos os anúncios e artigos sobre o *Sakura Matsuri*, no jornal A Semana foi a citação constante da presença de autoridades. Antes mesmo da realização da festa, diversos convites eram enviados à militares, ao poder executivo do Estado de Santa Catarina e aos representantes consulares do Japão, encontrados nos arquivos particulares da Associação Cultural Brasil-Japão de Frei Rogério (ACBJ).

Em 1997, as narrativas sobre a festa, presentes no jornal A Semana apresentam a festa como já previamente estabelecida e como tradicional: “A Festa *Sakura Matsuri* como é conhecida”, “a festa já tradicional no Núcleo”. Se antes a festa já era realizada no Núcleo, como o próprio anúncio deixa a entender, ao menos é possível perceber que esta festa não era divulgada externamente à colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos. Outro ponto relevante se encontra na própria construção da narrativa que não difere o Núcleo Celso Ramos de uma colônia de japoneses – diferenças que são explicitamente marcadas por Kentaro Yoshida, em seu relato oral – mas sim, o próprio Núcleo seria formado por japoneses e em nenhum momento cita a presença de brasileiros que também fizeram parte da história da colonização no mesmo. Ora, a narrativa demonstra que a intenção era a divulgação de uma festa cujo próprio nome já indicava quem eram os “fazedores da festa” – expressão utilizada pela historiadora Maria Bernadete Ramos Flores – da mesma forma que torna menos visível a presença de outras etnias. Com grande peso, a narrativa dá impressão de uma festa cujo sentido de “tradição” (a)parece inerente e enaltecedora, ao mesmo tempo em que expõe a expectativa a respeito de um público ao qual chama de “visitantes”. O “tradicional” torna-se um atrativo.

Na semana seguinte à festa, um artigo é publicado no corpo do jornal, em nenhuma seção em específico:

> Japoneses realizaram a Festa da Floração da Cerejeira

[58] FLORAÇÃO de cerejeiras neste domingo em Frei Rogério. A Semana, Curitibanos, 13 a 19 set. 1997.

> No último domingo, na localidade de Núcleo Celso Ramos, uma das maiores colônias japonesas no sul do Brasil, município de Frei Rogério, foi realizada pela Associação Cultural Brasil Japão, a Festa da Floração da Cerejeira – Sakura Matsuri. A programação, antecipadamente divulgada, teve que ser reprogramada devido a fortes chuvas que caíram no sábado que antecedia o evento. Na abertura oficial compareceu o presidente da Associação – Fumio Honda, o presidente da Comissão Organizadora do evento – Hirotaka Onaka, o fundador do Parque – Sakura Masayoshi Takizawa, o presidente da Câmara de Vereadores do Município de Frei Rogério – José Almeida e vereadores, o vice-prefeito de Frei Rogério – Irineu Alberton e o prefeito Takashi Chonan. Muitas homenagens foram apresentadas e todas voltadas para o criador do Parque- Sakura Takizawa que tem hoje 78 anos, e cuida do Parque há 10 anos, visitando-o diariamente. Honda, agradeceu a presença de todos os visitantes, anunciando assim, a abertura de uma Festa Tradicional Japonesa para todos os brasileiros. O prefeito Takashi Chonan, explicou a tradição do Matsuri, que está na floração do Sakura (espécie de árvores). "No Japão, sempre é comemorada a floração no sul daquele país, nos meses de fevereiro e maio, sendo que no Brasil a floração acontece no mês de setembro", disse Chonan. Para um significado da comemoração do Sakura Matsuri, o prefeito Chonan explicou aos presentes que será uma boa safra na agricultura, entrada da primavera, traz muita alegria para o povo japonês. Na filosofia, disse ser comparada com a vida do homem, que aos poucos cresce, vem cheia de vida e mostra seu ponto máximo e termina em curto espaço de tempo.
>
> Também foi homenageada com placas durante a abertura do evento, a vice-campeã mundial de Kendô – Elzami Miwa Onaka. Na parte da tarde, foram apresentadas danças típica de folclores japoneses, pelo grupo de jovens da Associação Brasil Japão e pelo grupo de senhoras da Associação Cultural e Esportiva de Curitibanos – ACEC, liderada pela professora Maria Yoshika (Restaurante Hikari), seguido de tarde dançante com o grupo Chão Nativo. Durante todo o dia, mesmo com algumas pancadas de chuva, os visitantes visitaram o Parque e conheceram a beleza que está sendo implantada junto ao Parque Sakura, pelo dedicado Massayoshi Takizawa.[59]

Produtora de significados, a imprensa constrói e apropria-se de discursos e representações para construir a sua própria narrativa, prática que é perceptível em todos os artigos e anúncios analisados do jornal A Semana ao falar sobre o *Sakura Matsuri*. No decorrer festivo de 1997, segundo o artigo sem autoria, as boas vindas de uma "Festa Tradicional Japonesa" foram dadas a todos os brasileiros, no caso, parte daqueles que seriam os "visitantes". A partir do discurso público de autoridades na abertura oficial, o jornal tenta reproduzir os sentidos que dão razão à realização da festa. Takashi Chonan, o primeiro prefeito do município de Frei Rogério, recém emancipado em 1995, discursou os significados do *Sakura Matsuri*, construindo pontes entre Brasil e Japão ao predizer as boas safras para a atividade agrícola, considerando que esta era (e ainda é) a principal atividade econômica nos municípios de Curitibanos e Frei Rogério, além de outros municípios vizinhos. A partir da "filosofia", a narrativa deste artigo transcreve as palavras do discurso de Chonan na humanização da natureza: a floração e o cair das flores é um significado metafórico da vida

[59] JAPONESES realizam a Festa da Floração da Cerejeira. A Semana, Curitibanos, 20 a 26 set. 1997.

do homem, desde o seu nascimento até sua morte. Seguindo a narrativa, as "danças típicas" apresentadas pelo grupo de jovens e uma banda brasileira chamada "Chão Nativo" são ressaltadas como parte das atrações da festa.

O *Sakura Matsuri*, colocado como uma "comemoração" no artigo somente pode ser possível pela implantação do Parque *Sakura*, que durante treze anos ficou sob a responsabilidade e sob a manutenção de Masayoshi Takizawa, um dos integrantes da colônia de japoneses, já falecido.

Nos anos seguintes, o *Sakura Matsuri* foi apresentado nas narrativas impressas ainda como uma "festa tradicional", ressaltando a presença de autoridades e programações com atividades "tipicamente japonesas". No entanto, em 1999, alguns pontos interessantes são noticiados e trazem aspectos distintos relacionados ao *Sakura Matsuri*. Na semana que antecedia a festa, um artigo de divulgação dizia:

> Festa da Floração da Cerejeira movimenta o Núcleo Celso Ramos
>
> O município de Frei Rogério, através da Associação Cultural Brasil/Japão, realiza neste domingo, a festa anual da SAKURA MATSURI ou seja, a Festa da Floração da Cerejeira. A Sede da Associação Brasil/Japão, receberá centenas de visitantes para juntos presenciarem as árvores de cerejeiras que nesta época do ano estão floridas, mostrando e transmitindo um ar de alegria da natureza. A comunidade nipônica preparou para este ano uma vasta programação iniciando no domingo, às 9h30 com uma missa. Às 10h00, acontecerá a abertura oficial do evento com presença de autoridades municipais e estaduais. Às 11h00, todos os presentes farão uma caminhada no Parque. Ao meio dia, está programado um almoço típico com a culinária japonesa, bem como o tradicional churrasco da região. Um completo serviço de bar e cozinha estará à disposição dos visitantes. Na parte da tarde, será apresentada uma exposição e demonstração de Cerâmica, apresentação de Kendô e Karatê, danças típicas e Cerimônia do Chá. Na continuação, Matinê Dançante. A prefeitura de Frei Rogério é grande parceira junto com a Associação na realização do evento, bem como o Banco do Brasil, que patrocina parte da festa.
>
> Por muitos anos é realizada a Sakura Matsuri e a cada etapa, os brasileiros, principalmente aqueles que convivem diariamente com japoneses, aprendem a amar e acurtir a natureza de um modo todo especial. Os curitibanenses estarão em peso no evento, como todos os anos, fazendo assim um domingo diferente com seus familiares.[60]

No ano de 1999, o *Sakura Matsuri* foi considerado como uma festa realizada durante anos. O tempo aqui foi utilizado em um movimento duplo na narrativa, pois além de reforçar a ideia de tradição, torna-se o ingrediente essencial para explicar uma possível mudança nas relações entre japoneses e brasileiros, através do aprendizado no qual a "natureza" faz a

[60] FESTA da Floração da Cerejeira movimenta o Núcleo Celso Ramos. A Semana, Curitibanos, 28 de ago. a 03 de set. 1997.

ligação. Esta relação entre japoneses, seus descendentes e brasileiros parecia ocorrer de forma harmoniosa, mediada pela convivência. No Jornal A Semana, as relações interétnicas, em todos os artigos relacionados à festa, são representadas como amistosas, em um esforço para reconhecê-las como parte de uma diversidade cultural. No entanto, as diferenças culturais – questão que será retomada mais adiante nesta dissertação – aparecem de forma sutil em diversos momentos da festa e nas narrativas orais.

Uma semana depois da realização da festa, um artigo sobre o *Sakura Matsuri* era acompanhado por outro na mesma página sob o título "Chonan recebe recursos para a educação vindos do Japão"[61]. O prefeito de Frei Rogério havia recebido a doação de um veículo "tipo furgão" que seria utilizado para o transporte escolar, além de outros equipamentos, cujos valores somados equivaleriam a R$ 55.000,00 (cinquenta e cinco mil reais), recursos a fundo perdido. Não à toa, a representantes do Japão, como o cônsul Massanori Toda, estavam presentes para a anunciação da entrega de tal doação nos discursos da abertura oficial do *Sakura Matsuri*. Acompanhando este momento de abertura oficial da festa, o deputado Onofre Agostini, representante do governo de Santa Catarina aproveita para anunciar as negociações entre o "Governo do Estado e as autoridades japonesas com vistas a alocação de recursos para financiamento do asfaltamento da rodovia Curitibanos/Frei Rogério/Fraiburgo"[62]. Até 2007, a estrada de terra que ligava estes municípios dificultava o acesso aos mesmos, chegando a levar quase duas horas para percorrer um trajeto de trinta quilômetros, entre Curitibanos e Frei Rogério.

Antes mesmo destas anunciações no *Sakura Matsuri* de 1999, as intenções de transformar o Parque *Sakura* em um espaço turístico já haviam sido demonstradas, senão, enunciadas já em 1992. Três anos depois, em 1995, à pedido do presidente da Associação Cultural Brasil-Japão, Kazunori Yamamoto, um estudo sobre os potenciais turísticos do local – situado, a partir deste ano, no recém-emancipado município de Frei Rogério – foi realizado pela Santa Catarina Turismo S/A (SANTUR), órgão oficial de turismo do Estado de Santa Catarina. Segundo este estudo, o diretor de Planejamento e Desenvolvimento Turístico da SANTUR dizia:

> Após visitar o vosso espaço, percebo que existem muitas possibilidades de aproveitamento turístico, nas áreas ambiental e cultural.
>
> Acredito que, após a pavimentação do acesso, a atividade turística poderá ser forte alternativa ao desenvolvimento econômico local.

[61] CHONAN recebe recursos para a educação vindos do Japão. A Semana, Curitibanos, 04 a 10 de set. 1999.
[62] idem

> Entretanto, é importante que sejam desenvolvidas ações preparatórias, principalmente, para o fomento da produção artesanal típica. Recomendo, inclusive, que as peças artesanais – papel, tecido, doces, flores, etc. – sejam colocadas à venda, nas localidades de Fraiburgo e Treze Tílias, onde o fluxo turístico já é bastante forte.
>
> Destaco para a importância de por definida marca que identifique os produtos de Frei Rogério.[63]

Havia ainda a intenção de dar continuidade aos projetos relacionados ao turismo, que não apenas transformaria o Parque *Sakura* como um espaço voltado ao turismo, assim como tinha intenções de ampliar este projeto ao âmbito municipal com a necessidade da pavimentação da estrada que dá acesso ao Parque *Sakura* – a mesma estrada que conecta os municípios de Curitibanos e Frei Rogério – assim como, a criação de uma marca que identifique Frei Rogério nesse potencial espaço turístico que abrangeria outras cidades. O empenho para tal objetivo pode ser notado em um ofício da Secretaria de Transportes e Obras do Estado de Santa Catarina, enviado, em janeiro de 1996[64], ao presidente da Associação Cultural Brasil-Japão de Curitibanos, Kazunori Yamamoto, em resposta a um pedido de análise sobre a possibilidade da pavimentação da estrada Curitibanos-Fraiburgo, que passa por Frei Rogério. O ofício explica as diversas segmentações que constituem esta estrada, as quais estavam sob a responsabilidade estadual, municipal, de distintos departamentos e empresas. O segmento que Curitibanos-Frei Rogério, em cujas margens se encontra o Parque *Sakura*, era integrante da rodovia SC-451. O ofício ainda informa que, a partir de 1996, este trecho estaria sob a responsabilidade do Departamento de Estradas e Rodagens do Estado de Santa Catarina (DER/SC).

Contudo, um ofício enviado pelo deputado Onofre Santo Agostini informava que este projeto de pavimentação já não estava mais incluso no orçamento vigente do ano de 2001 do DER/SC. O início da pavimentação deste trecho teve de esperar por mais nove anos. Entre 1996 e 2007, cartas e ofícios eram trocadas entre a Associação Cultural Brasil-Japão (ACBJ), os poderes executivo estadual e municipal e entre poderes legislativos. Em 1999, uma carta enviada pelo presidente da ACBJ, Fumio Honda, ao governador do Estado de Santa Catarina, Espiridião Amin Hello Filho, começa parabenizando o governador pelo seu segundo mandato e logo inicia um pequeno histórico sobre o "Núcleo Colonial Celso Ramos", exaltando as suas

---

[63] SANTA CATARINA TURISMO. SANTUR. Correspondência para ACBJ, Florianópolis, 16 de outubro de 1995.

[64] SECRETARIA DE ESTADO DOS TRANSPORTES E OBRAS. Ofício nº42, Florianópolis, 09 de janeiro de 1996.

contribuições econômicas das atividades agrícolas realizadas pelos agricultores deste Núcleo. Na Carta, Fumio Honda aproveita para dizer que

> Contamos, também, com um belo parque 'SAKURA' que tem atraído inúmeros visitantes de todo o Brasil e no qual muito nos honra a existência de um ipê plantado por Vossa Excelência quando ainda Secretário de Obras do Governo Catarinense.
>
> Porém, se constata inevitavelmente, a péssima condição de tráfego e acesso ao 'Núcleo'.
>
> Para que nosso setor produtivo continue se destacando e gerando bons resultados econômicos para nossa região e Estado, reivindicamos à Vossa Excia e na medida do possível, atenção maior à principal via de escoamento de nossa produção – SC.... – que liga Frei Rogério a Curitibanos, a qual exige asfaltamento. Sem o qual e nas condições em que se encontra tem causado prejuízos irreversíveis à nossa economia[65]

Em junho deste mesmo ano, um ofício remetido por vereadores de Frei Rogério foi enviado ao presidente da Câmara de Vereadores deste município, solicitando a pavimentação deste mesmo trecho. Em 2001, uma carta enviada pela ACBJ, em nome de seu presidente Fumio Honda a Juiniti Saito, Major Brigadeiro da Aeronáutica do Vº Comando Aéreo Regional, revela um tom de proximidade que se constroem nas entrelinhas das relações políticas. Nesta carta, Fumio Honda externa a sua alegria pela visita confirmada no próximo final de semana, para a qual a colônia de japoneses já havia preparado uma programação: apresentações de kendô e da cerimônia do chá, a apresentação do Parque *Sakura*, jantar, almoço e a abertura para a gincana *Undokai*, realizada na colônia de japoneses. No entanto, nesta carta, Fumio Honda ressalta as dificuldades ainda enfrentadas com a falta de pavimentação da rodovia SC-451, "Esforços para que este sonho se concretize, até o momento, não têm sido suficientes"[66]. E logo ao final da carta, ele escreve "Quando soubemos que viria acompanhado do Secretário de Estado dos Transportes e Obras, imaginamos que esse assunto poderia se comentado, apenas para que o fato torne-se conhecimento do secretário"[67]. Este documento ainda informa que em março deste mesmo ano, uma reunião entre o governador do Estado de Santa Catarina, a prefeita de Florianópolis, o embaixador do Japão em Brasilia, um General da Reserva e cinco secretários do Estado foi realizado nas pendências da colônia de japoneses para discutir o asfaltamento deste segmento da rodovia SC-451. Segundo a carta, o governador do estado somente viabilizaria este projeto se o governo japonês participasse financiando metade do projeto. "O embaixador do Japão,

---

[65] ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DE FREI ROGÉRIO. Correspondência da ACBJ para governador do Estado de Santa Catarina, Frei Rogério, 05 de maio de 1999.

[66] ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DE FREI ROGÉRIO. Correspondência da ACBJ para o Major Brigadeiro da Aeronáutica – Vº Comando Aéreo Regional, Frei Rogério, 1999.

[67] idem

por sua vez sugeriu que se fizesse um projeto em que explorasse o ecoturismo regional, e nela se incluísse a pavimentação da rodovia"[68]. O projeto, ao que parecia, tinha intenções de ser elaborado, a partir da criação do Parque do Sino da Paz[69] e da "expansão do 'Parque *Sakura*'". No entanto, nos arquivos particulares da ACBJ, nenhum outro documento segue aos que datam o ano de 2001, relacionados aos acordos entre o governo japonês e o Governo do Estado de Santa Catarina até 2007. Os esforços para a pavimentação do trecho que liga Curitibanos a Frei Rogério se prolongariam por mais alguns anos.

Em 2003, o recém-eleito governador do Estado de Santa Catarina, Luiz Henrique da Silveira, fez uma visita a Curitibanos, divulgada no jornal A Semana[70]. O motivo de sua vinda se justificava pela entrega de um cheque no valor de R$996.888,49 para a empresa Construtora Brasileira e Mineradora para a realização do asfaltamento da pista no aeroporto municipal. Segundo este recorte de artigo,

> O ponto mais alto da visita foi quando Luiz Henrique se comprometeu a, nos quatro anos de seu mandato, construir o asfalto da Rodovia SC-451, que liga Curitibanos a Frei Rogério. Uma obra reivindicada principalmente pelos agricultores, há vários anos, que dificulta o escoamento das safras. O governador disse também que esta obra será realizada em parceria com as prefeituras dos municípios, coordenadas pela Secretaria Regional, e com dinheiro liberado pelo Governo do Estado.[71]

O andamento das obras para a pavimentação deste trecho da SC-451 podia ser visto em 2005, ano que, inclusive, o *Sakura Matsuri* teve de ser cancelado por conta das obras de pavimentação que passavam na porta de entrada do Parque *Sakura* e cujos funcionários alugavam parte das estrutura do parque para alojamento. A partir do financiamento do programa BID-IV, no valor de R$24,3 milhões, a finalização do asfaltamento da rodovia ocorreu dois anos depois, mesmo ano em que novamente o governador Luiz Henrique da Silveira faz novamente uma visita à região, em Frei Rogério, para a inauguração oficial deste trecho pavimentado. Entre as iniciativas, tentativas de acordos – que incluíam as redes de

---

[68] idem

[69] O Parque do Sino da Paz foi concretizado em agosto de 2001, em Frei Rogério, e estava sob cuidados de Kazumi Ogawa, um dos sobreviventes da bomba atômica lançada em Nagasaki em 1945. Neste parque encontra-se um monumento Sino da Paz, de 28 metros, constituído por um sino recebido da Associaão Interncional da Amizada, em 1998. Ogawa chegou no Brasil em 1961 e se direcionou ao Núcleo Celso Ramos em 1964, lugar onde viveu até o seu falecimento no dia 06 de setembro de 2012.

[70] GOVERNADOR Luiz Henrique garante asfalto da SC-451 e traz verbas para o aeroporto municipal. A Semana, Curitibanos, 19 a 25 abr. 2003. Este artigo do jornal A Semana foi um recorte encontrado entre as documentações referentes à pasta de 2003, nos arquivos particulares da Associação Cultural Brasil-Japão de Frei Rogério.

[71] GOVERNADOR Luiz Henrique garante asfalto da SC-451 e traz verbas para o aeroporto municipal. A Semana, Curitibanos, 19 a 25 abr. 2003.

sociabilidades – e burocracias para o asfaltamento deste trecho que conecta os dois municípios até a sua efetiva realização, quase uma década se passou. A sua inauguração oficial foi realizada ainda em um evento público organizado pela própria colônia de japoneses, o *Sakura Matsuri*. Já neste mesmo ano de 2007, o jornal A Semana anunciava esta festa, tomando como referência para localização da mesma, a SC-451. Neste mesmo artigo que ocupa a metade de uma página do jornal e escrito pela jornalista Lilian Aparecida Ribeiro, na seção "Frei Rogério", incluía a inauguração deste trecho da rodovia SC-451 como parte da "comemoração da florada da cerejeira"[72]. Na semana seguinte, esta inauguração foi manchete de capa do jornal A Semana, com direito a uma reprodução fotográfica colorida, na qual o governador aparece cercado de pessoas, ao redor da placa que marca a data da inauguração e a obra realizada pelo Governo do Estado de Santa Catarina.

[72] RIBEIRO, Lilian Aparecida. Colônia japonesa comemora florada da Cerejeira . A Semana, Curitibanos, 08 a 14 set. 2007.

Imagem 8 – Capa do jornal A Semana. Inauguração da SC-451.[73]

No artigo que se encontra no interior desta edição, a jornalista Lilian Aparecida Ribeiro narra este momento em que o governador e demais autoridades

[73] A Semana, Curitibanos, 15 a 21 set. 2007.

> liderou a caminhada, partindo do quilômetro 273 (Siriema) até o palanque oficial em frente ao Parque Sakura, onde chegou empunhando a bandeira do Japão e realizou plantio de duas cerejeiras. Após a solenidade e queima de fogos de artifício o governador Luiz Henrique acompanhou algumas das atrações da 10ª Festa da Florada da Cerejeira – Sakura Matsuri.[74]

Uma "comemoração dentro da comemoração". No caso, duas esferas comemorativas que celebravam não apenas a floração das cerejeiras, mas celebravam os feitios políticos com a (de)marcação autoral da pavimentação da rodovia e celebravam mais um passo no projeto que visava a pontencialização turística do Parque *Sakura* e do *Sakura Matsuri*, uma forma de tornar estes espaços mais acessíveis aos potenciais "visitantes". Este artigo, publicado em 2007, coloca a festa em segundo plano. No entanto a jornalista elabora outro especificamente para a mesma, nesta mesma edição.

A "comemoração dentro da comemoração" ocorreu novamente em 2008, produzindo outros sentidos. Neste ano aconteciam as celebrações do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil. O jornal A Semana apresentou uma nova configuração quanto aos artigos que anunciavam e relatavam o *Sakura Matsuri* neste ano. Diferentemente dos artigos publicados até o ano de 2007, os anúncios da festa saem da aleatoriedade do lugar ocupado no corpo textual do jornal, das seções "Frei Rogério" ou "Geral" para a seção "Evento", com um maior espaço destinado ao seu anúncio em formato de artigo. O artigo realizado após a festa relatava as atrações que seguiram a programação em duas páginas inteiras do jornal, colocadas na seção "Especial". Recheado de fotos – que ainda em preto e branco, chamam a atenção pela sua quantidade – o artigo sobre a festa traz pequenos textos, divididos por temas, que se intercalavam entre as fotos de crianças e mulheres vestidas de *kimonos*, de apresentações de lutas marciais japonesas, da apresentação de taikô, da confecção do moti e de outros pratos servidos durante a festa, da cerimônia do chá.

No ano seguinte, em 2009, a divulgação do *Sakura Matsuri* se encontrará em outro espaço do jornal, um caderno especial intitulado "Final de Semana", no qual o artigo que anuncia a festa ganha uma página interira com fotos coloridas. Em 2010, os anúncios saem deste espaço e ganham destaque na capa do jornal A Semana, o qual anuncia "Duas mil pessoas na *Sakura Matsuri*". A festa ganha outras proporções. A quantidade de visitantes que antes era narrada como "muitos", passam a quantificação de "dois mil", número que chama a atenção do leitor.

---

[74] RIBEIRO, Lilian Aparecida. Governador Luiz Henrique inaugura SC-451. A Semana, Curitibanos, 15 a 21 set. 2007.

Desde o primeiro pequeno artigo que anunciava a festa em 1997 até os artigos que ocupavam grandes espaços das páginas do jornal A Semana, "tradição" encontra-se sempre presente em narrativas concomitantemente aos projetos em transformar o Parque *Sakura* e o *Sakura Matsuri* em espaços turísticos. No entanto, tradição e turismo estão sempre em tensão, apesar de a narrativa impressa naturalizar algumas questões que se encontram entre estes dois pontos de discussão, ao construir representações, ao apropriar-se de discursos e memórias, visando uma legitimidade harmoniosa.

Uma destas questões se refere à enunciação do *Sakura Matsuri* como uma "festa tradicional". Além da alusão a uma longevidade de realização da festa, esta enunciação produz significados que remetem a uma "tradução", conceito trabalhado por Homi K Bhabha. Na narrativa encontrada ao longo dos artigos publicados sobre a festa, a expressão "tradição" aparece em todas elas, evocando um passado que tenta impor "práticas fixas", como a repetição (HOBSBAWM, 1997, p.10). Esta invariabilidade a qual a tradição remete como repetição pode ser observada nos artigos publicados entre 1997 e 2010, cujas construções narrativas, ainda que distintas, apresentam repetitivamente uma estrutura constituída pela resignificação do passado no presente, ao tentar explicar os significados que legitimam a realização da festa e o relato sobre os eventos ocorridos na mesma que seguem uma série de atrações da programação previamente estabelecida por seus organizadores. (Re)significações e programações se repetem na construção da estrutura narrativa que anuncia ou que relata a festa. Não que isto signifique necessariamente uma "tradição narrativa" estabelecida nestes artigos – levando em consideração que sua estrutura apresenta variações, na medida em que a própria festa ganha maior amplitude – mas que a própria narrativa, por esta repetição argumentativa, transparece também a construção de afirmação, na tentativa de estabelecer o *Sakura Matsuri* como uma festa inerente à tradição. Esta expressão significante, por sua vez, é utilizada na narrativa de forma sintetizante, como se por si só explicasse a festa e englobasse o que se espera encontrar na mesma: "almoço com comidas típicas japonesas", "apresentação artística da cultura japonesa"[75], "apresentação de Kendô e Karatê", "danças típicas"[76], "cerimônia do chá, preparado a base do pó da casca de uma árvore centenária japonesa, e servido com doces de feijão e de arroz", "origami"[77]. Práticas culturais que são incorporadas à festa ao longo de suas edições, que mesmo, ao deflagrarem as transformações na programação, adicionando cada vez mais atrações, fazem da festa uma síntese cultural, aos

[75] DOMINGO acontece a floração da cerejeira. A Semana, Curitibanos, 05 a 11 set. 1998.
[76] FESTA da Floração da Cerejeira movimenta o Núcleo Celso Ramos. A Semana, Curitibanos, 28 ago. a 03 set. 1999.
[77] FREI Rogério vive a Floração da Cerejeira. A Semana, Curitibanos, 02 a 08 set. 2000.

olhos do leitor e do público que passa a frequenta-la. Neste mesmo sentido, a própria contagem das festas, realizada somente em 2006 pelo jornal A Semana, com a "9ª edição da Festa da Floração da Cerejeira", implica em uma significação de longevidade da festa e a sua instituição como tradição.

A própria festa produz símbolos que constroem a sua identificação com o Japão: as cerejeiras como símbolo da festa impresso nos convites e nos cartazes de divulgação, as vestimentas (*kimono*) utilizada por mulheres japonesas e descendentes durante a festa, os ornamentos feitos de origamis de *tsurus*, as carpas feitas de tecido, as bonecas e armaduras de *kendô* expostas na casa octogonal, espaço construído em 2008, localizado em frente ao Parque *Sakura*.

Durante a festa, símbolos e representações se misturam às práticas culturais em um turbilhão de cores, ritmos, sons e aromas que causam um efeito de um passado vivo, em uma sensação na qual o passado e presente perdem distância. A sensação da proximidade destas duas temporalidades se encontram na evocação de passados resignificados no presente em "nome de uma tradição, sob a aparência de uma estratégia de representação da autoridade em termo do artifício do arcaico" (BHABHA, 2007, p.64-65). O *Sakura Matsuri* instituído como tradição, assim como a tradição é evocada durante a festa, além de resignificar o passado no presente, traz aquilo que Bhabha chama de "tradução cultural". A resignificação destas práticas, símbolos e representações no presente recolocam o passado nas intencionalidades da festa, para as quais este polissêmico cenário de palcos, apresentações e sensações foi produzido em um ato de tradução cultural.

Em artigos sobre a festa, publicados em anos distintos, tradição e turismo parecem se fundir: "O *Sakura Matsuri* já é tradição da Colônia Japonesa. Muitos visitantes estão sendo esperados. Vai a dica: um ótimo programa para o feriadão"[78]; "Cerejeira brancas, azaleias coloridas e outras plantas ornamentais formam uma paisagem de cartão postal e transformam o local em um pedacinho do Japão"[79]. Em 2001 o anúncio sobre a festa, a apresenta como tradição e ao mesmo tempo como um espaço turístico, tornando-a uma opção para o feriado. Da mesma forma, em 2007, as cerejeiras, símbolos da festa, são narradas de forma imagética, em uma narrativa que as enquadra em um cartão postal, no jogo da contrariedade do natural para o artificial, que se traduz na mensagem de uma beleza congelada, mexendo com as expectativas do leitor e do potencial "visitante", com a possibilidade de vê-la ao natural. Ao mesmo tempo, a narrativa gera uma expectativa sobre a festa como uma imagem congelada,

[78] FESTA DA FLORAÇÃO. A Semana, Curitibanos, 01 a 07 set. 2001.
[79] RIBEIRO, Lilian Aparecida. Sakura Matsuri supera expectativas. A Semana, Curitibanos, 15 a 21 set. 2007.

sintetizante e dotada de autenticidade: “um pedacinho do Japão”. A mensagem é explícita: “estar na festa” significaria sentir-se no Japão, ainda que em menores proporções. As representações de “Japão”, construídas na festa, seriam tomadas como “autênticas” pelos seus visitantes? A impressão de “estar na festa” é a de como se a mesma se perpetuasse no cotidiano da colônia de japoneses ao longo do ano.

Esta sensação ou mesmo a credibilidade dada à “perpetuação” pode ser percebida em outra festa realizada no Estado de Santa Catarina, em Blumenau. A Oktoberfest, festa problematizada nos estudos da historiadora Maria Bernadete Ramos Flores, traz símbolos, vestimentas, danças, músicas, “sempre como referência ao passado” (FLORES, 1997, p.24). A “germanidade” não é apenas resignificada na festa, mas também na própria cidade que a sedia. A arquitetura enxaimel de “maquiagem”, nas palavras da historiadora, transformam a cidade de Blumenau em um cenário de reconstruções e resignificações o qual na medida em que constrói um “hiper-realismo” aos olhos daqueles que a visitam – os turistas – também invisibilizam o próprio processo de construção, as intenções governamentais de transformação da cidade em um espaço turístico. Nos bastidores, nos quais ocorre este processo de transformação, observa-se a criação de

> uma cidade dentro da cidade, mas uma cidade monofônica, na qual tudo deveria convergir para uma única voz, plasmada numa só imagem, cantada numa só língua: a germânica, desenhada no quadrilátero da cidade, para ser vista, para ser cartão-postal, expulsando deste enquadramento, seus mendigos, impedindo o aparecimento de favelas, limpando os entulhos das ruas, edificando a arquitetura típica (FLORES, 1997, p. 70-71)

Assim como a Oktoberfest de Blumenau, o *Sakura Matsuri* põe em evidência a sua invenção como tradição, a partir de narrativas que compõe o material de anúncio elaborado pelos “fazedores da festa” assim como as narrativas impressas. De fato, algumas das práticas que são apresentadas durante o *Sakura Matsuri* fazem parte do cotidiano de alguns japoneses e descendentes da colônia, como por exemplo, o kendô. Ainda assim, há uma distância enorme entre aquilo que é “apresentado” como atração e a forma como esta luta marcial é praticada no cotidiano da colônia. O *yukata* e o *Bon Odori* – colocados em cartazes e folhetos de divulgação como “vestir *kimono*” e “dança folclórica”[80], respectivamente – são dois momentos da festa em que os visitantes são convidados a se levantarem dos largos bancos dispostos em frente ao palco para participar, ou melhor, fazer parte da apresentação.

[80] Cartaz de divulgação do 12ª Sakura Matsuri, em 2009.

Imagem 9 – Cartaz de divulgação do 12ª *Sakura Matsuri* de 2009.

No "vestir *kimono*", as mulheres "visitantes" sobem ao palco para serem vestidas, por japonesas e suas descendentes, em roupas semelhantes ao formato de um *kimono*, porém confeccionados com tecidos mais leves de algodão ou tecidos sintéticos de estampas

coloridas. Logo após esse momento, inicia-se a "dança folclórica" em que homens e mulheres, japoneses, seus descendentes e não descendentes realizam coreografias, ritmadas por uma música que se destaca pela voz feminina, em um grande círculo que se movimenta no espaço central da festa, em frente ao palco de apresentações. Logo ao lado, a área de venda de comidas e bebidas se encontra em uma área improvisada, sobre uma quadra poliesportiva coberta. Neste local, longas filas se formam para a troca de vales pelas "comidas típicas". Assim como afirma a historiadora Maria Bernadete Ramos Flores, "o consumidor já não se comporta passivamente como mero espectador; ele agora, também comporta-se como ator, isto é, como participante ativo" (FLORES, 1997, p.23). Assim como na Oktoberfest, "vestir-se" faz parte do espetáculo. Nesta síntese cultural, as atrações do *Sakura Matsuri* são lidas como "autênticas" pelos visitantes, em uma imersão momentânea que colabora com a sensação de "perpetuação".

A partir de uma observação atenta sobre as programações da festa e sobre os artigos publicados sobre a mesma, no jornal A Semana, entre os anos de 1997 e 2010, ainda que ambos os espaços apresentem as mudanças no *Sakura Matsuri* – com a inserção de práticas culturais – percebe-se a repetição de valores e normas presentes. O grupo de organização desta festa anual institui práticas culturais como tradição e exclui outras. As matinês dançantes ou os bailes com bandas brasileiras, que desde 1997 eram divulgadas nos artigos do jornal A Semana como parte da festa, a partir de 2002 já não se encontram mais na programação divulgada pelos artigos e nos relatos após a festa. No entanto, outras práticas passam a ser incluídas na mesma: a cerimônia do chá e apresentações de kendô, desde 1999, e a apresentação de Taikô (tambores), desde 2007, práticas que se encontravam nas programações anuais até 2012, publicadas no jornal A Semana e observadas durante as saídas de campo desta pesquisa.

Nas edições do *Sakura Matsuri*, a escolha para a inserção de algumas práticas culturais e sua a permanência expressa a resignificação das mesmas como atrações, cujas representações constroem a identificação do *Sakura Matsuri* como uma "festa da tradição japonesa". Valores e normas de comportamento tais como o respeito à natureza e a disciplina sempre aparecem nos discursos e narrativas sobre a festa, em um movimento de "continuidade em relação ao passado", "com um passado histórico apropriado" (HOBSBAWM, 1997, p.9).

2.2. Comemorando o Centenário da Imigração Japonesa no Sakura Matsuri

Em 1999, o jornal A Semana trazia os relatos sobre o Sakura Matsuri "que mostrou muito das tradições e costumes trazidos com os passageiros do Kasato Maru. As melhores lembranças das ilhas de Nippon foram evocadas na apresentação de artísticos pratos"[81]. A narrativa sobre a festa enaltece a tradição, a culinária, os vínculos com o Japão, partes essenciais que constituem a comemoração étnica. Evocar o *Kasato Maru*, navio que transportou os primeiros imigrantes japoneses de seu país de origem ao Brasil, e 1908, não é uma colocação ingênua. A narrativa cria um elo entre passado e presente a partir da apropriação de uma memória histórica, que não se refere particularmente à vinda dos imigrantes japoneses ao Núcleo Celso Ramos (que ocorreu no período pós-guerra), mas sim, faz referências à primeira migração de japoneses ao Brasil, realizada no início do século XX.

As tradições e costumes, nesta narrativa, possuem o seu caráter de longevidade que legitima o enaltecimento do espaço no qual puderam ser observados, o *Sakura Matsuri*. Mais do que isto, ao evocar uma memória histórica antecedente às experiências migratórias dos imigrantes japoneses do Núcleo Celso Ramos, a narrativa traz as memórias sobre uma "migração iniciadora". Partindo da perspectiva que tanto memória como história se aproximam por ambicionarem a verdade e são representações do passado (RICOEUR, 2003). A narrativa sobre o *Sakura Matsuri*, ao evocar a memória histórica sobre o navio Kasato Maru, mais do que um passado cristalizado, reencontrado, torna-se um passado resignificado, "reatualizado" no presente, no qual o *Sakura Matsuri* como tradição, torna-se espetáculo.

Nos artigos do jornal A Semana, as narrativas sobre o *Sakura Matsuri* elaboram significados sobre a festa, construindo conexões entre passado e presente. Em 1997, o artigo que relatava a festa dizia que, durante a cerimônia de abertura oficial,

> O prefeito Takashi Chonan, explicou a tradição do Matsuri, que está na floração do Sakura (espécie de árvores). "No Japão, sempre é comemorada a floração no sul daquele país, nos meses de fevereiro e maio, sendo que no Brasil a floração acontece no mês de setembro", disse Chonan. Para um significado da comemoração do Sakura Matsuri, o prefeito Chonan explicou aos presentes que será uma boa safra na agricultura, entrada da primavera, traz muita alegria para o povo japonês. Na filosofia, disse ser comparada com a vida do homem, que aos poucos cresce, vem cheia de vida e mostra seu ponto máximo e termina em curto espaço de tempo.[82]

Se admirar o florescimento dos pés de cerejeira é colocado como um costume entre os japoneses, a partir da filosofia que transforma o florescimento em uma metáfora da

[81] JAPONESES festejam a floração da cerejeira. A Semana, Curitibanos 04 a 10 set. 1999.
[82] JAPONESES realizaram a Festa da Floração da Cerejeira. A Semana, Curitibanos 20 a 26 set. 1997.

efemeridade da vida humana, comemorá-la envolve práticas de resignificação no presente, no qual, além da associação da comemoração à entrada da primavera e às boas safras para os agricultores, a comemoração que se repete anualmente é parte intrínseca da invenção do *Sakura Matsuri* como tradição. Contudo, nas entrelinhas da realização da festa, a comemoração também foi associada ao turismo: a comemoração como justificativa legitimadora e como parte das atrações no *Sakura Matsuri* apresentadas aos seus visitantes. Seja pela tradição ou pelo turismo, o que o *Sakura Matsuri* comemora?

O esforço para a criação de um espaço turístico na região entre Curitibanos e Frei Rogério, como já salientado, foi reivindicada desde a implantação do Parque *Sakura* em 1992 e na criação do *Sakura Matsuri* em 1997. Para transformar o parque e a festa em espaços turísticos, a reivindicação para a pavimentação da SC-451 vinha desde a década de 1990, e com este projeto, o que antes parecia ser um projeto apenas da colônia de japoneses em Frei Rogério, passa a abranger outros municípios vizinhos que já apresentavam um "potencial turístico", segundo os estudos da SANTUR. O *Sakura Matsuri* teve sua primeira edição divulgada em 1997, mesmo ano em que Frei Rogério tem o seu primeiro prefeito, quando o eleito Takashi Chonan assume a prefeitura do município.

Hideki Maeda, imigrante japonês, conta aos seus 75 anos a respeito da realização do Sakura Matsuri. A festa foi inserida nos projetos de desenvolvimento do turismo na região. Neste circuito turístico, que envolvia outros municípios vizinhos, Frei Rogério precisava apresentar um diferencial. Maeda diz

> Tem que ter diferença com o município vizinho. Ah! Fica a mesma coisa a festa! Aí não ajuda a gente, né. Então acho que um motivo disso aí, diferenciação, que nem Treze Tílias, eu falava muito, Treze Tílias, diferença hoje, ajunta bastante gente por causa disso, né. Agora fica, mesmo do vizinhança, município aí, fica ah... fazer churrasco, festa de igreja, não ajuda. Com Sakura Matsuri começou a juntar bastante gente, né, nesse ano aí, não tinha, não tinha, parte de alimentação não conseguia nem alimentar, atender tudo. Então, tem que ter diferença com o outro.[83]

Hideki Maeda diz que era necessário criar um diferencial, assim como as festas realizadas em Treze Tílias que, a partir de uma resignificação do passado no presente na narrativa oral de Maeda, esta ideia do "diferencial" é uma forma de "ajuntar gente". O que se encontra na narrativa oral de Maeda é a etnicidade como o ponto diferencial, a qual flui, sob diversas formas, durante o *Sakura Matsuri*. Mais do que um chamariz, a etnicidade torna-se o tema principal do espetáculo e passa a ser comemorada, como diz o próprio título do artigo –

[83] Entrevista com Hideki Maeda. [21 mar. 2012] Entrevistadora: K. K. Uemura. Curitibanos, SC, 2012. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

“Colônia de Japoneses comemora o Sakura-Matsuri em grande estilo” – publicado em setembro de 2003, no jornal A Semana, uma semana após a festa realizada.

A princípio, “comemorar o Sakura-Matsuri” poderia encontrar os seus significados na “apreciação da florada das cerejeiras”, como bem o nome da festa faz referências. No entanto, os artigos analisados do jornal A Semana, assim como as observações durante as saídas de campo, permitem observar uma festa em que contemplar a floração da cerejeira, por mais que seja o motivo e tema central da festa, não pode ser considerada a prática cultural central da festa, já que outras práticas são apresentadas como atrações. A festa torna-se um espetáculo, no qual, em cada apresentação, em cada degustação, na música, nos detalhes das decorações e vestimenta, comemora-se a etnicidade. O *Sakura Matsuri* ou a Floração das Cerejeiras é comemorada e resignificada em cada festa e em cada artigo impresso sobre a mesma, a partir de símbolos, representações, discursos e memórias. Diante dos olhos visitantes, a etnicidade comemorada pode ser melhor compreendida como uma tradução, na qual o “tipicamente japonês”, como diz o ex-prefeito Takashi Chonan, insere-se em um processo de “confecção da festa”. Nestes meandros, cada prática cultural foi escolhida para ser apresentada para um público “visitante” e expressam-se como representações do tradicional, de uma “cultura milenar”, que permitem uma continuidade em relação ao passado. Como diz Walter Benjamin, não um passado contínuo e linear, mas sim, um “relampejar” que significa e é resignificado no presente. Observa-se, na comemoração do *Sakura Matsuri*, o advento do novo.

A comemoração da etnicidade, realizada em cada edição do *Sakura Matsuri* desde 1997, aparece de forma expressiva no ano de 2008. Neste ano, em diversos Estados brasileiros, comemorava-se o Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, tema traduzido em festivais, em festas locais, em livros publicados, nos desfiles de escolas de samba durante o período de Carnaval, nas inaugurações de parques e novos espaços de convivência, enquanto alimentava-se uma grande expectativa sobre a vinda de membros da família imperial japonesa para o Brasil. A colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos teve participação em projetos e planejamentos para a comemoração do Centenário, que estavam em andamento desde 2003, ano em que a Associação Cultural Brasil-Japão de Frei Rogério (ACBJ) recebeu uma carta de explicação e um documento da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, situada na cidade de São Paulo. Este documento se referia à Regulamento da Comissão Preparatória para a

Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil[84], o qual apresenta as primeiras formas de organização, a nível nacional, da comemoração do centenário – quem iria compor a comissão, quais seriam seus objetivos e a distribuição de associações e ligas em grupos de trabalhos regionais, formadas por japoneses, descendentes e colaboradores. Entre estas associações, encontrava-se a ACBJ. Em 2006, outro documento informava a formação de uma comissão provisória formada entre associações de japoneses e descendentes em Santa Catarina, dos municípios de Florianópolis, Curitibanos/Frei Rogério e São Joaquim. Apesar de não informar o destinatário, este documento demonstrava as intenções de formar uma "federação das Associações Nikkeis de Santa Catarina" e trazia notícias da realização de um simpósio sobre o centenário, realizado na Semana Cultural Japonesa em Florianópolis. O Centenário da Imigração Japonesa no Brasil trouxe movimento aos japoneses e descendentes de algumas regiões do Estado de Santa Catarina, que já se organizavam para os eventos do ano de 2008.

O Jornal A Semana anunciava, na última semana de agosto de 2008, a realização do *Sakura Matsuri* na sede da colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos. A narrativa impressa relembra, nas primeiras linhas do artigo, que neste ano era comemorado o Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, um momento vivenciado com fortes emoções e motivo para eventos realizados nos meses anteriores, segundo a narrativa impressa, escrita pela jornalista Lilian Aparecida Ribeiro. Após o *Sakura Matsuri*, uma matéria elaborada pela mesma jornalista ganhou um espantoso espaço no jornal. Entre uma diversidade de fotografias editadas – tiradas durante a festa – cinco textos faziam o relato da festa realizada, sob o título principal "*Sakura Matsuri*: um espetáculo de beleza e integração"[85]. Neste artigo que ocupa, ineditamente, duas páginas inteiras da seção "Especial", a comemoração da etnicidade, do *Sakura Matsuri*, revigora-se sob o semblante do ano do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil. O florescimento das cerejeiras era ritmado pelo florescimento da instituição do acontecimento "rememorado".

---

[84] REGULAMENTO DA COMISSÃO EXECUTIVA PARA A COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa. São Paulo, 20 de maio de 2003.

[85] RIBEIRO, Lilian Aparecida. Sakura Matsuri – um espetáculo de beleza e integração. A Semana, Curitibanos, 13 a 19 set. 2008.

Imagem 10 – Artigo publicado após a realização do *Sakura Matsuri* em 2008.[86]

A vinda dos primeiros imigrantes japoneses ao Brasil no navio Kasato Maru, em 1908, foi largamente mencionado na mídia, nas publicações escritas e impressas, nos eventos realizados ao longo de 2008, ano de comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil. A produção de sentidos históricos sobre o centenário, evocava memórias da imigração e da contribuição dos imigrantes japoneses para o Brasil. Segundo Nora, a ampla circulação da percepção histórica no presente se encontra em um novo advento, o acontecimento.

A partir dos estudos da historiadora Helenice Rodrigues da Silva, na "instrumentalização da memória", expressão tomada emprestada do filósofo Paul Ricoeur, encontra-se a seleção de memórias que envolvem interesses políticos, jogos ideológicos, éticos, entre outros. Segundo Silva, durante as comemorações nacionais, a seleção da memória coletiva, inserida no processo de "rememoração social", visa "impedir o esquecimento" (SILVA, 2002, p.432). A rememoração na mídia sobre a vinda de imigrantes japoneses, dos "mitos fundadores", as memórias do árduo trabalho, das dificuldades encontradas nas fazendas onde estes imigrantes começaram a se estabelecer, o enaltecimento

[86] RIBEIRO, Lilian Aparecida. Sakura Matsuri – um espetáculo de beleza e integração. A Semana, Curitibanos, 13 a 19 set. 2008.

de suas contribuições no Brasil, ao longo destes cem anos acabam por omitir aquilo que seria um potencial constrangimento quanto às discussões raciais e às políticas migratórias no início do século XX, as representações construídas acerca dos japoneses neste período, como "perigo amarelo", por conta da política expansionista japonesa – discussões que são posteriormente retomadas no período após a Segunda Guerra Mundial, após o reatamento das relações diplomáticas entre Brasil e Japão.

O artigo do jornal A Semana, escrito por Lilian Aparecida Ribeiro, anuncia o *Sakura Matsuri* que ainda está para ocorrer e, além de por em evidencia a festa como uma das comemorações que celebram o Centenário da Imigração Japonesa, constrói uma narrativa que elabora os significados da festa. Neste sentido, a narrativa impressa busca na memória histórica a semântica da festa.

> A cerejeira é considerada a flor símbolo do Japão. Seu nome provém de lendas e crenças. Sakura ú uma modificação do nome sakuya, proveniente da princesa *Kono-haa-sakuya-hime*, a qual os japoneses veneravam no topo do Monte Fuji. Acredita-se que a princesa tenha caído dos céus sobre uma cerejeira. Outro aspecto de significado da sakura é sua forte ligação com os samurais. No período feudal, a vida desses guerreiros era comparada À efemeridade da flor de cerejeira, que durava apenas três dias na primavera. Da mesma forma, eram os samurais, sempre dispostos a dar suas vidas em nome de seus mestres. A florada das cerejeiras inicia no mês de julho.[87]

O passado é evocado com mitos, lendas, com os samurais e o seu tempo de vida intimamente relacionado ao tempo do florescimento das cerejeiras. Estas memórias históricas por mais que não falem explicitamente em tradição, produzem o sentido da longevidade da prática de observação do florescimento das cerejeiras. Uma continuidade com o passado histórico que, no entanto, não indica a estagnação ou a cristalização de memórias, mas sim a sua reatualização. Falar sobre os samurais não promete ao potencial visitante da festa, o seu encontro com samurais reais, como se os tivesses transportado do período feudal japonês, mas sim remete todo um peso de ensinamentos e disciplinas, promete o encontro com valores e costumes traduzidos e divulgados perante o público de visitantes que os prestigia com admiração este espetáculo turístico que , em 2008, encontrava-se em sua 11ª edição. Valores e costumes que mostraram a sua adaptabilidade com o presente, dialogados com um passado, representado-o.

No artigo publicado após a realização do *Sakura Matsuri*, a festa é narrada como "um espetáculo de beleza e integração", realizada

[87] RIBEIRO, Lilian Aparecida . Festa da Florada da Cerejeira acontece nos dias 6 e 7 de setembro. A Semana, Curitibanos, 23 a 29 ago. 2008.

> No ano do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, a comunidade nipônica do Núcleo Celso Ramos comemora a 11ª *Sakura Matsuri* e demonstra como conseguiu manter suas tradições e integrar-se de forma marcante à cultura brasileira.[88]

As narrativas impressas sobre a comemoração da floração da cerejeira enaltece a beleza, a integração, o "sabor da culinária", a "energia e leveza [que] são marcantes na música e na dança", a "força das mãos, da mente e da espada nas artes marciais japonesas", e "cada passo [que] é uma demonstração de respeito ao convidado"[89]. A consagração do "universalismo dos valores de uma comunidade" (SILVA, 2002, p.432) e as resignificações sobre os sentidos da festa se encontram nestas comemorações, a partir da "rememoração de acontecimentos passados" e suas significações "para uso no presente" (SILVA, 2002, p.432). Associar o Sakura Matsuri ao Centenário da Imigração Japonesa no Brasil evoca, de forma coletiva, a memória do acontecimento de um ato fundador. Por mais que os imigrantes japoneses do Núcleo Celso Ramos tenham migrado ao município de Curitibanos no período após a Segunda Guerra Mundial, formando este núcleo agrícola, associá-los a esta memória fundadora do início do século XX, a vinda dos primeiros imigrantes em 1908, produz a compressão do tempo e espaço ao resignificá-lo no presente em que ocorre o *Sakura Matsuri*. Entre o acontecimento e a festa, o que se encontra é a abolição do tempo e da distância no processo comemorativo, e neste, a impressão é de que valores, tradições e costumes parecem terem sido mantidos intocáveis, quando na verdade, observa-se a invenção de tradições, as transformações, as resignificações. Entre acontecimento e festa, a tradução cultural atua durante o processo comemorativo, aquecendo o passado e trazendo-o ao alcance dos visitantes que querem encontrar "um pedacinho do Japão". Depois do ano de 2008, o *Sakura Matsuri* ganha outras proporções, chegando a receber mais de dois mil visitantes em 2009 e quase três mil em 2010.

Comemorar significa "reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal" (SILVA, 2002, p.432). O *Sakura Matsuri* torna-se um espaço para a comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil. Trazem à tona a memórias da imigração assim como valores que são revividos, resignificados e compartilhados sob uma perspectiva idealizada.

---

[88] RIBEIRO, Lilian Aparecida. Sakura Matsuri – um espetáculo de beleza e integração. A Semana, Curitibanos, 13 a 19 set. 2008.
[89] idem

3. NO DESABROCHAR DA FESTA, O MUNDO POR TRÁS DAS PAREDES DA COZINHA: JOVENS, MEMÓRIAS E MIGRAÇÕES

A década de 1990 foi um momento de grandes transformações as quais emergem em memórias e narrativas. São memórias que falam sobre momentos de impacto para a colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos, sobre as lutas entre representações e sobre estratégias que permeiam o *Sakura Matsuri*. Um momento em que a colônia de japoneses foi posta à prova pela efemeridade.

A institucionalização desta festa como "tradicional", colocada nos artigos impressos do jornal A Semana remete a um processo de construção da própria festa como turística ao longo das décadas de 1990 e 2000. Os primeiros anúncios do *Sakura Matsuri* – um deles apresentado no início deste subcapítulo – divulgados no jornal A Semana em 1997, além de ser enunciado como tradicional, envolve a participação de brasileiros, enunciando transformações na colônia de japoneses e descendentes do Núcleo Celso Ramos. A "lacuna do presente" declama os seus desafios e irrompe, exigindo o posicionamento de homens e mulheres diante do passado e futuro. Partindo desta ideia de "lacuna do presente", trabalhada pela historiadora Luisa Passerini, este capítulo problematizará memórias e a construção de distintas gerações no Núcleo Celso Ramos.

3.1. Entre tramas e urdiduras: a "abertura" da colônia de japoneses e o *dekassegui*

Entre as décadas de 1990 e 2000, o Núcleo Celso Ramos passou por momentos em que japoneses e seus descendentes sentiram e fizeram parte de um turbilhão de transformações entre as quais o *Sakura Matsuri*, a Festa da Floração das Cerejeiras, entrou em seu processo de construção. Estes momentos são tecidos entre os fios das narrativas orais que se entrecruzam com os documentos escritos e as fontes impressas.

Na década de 1990, na qual o próprio *Sakura Matsuri* teve a sua "inauguração", a colônia de japoneses passava por um momento que sob diversas perspectivas é ressaltado nas narrativas orais, assim como nos documentos escritos. Um imigrante japonês naturalizado brasileiro chamado Satoru Okada, traz uma narrativa sobre o momento que ele mesmo chama de "*dekassegui*". Cada palavra, pronunciada cautelosamente, tecem uma narrativa na qual as

línguas portuguesa e japonesa se misturam. Aos seus 62 anos de idade, Satoru Okada conta sobre a sua trajetória de vida, na qual as memórias sobre a sua vinda para o Brasil, em 1976, encontram-se com as memórias sobre o Núcleo Celso Ramos. Na década de 1970, antes de vir para o Brasil, Satoru Okada cursava direito e trabalhava em um escritório na cidade de Tóquio. Neste momento, ele conheceu uma estudante de direito que mais tarde se tornaria sua esposa, e juntos tomariam a decisão de migrar para o Brasil. Satoru Okada ainda conta que foi nesta mesma época em que surgiu a vontade de "conhecer o mundo inteiro". Seu pai ajudou-o a alimentar esta ideia. Entrou em contato com dois conhecidos que se encontravam no Brasil. Um deles vivia em São Paulo e trabalhava em uma firma, e o outro conhecido vivia em um Núcleo Celso Ramos. Satoru Okada decidiu manter contato com o segundo conhecido e fez a sua escolha. Iria para Curitibanos (SC). Antes de partir do Japão, Satoru Okada se casou com a estudante de direito e iniciou um curso sobre "costumes brasileiros" através da JICA. Em 1976, Satoru Okada e sua esposa partiram do Japão ao Brasil, com suas passagens pagas pelo governo japonês. Assim que chegaram no Brasil, o conhecido de Curitibanos foi buscá-los no aeroporto em São Paulo, e no dia seguinte, seguiram rumo ao Núcleo Celso Ramos.

Satoru Okada tece sua narrativa, fazendo emergir memórias sobre as preocupações da "colônia". Durante a sua narrativa, Satoru Okada tenta ao máximo não perder o "fio da meada", já que sua narrativa suscita memórias sobre distintos momentos de uma trajetória de vida que compartilha as/das memórias da colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos. Assim como Kentaro Yoshida, Satoru Okada se esforça na tecelagem de uma narrativa coerente, ao trazer suas memórias sobre a colônia de japoneses. Ambos trazem também as ênfases de entonação de suas vozes ao falarem sobre a colônia, as dificuldades com a pronúncia da língua portuguesa, as gargalhadas sobre as memórias sempre em construção, a mudança de ritmo da própria narrativa. Estes narradores trazem memórias e junto a estas, emoções e mesmo o silêncio pensativo, aquilo que Alessandro Portelli chama de funções narrativas essenciais e que dificilmente podem ser delimitadas à transcrição das entrevistas (PORTELLI, 1997, p.29). À distância, um tecido aparenta a sua homogeneidade como uma superfície lisa, quando o observador tenta enxergar sua completude. Mas antes que o trabalho do tecelão se finalize, os fios da trama e do urdume, a olho nu, demonstram suas fibras assimétricas, e o quanto estas, mesmo sendo desiguais, ainda se esforçam para que o entrecruzamento produza uma aparência equilibrada e harmoniosa do tecido. No entanto, estas fibras assimétricas merecem atenção, já que elas expõem particularidades que podem

somente ser observadas nas entrelinhas das narrativas orais e nas narrativas de documentos escritos.

O relato oral de Satoru Okada permite perceber uma constante preocupação quanto à continuidade da colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos. Por mais que a sua narrativa faça emergir memórias sobre distintos períodos e momentos, tanto sobre sua vida assim como sobre o Núcleo Celso Ramos, todas elas trazem uma preocupação relacionada à manutenção da "cultura japonesa", seja através das práticas culturais assim como a continuidade através das gerações seguintes. As memórias que trazem a sua trajetória de vida logo se inundam de memórias que remetem à coletividade, já que logo depois de sua chegada ao Núcleo Celso Ramos, sua primeira preocupação era realizar "um escrito sobre colônia" para o 15º aniversário da mesma. Entre várias tentativas, um livro em comemoração aos quarenta anos de existência da "Colônia Celso Ramos" foi publicado em 2004. Um de seus organizadores era Satoru Okada. Havia uma preocupação quanto a um "esquecimento", que para Satoru Okada, significava uma iminente perda de histórias e memórias sobre o Núcleo Celso Ramos, que precisavam ser repassada para a próxima geração[90]. A sua narrativa prossegue e entrelaça suas linhas, trazendo outros momentos de preocupação que se encontravam no período "*dekassegui*".

Esta expressão, utilizada por Satoru Okada, torna-se mais do que uma referência temporal que situa um momento em que milhares de japoneses e brasileiros, descendentes de japoneses, decidem migrar para o Japão nas décadas finais do século XX. A expressão "*dekassegui*" se transborda de memórias e (re)significações, algumas delas presentes na narrativa de um "homem memorioso", como bem diz a historiadora Lucilia de Almeida Neves Delgado. A partir de seu cotidiano, das histórias vividas ou narradas, a "memória de um tempo" se constrói, ultrapassando "o tempo de vida individual" (DELGADO, 2003, p.19). Ao falar sobre o "*dekassegui*", Satoru Okada conta que

> sobre colônia, é…não tava bom, porque pouco pessoa, ainda mais que sai da fora, né. Aí então, fica fraco sabe, porque força vem de pessoa. Aí fica ponto muito negativo para colônia. Mas, outro lado, eles tá aprendendo, principalmente jovens, né. Aí aprende o costume, ou conhece cultura japonesa, costume japonês, aí, qualquer volta, muito...eu acho que força pra colônia. Mas quem não volta, fazer o que, né.[...] é…. primeiro, precisa volume de pessoas, para qualquer coisa a fazer. Para trabalhar, para estudar, são todas as coisas, né. Aí então, pouco pessoa, menos força, tipo energia,

[90] A análise sobre a narrativa de Satoru Okada quanto à própria elaboração do livro "O Caminho dos 40 Anos da Colônia Celso Ramos" será trabalhada com maior profundidade no terceiro capítulo.

> falta energia. Pensamento também falta, é muita coisa aconteceu. Uma coisa a... por exemplo, uma coisa que decidi é.. é… assunto colônia, aí pouca pessoa diretamente, não é briga, mas opinião bate diretamente, sabe. Se tiver muita pessoa, a.. entrando bastante é, é.. para-choque, sabe, não fica bem direto né, de…de… contra opinião [...] é, acontece muita coisa assim sabe, aí... pensamento também a...muito pensamento "*brainstorming*", você sabe? *Brainstorming*, sabe, muitas opinião, se tiver, aí, mais resultado o melhor para sair. Eu acho, né. [...] pouco, pouco opinião é, mais ou menos sabe como chegar, mas se tiver muita opinião aí as vezes aconteceu, quem não, não imagina que, que, resposta boa, resultado acontece assim. Então, acho que força humana sabe, porque, se tiver mais pessoas, acontece assim, mais coisa boa para colônia, né.[91]

Satoru Okada constrói nesta parte de seu relato oral uma narrativa sobre o momento "dekassegui" na colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos. Em suas memórias, a ausência de pessoas na colônia, principalmente de "jovens", aparece como uma preocupação no cotidiano e nos momentos em que decisões precisam ser tomadas para o andamento da colônia. Esta preocupação não era algo especificamente presente nesta colônia de japoneses, mas também era considerado como um "problema", enfrentado pela "comunidade" de japoneses e descendentes a nível nacional, observado nos documentos escritos encontrados nos arquivos da Associação Cultural Brasil-Japão de Frei Rogério.

Em 1992, uma pesquisa da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (SBCJ)[92], situada na cidade de São Paulo, foi enviada à Associação Cultural Brasil-Japão de Curitibanos com o título "Pesquisa sobre trabalhadores Nikkei no Japão". Na primeira das dezenove páginas deste documento fotocopiado, o "prólogo" escrito à máquina de escrever diz:

> Por volta de 1990 o fenômeno "Dekassegui" começou a ser enfocado no Brasil, e na Iª Reunião de Representantes da Associações Nikkeis, promovida em 1991, a questão foi debatida pela 1ª vez no âmbito da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa. A importância do assunto levou várias entidades e órgãos de imprensa a abordarem-no, promovendo debates e comentários.
>
> O esvaziamento da comunidade provocado pela maciça evasão de elementos nikkeis, estimada em 200.000 pessoas, e suas consequências foi um dos temas oficiais debatidos na IIª Reunião de Representantes de Associações Nikkeis, realizada em março de 1992.

---

[91] Entrevista com Satoru Okada. [08 out. 2011] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2011. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

[92] A sociedade Brasileira de Cultura Japonesa é uma associação situada na cidade de São Paulo, fundada em 1955 e mantida pelas mensalidades pagas por seus próprios associados. Seu nome foi mudado para Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e Assistência Social, em 2006, como é informado em seu histórico, por conta da "ampliação de suas atividades". Entre suas atividades se encontram a organização de eventos anuais e administração de "instalações culturais" tais como o Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, situado em São Paulo.

> A entidade passou a tratar do fenômeno "Dekassegui" como uma das grandes prioridades atuais da comunidade Nikkei. [...][93]

Segundo a socióloga Elisa Massae Sasaki, o "movimento dekassegui" tem o seu início na década de 1980, momento de uma crise social, política e econômica no Brasil, a qual contribuiu para a migração de brasileiros para o Japão. Iniciando com uma tímida migração de brasileiros já nos meados da década de 1980, este fluxo migratório se intensificou na década de 1990: "de 1987 para 1988, verificamos um crescimento de brasileiros presentes no território nipônico: a de 1988/89 foi 249,31% e, maior ainda, a de 1989/90: 288,42%" (SASAKI, 1999, p.).

Segundo os estudos de Sasaki, este grande aumento de imigrantes brasileiros no Japão como *dekassegui* ocorreu em um momento em que a Lei de Controle de Imigração do Japão sofre uma reforma em junho de 1990. Com a percepção de um grande contingente de imigrantes não documentados no Japão – vindo de países como Irã, Coréia, Tailândia, Filipinas, Paquistão, Bangladesh, China e Malásia – o governo japonês iniciou uma tomada de medidas que visavam restringir a entrada de imigrantes não documentados, e de forma que não intensificasse o problema da falta de mão-de-obra nos setores industriais. Além destas restrições, os imigrantes "aceitáveis" para ingresso e permanência no Japão eram aqueles que possuíam ancestralidade japonesa. Nas palavras de Sasaki, os *dekasseguis* nipo-brasileiros têm um acesso facilitado ao Japão, dada a sua consanguinidade, a possibilidade de exercer atividades no Japão sem restrições, de renovar o visto quantas vezes quiser e de vir a ser um residente permanente (SASAKI, 1999).

Entre as décadas de 1980 e 1990, a colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos também começou a fazer parte deste fluxo migratório. Iniciado nos meados da década de 1980, japoneses e seus descendentes se direcionaram ao Japão em busca de melhores oportunidades de trabalho nos setores industriais do Japão ou mesmo para tentar acumular capital suficiente para manterem as atividades agrícolas em Curitibanos/Frei Rogério que sofriam, de forma direta ou indireta, com a crise econômica no Brasil.

No ano de 1992, outra correspondência do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros[94] – situado também na cidade de São Paulo – foi direcionada à Associação Cultural Brasil- Japão

---

[93] PESQUISA SOBRE TRABALHADORES NIKKEI NO JAPÃO. Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa. São Paulo, 1992.

[94] O Centro de Estudos Nipo-Brasileiros foi fundado em 1965, a partir do Círculo de Estudos de Ciências Humanas de São Paulo que reunia pesquisadores cujos trabalhos se concentravam nas áreas de história e sociologia.

de Curitibanos. Com uma carta de explicação, este centro envia também uma pesquisa que visa reunir informações para

> proceder uma análise precisa sobre a influência dessa saída de nossos patrícios sobre a própria comunidade, e os dados que constarão do nosso relatório para o Consulado Geral do Japão em São Paulo poderão ter reflexos nas medidas que eventualmente serão tomadas pelo governo daquele país.[95]

Junto a esta carta de explicação encontra-se o "Questionário sobre Dekassegui Nikkei – 1992", o qual se constitui em uma série de perguntas de dados quantitativos sobre e perguntas com espaço para respostas dissertativas. O questionário que se encontra na pasta do ano de 1992 do arquivo particular da ACBJ de Curitibanos ainda mantêm suas respostas escritas a lápis pelo presidente da associação naquele ano. Segundo este documento, em 1992 havia 62 famílias associadas à ACBJ, das quais 90 pessoas eram *isseis* (imigrantes nascidos no Japão), 88 nisseis (primeira geração nascida no Brasil, descendentes de japoneses) e 4 pessoas não Nikkei (ou seja, brasileiros não descendentes de japoneses). Entre os *isseis*, 18 homens e 13 mulheres se encontravam trabalhando no Japão neste ano, assim como entre os nisseis, 9 homens e 13 mulheres haviam migrado para o Japão, também, como trabalhadores. Pelo menos 32 famílias tinham um de seus membros trabalhando no Japão, segundo o questionário.

Nas perguntas seguintes, o questionário reserva um espaço para as questões dissertativas. Uma das perguntas - "Com a saída dos *dekassegui* a sua associação (entidade) tem sofrido alguma influência nas atividades?"[96] – foi respondida da seguinte forma: "Nos eventos tais como *Undokai*[97], reflete se o número de participantes *Nikkeis*; mas isso está sendo solucionado com convites à Colônias vizinhas e aos brasileiros". Em outra pergunta – "Na sua opinião, quais serão as influências que poderão ter o *dekassegui* sobre a sociedade de origem japonesa dessa localidade? E favor escrever, concretamente, as suas apreensões, expectativas, esperanças, etc." – a resposta foi colocada:

> A ida das pessoas na faixa dos 40 anos, que ocorre com mais frequência, está acarretando um certo retrocesso no desenvolvimento sócio econômico-cultural da colônia, mas pensando que estas pessoas qdo retornarem ao local de origem, economicamente bem, estas problemas não existirá mais[98]

---

[95] CENTRO DE ESTUDOS NIPO-BRASILEIROS. Carta de explicação sobre questionário. São Paulo, 5 de outubro de 1992.
[96] QUESTIONÁRIO SOBRE DAKASSEGUI NIKKEI – 1992. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. São Paulo, 5 de outubro de 1992.
[97] Gincana realizada anualmente no Núcleo Celso Ramos.
[98] QUESTIONÁRIO SOBRE DAKASSEGUI NIKKEI – 1992. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. São Paulo, 5 de outubro de 1992.

Os impactos do "fenômeno *dekassegui*", encontrados neste documentos da ACBJ de Curitibanos, podem ser observados em um espaço restrito reservado às respostas escritas pelo presidente desta mesma associação, no ano de 1992. Para Satoru Okada, o momento "*dekassegui*" também possui os seus significados. Na continuação de seu relato oral, ele conta:

> Hum...antes, por exemplo, *undokai*, é… 50, 60 família. Com muita pessoa, né. Esse evento para nós, para japonês, para colônia e....interno. Não precisa participar brasileiro, sabe? Para nosso é... brincadeira, pra..é... mas quando falta, mas nós, muda pouco a pouco, cada ano diminui japonês. Aí, precisa (tosse) chamar brasileiro para ajudar, para participar, aí conta, aí todas as coisas acontece assim, também usando pensamento, sabe? E...nós, também crescendo meus filhos, conversa sobre esse ponto. Por exemplo, sobre cultura japonês, entre cultura brasileiro. Com... qual é a relação melhor. Aí precisa... para transmitir nossa cultura a...algum parte boa para brasileiro, e brasileiro para nós...para descendente de japonês. Para intercâmbio. Aí então, primeiro aconteceu é...fisicamente, precisa pessoa pra ajudar a participar, mas depois, mais é.. parte filosofia, ou pensamento que o ma... mudando para o nosso pensamento. Aí então, todos evento, primeiro, para nós. E depois é..., quando começou *dekassegui*, faltou pessoa, todos evento, primeiro precisa a ajudante, participante, acontecer assim. Depois, mudando para, o mais importante, transmitir cultura. Para, para fora, né, para brasileiro.[99]

Os documentos pesquisados no arquivo particular da Associação Cultural Brasil-Japão – correspondências enviadas por centros de estudos e pesquisa, e por entidades não governamentais – assim como o relato oral concedido por Satoru Okada se referem ao "fenômeno *dekassegui*" ou ao momento "*dekassegui*". Tanto documentos escritos, assim como o relato oral possibilitam a percepção de perspectivas que por vezes se convergem e se diferem. Assim como ressalta o historiador Robert Frank, trabalhar com estes dois tipos de fontes não significa o enaltecimento de uma ou/e a deploração de outra quanto a sua legitimidade ou fiabilidade pura. Ambas são construídas, ainda que de formas distintas.

As respostas escritas a lápis respondiam um questionário de perguntas, que de certa forma, direcionavam e esperavam, também, respostas quantitativas e dissertativas objetivas pela restrição do próprio espaço reservado. A fonte escrita, lembrando dos apontamentos de Robert Frank, não foi escrita ou direcionada para um historiador, mas sim tinham seus propósitos próprios que tentavam relatar e buscar respostas para as ansiedades e problemas no período em que foi construída. Pensando nas fontes orais, o relato apresentado também se constitui por uma construção contemporânea, realizada conjuntamente tanto pela historiadora assim como pelo testemunha. Foram evitadas ao máximo a indução de respostas a partir das

---

[99] Entrevista com Satoru Okada. [08 out. 2011] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2011. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

perguntas realizadas. No entanto, perguntar não seria uma forma de "dar direção" às construções de narrativas? Mesmo com um ponto de partida, as narrativas ganham vida própria, quando aquele que a constrói trata de transbordar os sentidos que vão além do que foi perguntado. As memórias são reaquecidas e resignificadas no presente da construção da narrativa, deflagrando uma "distância temporal entre a ação de testemunhar e a ação contada pela testemunha" (FRANK, 1999, p.107).

O movimento "*dekassegui*", tanto nos documentos escritos assim como na narrativa oral de Satoru Okada, é percebido como uma preocupação nas colônias japonesas no Brasil e na colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos, respectivamente. O documento da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa faz observações quanto a evasão de descendentes de japoneses nas colônias japonesas no Brasil, colocando-a como um dos temas de sua última reunião que havia sido realizada por representantes de associações *nikkeis*, assim como o Centro de Estudos Nipo-Brasileiro buscava entender os impactos desta migração para o Japão nas colônias japonesas. As respostas a questionário, por mais objetivas que sejam, ressaltavam a presença da migração "*dekassegui*" na colônia, que significava, ao mesmo tempo, a ausência de seus membros: aproximadamente 53 pessoas entre *isseis* e nisseis se encontravam trabalhando no Japão, o que equivaleria aproximadamente a 30% do total de associados da Associação Cultural Brasil-Japão de Curitibanos em 1992. Nas respostas dissertativas do questionário enviado pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiro, respondido pelo presidente da ACBJ, a ausência de *issei* e nisseis foram sentidas principalmente nos eventos como o *Undokai*, gincana realizada anualmente no primeiro semestre, da mesma forma que a migração "*dekassegui*" era percebida como um problema já que havia "um certo retrocesso no desenvolvimento sócio econômico-cultural da colônia"[100].

A narrativa de Satoru Okada sobre o momento "*dekassegui*" também traz à superfície memórias que compartilhavam desta preocupação neste momento. Assim como nos documentos escritos, sua narrativa traz as memórias sobre o *Undokai*, que antes, um evento interno realizado entre japoneses e seus descendentes, a partir das migrações para o Japão, via a necessidade da participação de brasileiros. Mais do que a presença física destes brasileiros, sua participação e ajuda para fazer a gincana acontecer é significada em sua narrativa como um "intercâmbio". No entanto, um "intercâmbio" que visava "transmitir cultura. Para, para fora, né, para brasileiro", nas palavras de Satoru Okada. Neste ponto de sua narrativa, Satoru

[100] CENTRO DE ESTUDOS NIPO-BRASILEIROS. Carta de explicação sobre questionário. São Paulo, 5 de outubro de 1992.

Okada resignifica o passado no presente, colocando as memórias sobre o movimento *dekassegui* como um marco entre o "antes" e o "depois". Tanto os documentos escritos como o relato oral de Satoru Okada compartilham de ansiedades e preocupações que permeavam este momento da migração de *isseis* e nisseis para o Japão. Entretanto, a narrativa oral de Satoru Okada faz uma retomada reflexiva sobre passado, já que o movimento *dekassegui* no presente traz outras perspectivas e significados. Esta migração não é tão somente compartilhada nas memórias de relatos orais como uma preocupação quanto à evasão de *isseis* e nisseis, mas sim como uma preocupação geracional, discussão que será retomada ainda neste capítulo.

Neste sentido, a narrativa oral de Satoru Okada demonstra a "complexidade de mecanismos da tomada de decisão. Não há uma tomada de decisão única, mas todo um feixe de elementos conduzindo a esta" (FRANK, 1999, p.110). Uma decisão que colocava em jogo o *status quo* da própria colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos: a necessidade de uma "abertura" da própria colônia para os brasileiros não descendentes de japoneses. Mesmo que os nisseis sejam aqueles já nascidos no Brasil e descendentes de japoneses, nos relatos orais e nos documentos escritos eles aparecem inseridos como parte de uma representação de "comunidade" que pretende ser coerente quanto a sua representação como "colônia de japoneses". Na narrativa oral de Kentaro Yoshida, trabalhada no capítulo anterior, o parque de confraternização era um espaço polissêmico no qual a educação das gerações posteriores a dos imigrantes japoneses fazia-se relevante para uma "manutenção cultural". t

Nesta perspectiva, esta "abertura" da colônia de japoneses torna-se um processo necessário, potencializado no momento em que a evasão de *isseis* e nisseis começa a ser sentida por aqueles que não migraram para o Japão nas décadas finais do século XX. Este processo de "abertura" não pode ser considerado como encerrado ou resolvido, mas sua complexidade se encontra desde a sua potencialização com os fluxos migratórios que se direcionam ao Japão, perpassa pela construção de espaços específicos, onde esta abertura tem a sua visibilidade, e é entrelaçada nas questões geracionais que são colocadas em pauta na própria colônia. A "abertura" não significa que antes mesmo desta acontecer, os brasileiros não se encontravam presentes na colônia. Muito pelo contrário, a própria construção de uma "colônia de japoneses" se encontra no seio das discussões das relações entre japoneses, seus descendentes e brasileiros não descendentes de japoneses. Por mais que os conflitos interétnicos não sejam explicitamente manifestados ou propriamente ditos, podem, entretanto,

ser percebidos nas fibras da tecelagem de narrativas, presentes nas fontes escritas, nas fontes impressas e nos relatos orais.[101]

A "abertura" da colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos encontra alguns de seus significados na construção de espaços específicos, nos quais sua enunciação envolve a construção de representações, memórias, narrativas e o diálogo entre temporalidades. A presença de brasileiros na colônia pode ser percebida por conta dos poucos lotes adquiridos pelas famílias brasileiras ou homens brasileiros solteiros, como observado a partir da análise do Recenseamento das Famílias dos Colonos (OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004, p.179-250). No dia-a-dia, são raros os brasileiros que usufruem das dependências da sede da Associação Brasil-Japão de Frei Rogério (ACBJ) e que possuem participação nas reuniões anuais e mensais, nas decisões que concernem ao Núcleo Celso Ramos, como será abordado mais adiante neste capítulo.

A partir de observações realizadas durante as saídas de campo – realizadas, quando era possível, mensalmente durante o ano de 2010 e 2011 – as festas e eventos organizados pelos membros da ACBJ e de outros grupos formados recentemente em 2011, tornaram-se espaços em que a participação de brasileiros torna-se visível não somente pelo grande número de pessoas, mas também por estes espaços – festas e eventos – terem sido construídos e tornaram-se espaços específicos de participação não rotineira e efêmera. Mesmo que a festa do *Sakura Matsuri* comprima espaço e tempo, e traga a sensação de perpetuação desta festa, a efemeridade desta participação ocorre em um ou dois dias de festa e de forma intensa. Criam-se momentos específicos para a participação de brasileiros nas danças folclóricas; no ritual de por vestimentas consideradas "tipicamente japonesas", assim como a apreciação da comida; na cerimônia do chá, cujo ritual pode ser experimentado passo-a-passo; os pés de cerejeiras e os enfeites como ponto de curiosidade e cenário para as fotos retiradas pelos visitantes. Sim, visitantes. Esta é a expressão comumente utilizada nos anúncios da festa e nas narrativas orais sobre a mesma. Um visitante vem, e não vem para ficar. Sua passagem é efêmera, e a festa faz dessa passagem um espetáculo.

No entanto, esta "abertura", que pode ser observada por meio da festa, nem sempre ocorreu/ocorre de forma harmoniosa ou tranquila. Por trás do grande palco, a organização da

[101] Um dos objetivos desta pesquisa era entrevistar brasileiros associados ao Núcleo Celso Ramos ou/e à Associação Cultural Brasil-Japão de Frei Rogério. No entanto, estas entrevistas não foram possíveis pela própria decisão dos potenciais entrevistados.

festa são peças distintas de um grande mosaico não uniforme, que produz sentidos que vão além da festa e possui suas intempéries.

A preocupação com a evasão de descendentes de japoneses do Núcleo Celso Ramos que se direcionaram ao Japão entre as décadas de 1980 e 1990 trouxe grande impacto para a colônia, lembrado em diversos relatos orais menos como um momento de partida e mais como um momento de preocupação, de "enfraquecimento da colônia". Assim como Satoru Okada, alguns dos descendentes entrevistados compartilham as memórias a respeito deste "enfraquecimento da colônia". Keiko Nakajima, filha de japoneses, aos seus 39 anos compartilhou algumas de suas percepções a respeito deste momento:

> a era de de *dekassegui* enfraqueceu muito as colônias. Muitas colônias no Brasil desapareceram, porque famílias foram embora. Houve uma emigração muito grande, e hoje, estão retornando. Até que eu retornei, e retornei e to contribuindo. Minha ação lá, eu sinto que o pessoal é grande, né, porque, quando eu retornei a...os eventos eram muito fracos de, digamos, em termos de participação da comunidade. As pessoas não iam, iam lá beber e pronto, só conselhos e conselhos e não saia disso aí né. [102]

A lacuna do presente surge aqui como um momento de incertezas, cobrando o posicionamento daqueles que permaneceram no Núcleo Celso Ramos. A "abertura" ocorre em um momento de dificuldades na colônia, e que, no entanto não se explica tão somente pelas migrações. Estas potencializam uma preocupação que era constante na década de 1990: a continuidade da colônia e a perpetuação de valores caros aos imigrantes japoneses. A "abertura" da colônia torna-se uma questão de sobrevivência desses valores, transpassando as fronteiras étnicas entre japoneses, seus descendentes e brasileiros, mas não superando-as.

Esta "abertura" não é total e possui seus limites, designados nos espaços específicos criados para que esta pudesse se manifestar de forma que se mantivesse o controle social, o *status quo* na colônia. Porém, com tantas transformações pelas quais a colônia passa ao longo das décadas de 1990 e 2000, manter este total controle é impossível. Fruto desta impossibilidade são os diversos conflitos geracionais. Neste sentido, a lacuna do presente se constitui da tensão entre esta "abertura" da colônia e de fronteiras, mediadas pelas gerações e em espaços específicos como a festa da floração das cerejeiras. A continuidade deste capítulo é dedicada a estas tensões.

---

[102] Entrevista com Keiko Nakajima. [15 abr. 2009] Entrevistadora: K. K. Uemura. Curitibanos, SC, 2010. Projeto de pesquisa "Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)".

3.2. "Um pontinho vermelho no Brasil"?

A lacuna havia sido aberta, e trazia o som do ritmo veloz do tempo que não poderia ser perdido. Este tempo de passados lembrados com muito suor, que trazia as histórias dos ditos pioneiros que começaram a construir o Núcleo Celso Ramos. Eram aqueles agricultores e imigrantes japoneses, muitos deles naturalizados brasileiros desde 1981 (OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO, 2004, p.65)[103], que viam seus filhos e filhas partirem para o Japão em um momento de crise econômica no país. Nos meados da década de 1980, a crise havia afetado tanto a agricultura, que mesmo alguns destes imigrantes japoneses decidiram trabalhar nas fábricas ou no setor de serviços no Japão para conseguir juntar dinheiro e sanar as dívidas com os bancos que possivelmente iriam tomar suas terras. Este foi o caso de Kentaro Yoshida que, em 1988, tomou a decisão de se inserir no mercado de trabalho japonês. Mesmo sendo naturalizado brasileiro, as documentações, segundo ele, saíram em pouco tempo. Sua filha, Keiko Nakajima, aos 19 anos também tomou a decisão de trabalhar no Japão, na construção de equipamentos utilizados no interior de aviões comerciais. Era o ano de 1989. Estimulada por seu pai, Keiko Nakajima decidiu que iria fazer o seu "pé-de-meia", pois precisava ter recursos para poder terminar o curso de agronomia na Universidade do Estado de Santa Catarina, situado em Lages, município vizinho. Além disso, havia se impressionado com as fotos enviadas por sua irmã que traziam lugares bonitos e as maquininhas de refrigerante. Era somente colocar a moeda nesta máquina, apertar um botão, e logo saía o refrigerante escolhido.

Kentaro Yoshida retornou ao Brasil em 1989, continuando seu trabalho com a agricultura, após um ano trabalhando como chefe de um grupo de limpeza em uma escola japonesa e também como funcionário de uma empresa de coleta de lixo. Keiko Nakajima, sua filha, retornou após quase dois anos desde sua partida em 1989. Migrou novamente para o Japão em 1991 e acabou ficando por lá por quase uma década.

Idas e vindas era um movimento comum no Núcleo Celso Ramos, durante as décadas de 1990 e 2000. Antes o medo e a preocupação com o enfraquecimento da colônia tomaram conta neste período em que a crise econômica no Brasil assolava as expectativas dos agricultores japoneses e seus descendentes do Núcleo Celso Ramos. Muitos daqueles que

[103] Na década em que os japoneses do Núcleo Celso Ramos iniciaram os processos para o requerimento da naturalização brasileira (1980), a aquisição de propriedades rurais estava sob as limitações da Lei nº 5709, de 7 de outubro de 1971. O processo de naturalização poderia ser um meio de facilitar burocraticamente a aquisição de terras para as atividades agrícolas, como observado também nos relatos orais e no livro "O Caminho dos 40 anos da Colônia Celso Ramos".

foram não voltaram tão cedo para o Brasil. Muitos destes eram jovens solteiros e até mesmo famílias inteiras começaram a se direcionar para o Japão ainda na década de 2000. Eram homens e mulheres entre 19 e 65 anos, japoneses e, em sua maioria, descendentes de japoneses que migraram para diversas regiões do Japão, sobretudo cidades industriais e para Tóquio, concentrando-se na área de serviços. Estes japoneses, que antes haviam migrado para Curitibanos (SC) na década de 1960, agora migravam para o Japão como *dekasseguis*. Muitos já haviam cursado o ensino superior no Japão antes de migrarem no período pós-guerra, e ao chegarem no Brasil, inseriram-se nas atividades agrícolas. A migração para o Japão nos finais da década de 1980 trouxe uma grande mudança no que concerne às relações de trabalho. Antes agricultores, estes migrantes que sobreviviam da agricultura familiar começaram a se inserir nos setores industriais e de serviços no Japão como mão-de-obra não qualificada. Entre os *dekasseguis*, em maior número, estavam os descendentes de japoneses nascidos no Brasil. Alguns já cursavam o ensino superior na época em que decidiram ir para o Japão, como foi o caso de Keiko Nakajima, e outros exerciam as atividades agrícolas junto às suas famílias. Havia também aqueles que dividiam suas atividades diárias entre o trabalho agrícola e os estudos. No entanto, a frequência de retornos ao Brasil e partidas para o Japão, dava a sensação de um esvaziamento que não aconteceu de uma vez, e sim gradualmente. Ainda assim, esta evasão foi sentida na ausência da convivência cotidiana, mas principalmente nos momentos de decisão em grupo, e mais ainda quando os projetos para o desenvolvimento turístico e as festas inseridas no mesmo se iniciaram.

As migrações eram frequentes entre as décadas de 1990 e 2000. Entre idas, vindas e retornos, o *Sakura Matsuri* acontecia desde 1997. As assembleias gerais realizadas logo no início do ano pela Associação Cultural Brasil-Japão já colocavam a festa em pauta, exibida nos avisos gerais distribuídos entre as famílias da colônia. Nas semanas próximas à festa, no final de agosto, os jornais já começavam a anunciar a festa. De pequenos anúncios a artigos que descreviam a programação inteira, o *Sakura Matsuri* teve suas transformações, e uma delas se encontra nas proporções que ganhou nos seus últimos anos. Dois mil visitantes em 2009, três mil visitantes em 2011, segundo a contagem feita pelos próprios organizadores da festa.

Nos primeiros artigos sobre o *Sakura Matsuri*, publicados no Jornal A Semana após a realização da festa, as relações entre os fazedores da festa – representados como a “colônia de Celso Ramos”, a “colônia de japoneses”, ou Associação Cultural Brasil-Japão – e brasileiros passam a ser noticiados em intensidades distintas conforme os anos. Entre os anos de 1997 e

1998, não havia menção nem mesmo à “brasileiros”, mas sim “visitantes”, uma forma generalizada de se referir aos que iam para não somente ver, mas participar também, pois ainda haveria um churrasco, exposições e matinês dançantes com bandas locais.[104] Em 1999, o artigo dizia sobre a existência de uma “completa integração comunitária de japoneses, seus descendentes e os freirogerienses, vai incluindo suas autoridades tendo à frente o prefeito Chonan e a 1ª Dama Lila Chonan, confraternizando com danças populares cadenciadas pelo Musical Santarém”[105].

Em 2003, os “visitantes” ganham sua especificidade. São pessoas de municípios vizinhos e até mesmo de outros estados brasileiros, como São Paulo, Porto Alegre e Paraná. Neste artigo, as atrações como Kendô, cerimônia do chá, a caligrafia japonesa, a confecção de arranjos florais são representados como lições sobre a cultura japonesa, ensinada por “mestres”. “Ensinar” e “mestres” são expressos como parte da construção de representações da relação entre japoneses, seus descendentes e brasileiros, uma relação pedagógica, porém não tanto relacionado à representação dos japoneses como detentores de técnicas modernas agrícolas as quais deveriam ser ensinadas aos colonos, representações construídas no período pós-guerra no Brasil, momento em que o fluxo migratório entre Japão e Brasil se iniciam novamente. Mas sim, segundo o artigo, tratava-se de ensinar as técnicas da escrita japonesa, a cerimônia do chá, a disciplina da luta marcial kendô a um público constituído por visitantes, sobretudo, visitantes de Frei Rogério e de municípios vizinhos.Neste artigo ainda, além das comidas consideradas “tipicamente japonesas” pelo seu autor, o “churrasco ou comida brasileira” ainda era a preferência do público no horário do almoço[106].

Ainda no anúncio de 2006, havia a participação do grupo de dança gaúcha Amigos da Tradição.[107] Já a partir deste ano, o churrasco e as matinês dançantes desaparecem dos anúncios do jornal. A ênfase era dada à variedade de comida “tipicamente japonesa”, como dizia os seus artigos e também. No ano de 2007, a pavimentação da rodovia SC-451 fazia parte dos projetos para o desenvolvimento do turismo local, recebendo investimentos do Governo do Estado de Santa Catarina. Tal iniciativa estava relacionada à comemoração dos cem anos da imigração japonesa no Brasil que se aproximava. As comemorações a nível nacional tinham a Associação Cultural Brasil-Japão de Frei Rogério como um de seus

---

[104] JAPONESES realizaram a Festa da Floração da Cerejeira. A Semana, Curitibanos, 20 a 26 set. 1997.

[105]JAPONESES festejam a floração da cerejeira. A Semana, Curitibanos, 28 ago a 03 set. 1999.

[106] COLÔNIA Japonesa comemora o Sakura-Matsuri em grande estilo. A Semana, Curitibanos, 30 ago a 05 set. 2003.

[107] RIBEIRO, Lilian Aparecida. Festa da Florada da Cerejeira atrai grande público. A Semana, Curitibanos, 26 ago a 01 set. 2006.

representantes da presença da imigração japonesa no Estado de Santa Catarina. Em 2008, um amplo artigo publicado falava a relação entre a colônia e os brasileiros era representada como "plena integração", exaltando cada atração que a festa do *Sakura Matsuri* oferecia e que comemorava neste ano o centenário.[108]

Entre 2008 e 2010, nos artigos são construídas algumas definições sobre esta relação entre japoneses, seus descendentes e brasileiros. A impressão de um encontro cultural sem conflitos faz parte da construção de uma narrativa da festa, a qual idealiza as relações entre etnias. Nestes artigos, seus autores e autoras reconhecem costumes e tradições como pré-dados. A distância territorial, nestes artigos, não seriam obstáculos, pois nada as águas do oceano levariam, como se estes imigrantes japoneses mantivessem uma lealdade inabalável com a sua terra natal. O tempo não seria obstáculo nestes artigos, pois é este mesmo que legitima as práticas culturais pelo passado, pelo tempo percorrido, pela manutenção. Esta perspectiva naturaliza as práticas culturais, considerando-as intactas, pré-determinadas por uma essência. Os homens seriam seus meros carregadores e a tradição em si, ganharia vida própria. No entanto, estes mesmo artigos reconhecem a presença e a participação de brasileiros, curiosos e interessados por uma distinta cultura, às vezes representada como exótica, ou exaltada como uma filosofia de vida. Reconhece outros grupos musicais locais e bandas tradicionalistas gaúchas, cita entre a variedade de comidas o churrasco, que os autores do artigo colocam como uma alternativa à comida "tipicamente japonesa".

Os artigos escritos sobre a festa produzem um discurso que remete à diversidade cultural e ao multiculturalismo, no qual no qual há o "reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-dados; mantida em um enquadramento temporal relativista, ela dá origem a noções liberais de multiculturalismo, de intercâmbio cultural ou da cultura da humanidade" (BHABHA, 2007, p.63). Partindo deste discurso, os autores reconhecem distintas culturas em um espaço, o *Sakura Matsuri*, de forma que a convivência e o respeito surgem do reconhecimento de preservação dessas culturas. A integração mencionada se refere à integração recíproca entre brasileiros e japoneses durante a festa em 2008, assim como à integração dos japoneses à cultura brasileira. No artigo especial sobre esta festa, a autora Tatiana Ramos coloca:

> No ano do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, a comunidade nipônica do Núcleo Celso Ramos comemora a 11ª Sakura Matsuri e

[108] RIBEIRO, Lilian Aparecida. Sakura Matsuri, um espetáculo de beleza e integração. A Semana, Curitibanos, 13 a 19 set. 2008.

> demonstra como conseguiu manter suas tradições e integrar-se de forma marcante à cultura brasileira[109]

O discurso multiculturalista se mantém presente nestes textos, como este pequeno trecho acima. Segundo o sociólogo Stephen Castles, o multiculturalismo se afasta da ideia de Estado-nação, homogêneo e monocultural, reconhece o "direito à preservação da cultura e a formação de comunidades", remetendo à igualdade social e a proteção em relação à discriminação (CASTLES, 2002). Se há o reconhecimento da diversidade cultural, isto nem sempre significa a ausência de desigualdades ou mesmo uma harmoniosa integração cultural. Ainda que os artigos sobre o *Sakura Matsuri* mantenham estes discursos, observa-se que nem sempre os conflitos estão ausentes na relação entre brasileiros e japoneses. Kentaro Yoshida, ao falar sobre o *Sakura Matsuri*, compartilha:

> Desde a primeiro foi aberta assim. Nossa intenção, nossa festa não é de fazer festa do local. [...] Festa da igreja é festa do local. Confraternização do morador aqui. Então, uma festa assim, é...então festa da igreja assim, um tipo, nosso *Sakura Matsuri* não é confraternização do pessoal local aqui. Muitos brasileiros reclama, "por que que não atende nós aqui?". Não to dizendo que não atende, você pode participar. "Mas é que o sistema...", Isso é um pouco diferente. Nós não tamo pensando vocês aqui. Nós estamos pensando visita nacional, talvez, internacional. Então, nesse sentido, não demos muita chance de atender vocês ali. Então, noutro dia, sei que vem a *Sakura*, ce vai lá. Sakura tá no mesmo local lá. Nós vamos atender naquele dia como todo visitante, igual atender vocês no mesmo sistema, nós não temos chance, não temos capacidade. Não temo como fazer isso aí. Invés de vocês vem em, em, em festejar, vocês vem aqui ajudar a festa. Aí é outra coisa. [...] *nihonjin* [japoneses] ninguém festeja aqui. Tudo mundo atrás, pra lá do... da parede da cozinha, pra outro ir lá em cima trocar coisa, outra escrevendo assim.[110]

Este trecho do relato oral de Kentaro Yoshida torna-se relevante, pois traz outra perspectiva a repeito do *Sakura Matsuri*. Primeiramente, sua fala questiona o próprio discurso produzido sobre a festa nos artigos do jornal A Semana, de completa integração parece se esvair quando Kentaro Yoshida compartilha que o *Sakura Matsuri* não é uma confraternização para o "pessoal local aqui", referindo-se aos brasileiros que vivem em municípios vizinhos. Sua crítica se concentrava principalmente na falta de participação de brasileiros na organização do *Sakura Matsuri* e no trabalho realizado durante a festa, no caso, atender os visitantes. Neste ponto, Kentaro Yoshida faz outra colocação importante. Na sua perspectiva, estes visitantes a quem suas atenções se concentraram, vieram de outros estados brasileiros e até mesmo de outros países. Kentaro Yoshida ainda faz uma observação quanto à falta de pessoas para trabalhar por conta das grandes proporções que a festa ganhou. O

---

[109] RIBEIRO, Lilian Aparecida. Sakura Matsuri, um espetáculo de beleza e integração. A Semana, Curitibanos, 13 a 19 set. 2008.

[110] Entrevista com Kentaro Yoshida. [18 mar. 2012] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2012. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

contingente de visitantes estaria saturando a capacidade da força de trabalho que, segundo ele, seria realizado pelos *nihonjin* (japoneses), no mundo atrás das paredes da cozinha.

Nesta perspectiva o *Sakura Matsuri* pode ser observado não tão somente sob a ótica do discurso multiculturalista. As divergências são sutis e aparecem ironicamente no momento em que seria necessária a integração e cooperação para fazer a festa acontecer. Os "sistemas" são distintos, segundo Kentaro Yoshida. Os conflitos se constroem ainda no ambiente da festa, e festejar parecia ser característica dos brasileiros locais. Para Kentaro Yoshida, isto explicaria o tratamento diferenciado a estes, pois os "locais" não são os visitantes esperados, e sim as "visitas nacionais e internacionais". Em sua perspectiva, a confraternização não seria tão somente para os moradores da região, e sim, uma confraternização que transpassa as fronteiras do local e tenta trazer este "pedacinho do Japão". Uma confraternização que tentaria unir o local e o global, marcada também pelas diferenças culturais, que segundo o sociólogo Homi K. Bhabha, a partir de um processo de significação as "afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade" (BHABHA, 2007, p.63). A enunciação da diferença cultural pode ser percebida em diversos pontos da festa e nas entrelinhas dos artigos escritos sobre a mesma. O *Sakura Matsuri* realizado em Frei Rogério, significa o presente a partir dos sentidos dados à realização do mesmo: apreciar a floração das cerejeiras, degustar a comida, as apresentações "tipicamente japonesas" seguindo um discurso do reconhecimento cultural. Ressignificar seria o próprio processo de tradução cultural. Em nome de uma tradição – uma tradição inventada, nos termos do historiador Eric Hobsbawm – a aparência de um passado apresenta-se como "estratégia de representação da autoridade em termo do artifício do arcaico" (BHABHA, 2007, p.64-65). Neste caso, esta autoridade não significa necessariamente uma imposição cultural, mas pode ser traduzida nas diferenças estabelecidas no discurso – uma relação pedagógica entre etnias – e na determinação de espaço específicos na festa em que os visitantes podem não somente apreciam as atrações, mas fazem parte destas – como é o caso do *Bon Odori*, a dança folclórica.

Nem sempre estas diferenças foram percebidas ou ao menos expressas nas fontes impressas talvez pela generalização do sentido de colônia. Ela seria formada por quem? Somente japoneses? Como abordado nos capítulos anteriores, observa-se a presença de japoneses, naturalizados brasileiros, e seus descendentes já nascidos e criados no Brasil. E por que não brasileiros? Esta é ainda uma questão que ainda será deixada em aberto, pois a presença destes nos espaços antes ocupados apenas por japoneses e seus descendentes permanece como um processo muito recente.

Nos bastidores da festa, a movimentação para a realização do *Sakura Matsuri* é intensa. O planejamento orçamentário é feito no início do ano para organizaram as finanças em caixa deste evento que ocorre entre os finais de agosto e início do mês de setembro. Semanas antes, reuniões periódicas são organizadas por uma comissão responsável pela festa para decidir quais serão as funções de cada um. A ajuda de todos se fez necessária nas últimas quatro edições, e não raras vezes, alunos e ex-alunos da escola de artes marciais, do *Kendô* e do *Bujutsu*, viajaram desde outros municípios para ajudar na montagem da festa. A parte estrutural começa a ser montada ao menos três dias antes da festa: o palco, o espaço onde ocorre a cerimônia do chá, a área de alimentação. Os compridos bancos utilizados para descanso do público são envernizados e colocados em frente ao palco, enquanto o galpão começa a ser limpo por diversas pessoas. Os enfeites de papel confeccionados pelas mulheres da colônia são pendurados por todo este galpão e na Casa Octogonal (onde são realizadas exposições de plantas, maquetes e armaduras). Nos dois dias de festa, a preparação da comida foi realizada pelas mulheres, exceto as comidas que são cozinhadas em enormes chapas que se encontram na parte externa, na praça de alimentação. Estas ficam sob o cuidado dos homens. Entre estes ainda é possível ver a participação de pouquíssimos brasileiros não descendentes de japoneses. Homens e mulheres organizando e trabalhando para a festa acontecer. Afinal quem são?

Keiko Nakajima, ao falar da organização da colônia para os eventos, compartilha que:

> aqui tem muito daquele lado autocrático. Que tem que ser assim, quando conversando né, esse negocio de que "tem que fazer, porque eu to mandando" não cola comigo(risos) [...] eu sou uma geração que chegou assim...o *Nihonjinkai* ("associações de japoneses")ali, sempre foi governado pelos *issei*s. Agora tá chegando o ponto de que os *nissei*s, que entendem o outro lado, que começam a ter a visão deles e contribuir muito pra que as coisas funcionem melhor né. Porque não pode ser uma comunidade isolada, não...num país que...eles começaram, é um impacto que os *issei*s tão sentindo. E nós *nissei*s que compreendemos que temos que remediar isso aí tudo. Isso aí to sofrendo na pele isso aí, essa diferença. Mas graças a Deus! Esse lado de compreender tanto um lado ou outro. Agente consegue.[111]

Logo na continuação da entrevista, Keiko Nakajima fala sobre um destes eventos, o *Sakura Matsuri*:

> [...]A era de de *dekassegui* enfraqueceu muito as colônias. Muitas colônias no Brasil desapareceram, porque famílias foram embora. Houve uma emigração muito grande, e hoje, estão retornando. Até que eu retornei, e retornei e to contribuindo. Minha ação lá, eu sinto que o pessoal é grande, né, porque, quando eu retornei a...os eventos eram muito fracos de, digamos, em termos de participação da comunidade. As pessoas não iam, iam lá beber e pronto, só conselhos e conselhos e não saia disso aí né. Daí vindo jovens, com vontade, trazendo inovações, pessoal

[111] Entrevista com Keiko Nakajima. [15 abr. 2009] Entrevistadora: K. K. Uemura. Curitibanos, SC, 2010. Projeto de pesquisa "Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)".

> também começa a se motivar, então a gente sentiu. Então essa motivação tá tão grande, que eu não sei como a gente vai dar conta de tudo isso!(risos) Isso aí, isso aí, tá revertendo numa situação, tipo assim, e agora? Eu sou única, não posso cuidar de tanta coisa ao mesmo tempo né. Mais pessoas tem que colaborar, mais pessoas, mais jovens tem que retornar e vestir a camisa, e batalhar junto. Porque, realmente é...a Associação tem vinte, é um número bom pra funcionar, mais às vezes da muita intriga ou menos, é... sobrecarrega. A gente tá num ponto, assim, mais ou menos vinte famílias que tão sempre ali lutando. Então, por isso que as coisas tão acontecendo [...] finalidade: viram os pais fazendo isso, você tem esse sangue, né. Por mais que queira fugir...isso não...é a tua raiz. Tá ali, não consegue deixar. Eu nasci ali, tanto a Juliana nasceu ali. Então essa geração que veio assim, essas pessoas que tem carinho pela terra natal, e voltam. E vão contribuir muito[112]

Neste trecho de entrevista, Keiko Nakajima se identifica como nissei (descendente de pais japoneses e parte da primeira geração nascida no Brasil). As diferenças são sentidas novamente nos momentos de decisão conjunta, na organização dos eventos realizada pela Associação Cultural Brasil-Japão, e começam a ser identificadas quando Keiko Nakajima faz uma distinção aos *isseis* (primeira geração de japoneses que migraram para o Brasil). Para Keiko Nakajima os *isseis* dominaram as decisões na associação durante muito tempo, porém, ela também fala a respeito de uma mudança nas relações entre japoneses e descendentes. Uma transformação que não vem sem sofrimentos e conflitos, pois novamente a diferença está aí.

Ao falar sobre os eventos realizados no Núcleo Celso Ramos, Keiko Nakajima compartilha suas memórias da "era *dekassegui*". Assim como Satoru Okada, Keiko Nakajima fala deste momento como um período de preocupações e de enfraquecimento das colônias, incluindo a do Núcleo Celso Ramos. No entanto, o seu retorno ao Brasil assim como o de outros migrantes foi crucial para uma transformação na colônia, no que se refere à participação de japoneses e descendentes nos eventos da própria colônia. Ao longo da década de 2000, muitos destes migrantes retornaram do Japão, incluindo todos aqueles que foram entrevistados ao longo das pesquisas já salientadas, retornaram ao Brasil. Segundo as entrevistas, muitos diziam que já não voltariam ao Japão, especialmente após a crise econômica de 2008. No entanto, a vontade de retornar para o Japão ainda permanecia como uma vontade para alguns migrantes entrevistados.

Keiko Nakajima, ao falar sobre este estímulo à participação em eventos da colônia, ressalta a vinda de jovens. Não somente ela, mas diversos entrevistados citaram "jovens" em seus relatos orais, e expressaram suas perspectivas e significados sobre os mesmos. Contudo, quem eram estes jovens? Keiko Nakajima já havia associado a vinda de jovens às potenciais inovações e às motivações na participação de eventos. Onde estariam estes jovens, que a

[112] idem

partir de sua vinda chegaram a reverter a situação da colônia, antes enfraquecida? Muitos não se encontravam na colônia, justamente porque estavam trabalhando no Japão. Satoru Okada também não deixa de falar sobre os jovens da colônia e o seu papel social:

> para jovens mais fácil transmitir para, para...brasileiro do que por exemplo, palavra, né. Porque nós somos japonês sabe, pensamento, palavra, tudo japonês. Meus filhos, já sabem dois lados, né. Parte, metade brasileiro, metade japonês. Então, quando transmitir para meus filhos é... cultura japonesa, eles já sabem que dois lado qual é o mais importante, qual é o pensamento mais importante para transmitir sabe. Mais fácil para transmitir é.. para meus filhos, via meus filhos[...] *Sakura Matsuri* é .. é.. o mais fácil, muita cultura japonesa para transmitir para brasileiro é... ambiente também, meio japonês, dentro do Brasil, porque tá florescendo *sakura*, é outra flor japonês também. Aí, e... também, é... apresentação, apresentações, é... primeiro, transmitir é importante, primeiro, chamar pessoa, chamar brasileiros, né. É mais fácil pra chamar [para] essa festa e... [para] conhecer cultura e culinária, tipo, conversar também, e apresentar também. Por isso que é importante[113]

A expressão "jovens" aparece frequentemente nos relatos orais, possuindo diversos sentidos construídos durante as narrativas. No ano de 2011, um grupo chamado *Seinenkai* (grupo de jovens) é formado em um momento em que foi possível observar alguns conflitos internos, principalmente entre *isseis* e *nisseis*, observado em todas as entrevistas como gerações e gerações distintas. Estes conflitos mostraram-se mais visíveis durante a organização e realização de eventos na colônia. Seis entrevistas foram realizadas com três *isseis* e três nisseis e muitas vezes juventude e geração se confundiam, ou fundiam-se nas narrativas dos entrevistados. De quais gerações estamos falando? O que os entrevistados definiam como juventude?

Na continuação da entrevista com Satoru Okada, ele compartilha uma reflexão sobre as transformações vivenciadas no Núcleo Celso Ramos desde sua chegada:

> é... eu acho que depois de 40 anos, mudou totalmente [o Núcleo Celso Ramos]... não é totalmente, muita coisa mudando para outra fase, aqui na colônia. Eu acho. É... o mais , mais ponto, ponto importante, é participação de jovens. Já, nós ficamos velho, é....meus filhos já mais ou menos, faixa dos 20, 30 anos e.. agora... a... [é a] época deles, né. Então muita coisa vai mudar, já tá mudando, sabe. Esse é um ponto muito importante. Então, mas é… desde começo do colônia, mais ou menos, "futuramente quero fazer assim", tipo plano, mais ou menos, anda nesse é.. direção, e talvez...talvez, né é...meus filhos também, entendendo e participando, e talvez, em frente. Eu acho. Época de agora é... tá virando geração, sabe. Então muito importante, tá tá, continuando, e vai melhorar, acho. [...] Não sei palavra em português (risos) hum... como diz...(risos) é... mais fácil, exemplo, é entrando na diretoria da associação, é, jovens, né. Até agora a.. *issei*, sempre tá dirigindo,

[113] Entrevista com Satoru Okada. [08 out. 2011] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2011. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

> usa a língua japonesa, sem português, mas é... cinco anos pra cá, aí misturando português. Agora maioria, português. Então, esse é, sentindo mais fácil, achar mais fácil sobre isso, nesse sentido. [...] mas… é…pensamento, valorização pouco diferente que *issei* sabe. É, *nissei* é uma parte brasileiro. Sistema brasileiro, né, então, às vezes, não acompanha pensamento *issei*. Eu acho que isso acontece em todos as colônias. No Japão também, pai e filhos também, sempre tem diferença, né. [...] por exemplo a… quando fazer evento, não, só *issei* valoriza o seu trabalho, sabe. Todos voluntario, todos voluntario. Quando tem evento, sempre é, particularmente, sempre tem serviço na lavoura. Mas deixar assim, e [para] colaborar e fazer evento. Mas talvez, *nissei*, meio brasileiro, ou maioria parte brasileiro, aí… não pensa isso, sabe. Precisa valorizar meu trabalho para, para.. participação de evento. Mas aqui no colônia, talvez menos, do que outro lugar, né. Mas, às vezes, sentindo assim sabe.[114]

"Época de agora é...tá virando geração, sabe?". Satoru Okada tem consciência de uma transformação geracional na colônia. "Virar a geração" significaria uma maior presença de jovens nas lideranças da colônia do Núcleo Celso Ramos. Uma destas lideranças seria a composição da diretoria da Associação Cultural Brasil-Japão. A geração a qual Satoru Okada se refere é composta por jovens, incluindo seus filhos e, ao ocuparem posições importantes na associação, as mudanças foram sentidas – e nem sempre bem aceitas. Para explicar esta mudança, Satoru Okada utiliza das expressões *issei* e nissei como gerações distinguidas por valores culturais, como por exemplo o uso das línguas japonesa e portuguesa – os *isseis* sempre falam em língua japonesa durante as reuniões e nisseis falam ambas as línguas nestas reuniões; Segundo Satoru Okada, por conta dos nisseis "ser parte brasileiro" e estar inserido no "sistema brasileiro", não acompanharia o "pensamento *issei*", o que gera muitos conflitos entre valores culturais. As memórias de Satoru Okada sobre a realização de eventos na colônia ressaltam como os *isseis* valorizam o trabalho e a colaboração, enquanto os nisseis, que são "meio brasileiros" na sua expressão, não pensam sobre isso. Na perspectiva de Satoru Okada, o conflito se encontra também na falta de valorização e reconhecimento do trabalho feito pelos *isseis*, grupo com o qual Satoru Okada sente-se identificado.

Ponto de discussão semelhante é compartilhado por Kentaro Yoshida. Ao falar das reuniões de avaliação sobre o *Sakura Matsuri*, realizadas após a festa, ele diz:

> Então quando faz *hanseikai* (reunião), eu participo *hanseikai* ali, mas eu não posso dizer nada. Por que eu não sei como tá acontecendo aqui. Mas só reclamação tem. Isso aí vou dizer pra vocês. É, nesse ponto, nesse ponto, nesse ponto que vocês mudaram de ano passado pra cá, tá errado. Parece que, coisa velha é errado! Mas na coisa velha, tem muita coisa que pode aproveitar, então, vocês tem que pensar mais um pouco. Ou, vocês tem que

[114] Entrevista com Satoru Okada. [08 out. 2011] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2011. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

> ver festa noutro lugar, como está fazendo, Mas festa no outro lugar, sendo maior, não adianta comparar, não vai ter maior número de japonês pra atender [...] hum...uma parte, esse geração novo sempre pensa coisa nova né, então, até que o haver sentir a... a.. como diz, apresentar um plano novo assim, e se não der sucesso nesse plano, ela vai sentir, né. Por que que não deu, por que que errou. Então, não tenta essa prática de perder seu próprio senso, não aprende. Entende? [...] porque, todo organizador da festa, todo ano não faz brincando, né. Todo ano faz, pra organizar, discutindo, discutindo, discutindo. E fazendo né. Então, uma coisa pra nascer, antes a gente sofre bastante. Agora, novo, vem chegando aqui "ah, não aqui tá atrasado, tem que fazer assim!" (representando ar de euforia). "aé? Então faz". Perde. Então, daí "o que que era ali?", É você que tá orientando, tem que ser.. ponto de vista do pai, pai, "aqui você pode fazer desse jeito, aqui você tem que fazer assim, assim". Já sabia que ia perder, eu falo assim né. Isso, já papai, trinta anos atrás, passei por essa, sempre falo assim né. Então, cada prática é tão importante. [...] Na festa, quase não tem professor, não tem. Praticando, tem que tá aprendendo. É, com 14ª [edição do *Sakura Matsuri*] ali, infelizmente, diminuindo a, morador japonês aqui. Isso que é grande motivo de fracasso do trabalho nosso ali[115]

O "velho" e o "novo" são expressões significativas. Para Kentaro Yoshida, o novo surge em depreciação do velho. A experiência é o que falta à geração nova. Mesmo apresentando novos planos, a geração nova, inexperiente, erra também. Para Kentaro Yoshida isto faz parte do processo de aprendizado. O seu incômodo se encontra na pressa dos mais novos e em sua desorientação por conta da falta de "professores", de "japoneses" para ensiná-los, para evitar erros, e isto a partir da experiência.

Como categoria, a experiência em um sentido antropológico

> [...] é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento (KOSELLECK, 2006, p.309-310)

As experiências de Kentaro Yoshida não será exatamente igual às experiências da geração que ele denomina como "geração nova". A experiência "salta por cima dos tempos", como diria o historiador Reinhart Koselleck, pois ela se constitui do que se pode recordar da própria vida e da vida dos outros (KOSELLECK, 2006, p.311), como até mesmo Kentaro Yoshida lembra de momentos em que seu pai lhe dava conselhos. A experiência abrange estratos de tempos anteriores que estão simultaneamente presentes. Por isso a experiência proveniente do passado é espacial. Mesmo que seja transmitida, sempre será conservada como uma experiência alheia, como afirma o historiador Reinhart Koselleck.

---

[115] Entrevista com Kentaro Yoshida. [18 mar. 2012] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2012. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

"*Isseis*", "*nisseis*", "jovens", "geração nova". Os entrevistados definem "geração" de diversas formas. No entanto, como analisar este conceito a partir da perspectiva da história? Segundo o professor de ciências históricas Jean-François Sirinelli, os estudos sobre "gerações" implica reconhecer a sua não-delimitação. A geração pode ser percebida como uma "escala móvel do tempo", e por tanto, não há uma "geração-padrão": não é possível "distinguir nela uma estrutura cronologicamente invariável, que transcende épocas e países" (SIRINELLI, 2006, p.137).

Se gerações não podem apreender um tempo mensurável ou abranger uma estrutura cronológica, e muito menos ser definido pela idade, o que constituiria? Segundo o historiador José Carlos Reis

> Pertencer a uma geração ou suceder não é ter a mesma idade ou ser mais jovem, mas possuir uma contemporaneidade de influências, eventos e mudanças. Um todo com aquisições comuns, orientações comuns e recusas comuns. Pertence-se a uma geração por afinidades sutis, pela participação em um destino comum – um passado lembrado, um presente vivido, um futuro antecipado [...] Não se trata de uma "contemporaneidade anônima" – vivida biologicamente juntos, mas culturalmente diferenciados, com mediações simbólicas fortes, porque não imediatas (REIS, 1996, p.236-237).

Para Reis, a geração pode ser considerada uma ponte biológica-histórica, encontrando-se entre o tempo biológico e humano. Considerando o filósofo Paul Ricoeur, torna-se uma ponte entre o tempo da natureza e o tempo da consciência, constituindo um terceiro tempo. Para o historiador "o tempo histórico como organização da vida coletiva, efetiva, como conhecimento reconstruído da vida passada, representaria um terceiro tempo, um mediador" (REIS, 1996, p.234). Este terceiro tempo se consistiria o tempo histórico, representando "a permanência de gerações sucessivas biológicas e culturalmente vencendo do lado biológico, a morte, do lado da consciência, o esquecimento" (REIS, 1996, p.237).

Neste sentido, as gerações a que se referem os entrevistados são construídas a partir de relações que atravessam distintas formas de sentir o tempo. O que seria a geração chamada de jovens, ou mesmo a geração nova? Segundo Kentaro Yoshida, é uma geração que traz o espírito do novo, mas uma geração desorientada. Para Satoru Okada, estes jovens seriam nisseis, descendentes de japoneses. Um dos problemas encontrados pelo mesmo é o não entendimento entre nisseis e *isseis*, já que os primeiros não acompanham o ritmo dos últimos. Kentaro Yoshida compartilha que o ritmo levado pelos descendentes de japoneses até mesmo nas reuniões, é um ritmo rápido e que muitas vezes não levam sua opinião em conta, no caso, sua experiência. Satoru Okada concordaria com Kentaro Yoshida, pois o ritmo acelerado dos

jovens, não lhes dava tempo de ouvir e reconhecer a experiência e alguns valores que tanto deveriam ser compartilhados entre as gerações. A geração dos jovens é aquela que traz transformações, outras referências culturais para o interior da colônia. São eles que são vistos como "meio a meio", os que têm a "parte brasileira; sabem falar fluentemente japonês, ensinado pelos próprios pais e utilizam a língua portuguesa durante as diversas reuniões realizadas ao longo do ano – mesmo quando os isseis se mantém nestas reuniões, participando com a língua japonesa. No entanto, são estes mesmos jovens que compartilham a memória da imigração, que falam sobre a vinda de seus pais, e as resignificam no presente, mesmo que não tenham vivenciado a década de 1950 e 1960.

Akemi Sato, aos seus 27 anos, compartilhou as sua história de vida, construindo uma narrativa que remete às migrações no Núcleo Celso Ramos. Aos seus 17 anos, em 2003, Akemi Sato havia acabado o Ensino Médio em Curitibanos e decidiu se direcionar ao Japão para conseguir juntar dinheiro e retornar para o Brasil, para poder manter os seus estudos. Após quatro meses, Akemi Sato retornou ao Brasil e decidiu prestar o vestibular. Ao final do ano conseguiu passar no curso de administração da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e teve de se mudar para Florianópolis, cidade onde viveu durante dois anos. Em 2006, Akemi Sato decidiu trancar o curso, pois aos seus 21 anos, seu pensamento era

> eu vou, eu vou pra França. Daí pensei, não. Vou pro Japão primeiro, depois vou pra França. Vou juntar dinheiro, depois vou pra França. Eu queria fazer... sei lá, eu queria sair daqui. E nisso eu vou pro Japão, ia trancar.. tranquei a faculdade, fui pro Japão e lá, e nessa outra vez, a intenção era.. não era juntar dinheiro. A intenção era, depois de toda a experiência que eu tive, aí não, eu sou japonesa, eu tenho sangue japones, eu tenho que conhecer mais a minhas raízes, me entender melhor. Foi mais uma busca pessoal, uma busca de identidade, uma busca de, de entender várias questões, porque, querendo ou não, a gente tem muita, muita influencia da cultura e a gente não percebe. Só percebe quando para, quando vê, quando percebe outras culturas, quando você percebe a cultura real, que é Japão, então, foi mais por causa disso, a terceira vez.[116]

Akemi Sato permaneceu no Japão durante cinco anos, trabalhando em restaurantes e no setor industrial, retornando somente em 2010 para o Brasil, para Frei Rogério. Falando sobre o seu recente retorno, ela compartilha suas percepções a respeito das migrações no Núcleo Celso Ramos:

---

[116] Entrevista com Akemi Sato. [05 nov. 2011] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2011. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

> migração é isso. O.. você mexer seu corpo fisicamente atrás de algo que você está querendo. Claro que isso interfere, tem outras interferências externas, que ao problemas financeiros, que teve uma onda muito boa que foi quando os primeiros imigrantes chegaram aqui, uma onda muito boa da agricultura dentro do país e que com toda essa revolução verde, toda é.. monopólio de empresas multinacionais dentro da agricultura, dentro da.. até controle econômico mesmo dos, manipulação dos pequenos agricultores foi diminuindo a autonomia, a soberania dos pequenos agricultores que são os imigrantes, a maioria eram imigrantes, pelo menos aqui no sul. Então, aconteceu isso, claro, é uma força externa, né, então, deu a crise, uma crise geral na agricultura, e claro, isso influenciou. Provavelmente isso que fez a pessoa se sentir na necessidade de mudar ou de parar ou de repensar né, que fez a pessoa ir pra Japão ou voltar [...] os dois [imigrantes japoneses e dekasseguis], eu acho que a vontade de você sair e..mudar, ce tem que já ter muita vontade pra sair, né. Então é dos dois. Eu vejo muito mais forte nos primeiros porque, porque eles tem muito mais habilidade pra demonstrar seu sentimento, demonstrar o seu próprio sonho, demonstrar o que tá sentindo. São pessoas que realmente, eu sinto que é uma geração assim. Os que vieram, são pessoas assim que lutaram e que hum.. né, eles tem mais habilidade. Os jovens de agora, que saíram daqui e foram pra lá é...não sei bem o motivo, mas eles não demonstram tanto é.... talvez os tipos de desejos são diferentes, são mais internos ou o vínculo menor, uma coisa assim familiar ou uma coisa pessoal, mas os dos primeiros imigrantes eu vejo uma coisa maior. É uma coisa pros outros, pra sociedade, vamos manter o sangue, a cultura japonesa aqui, então, isso é natural, é natural que eles trouxessem isso de lá, e a segunda geração é natural que não seja igual, né. Então eles tem um outro tipo de desejo, outro tipo de, talvez é mais desejo de conhecer outras coisas também né, não só manter, o que acha que é só aquilo, só manter a cultura, tem que conhecer outras culturas também.[117]

Akemi Sato, filha de imigrantes japoneses e migrante que se direcionou ao Japão ainda na década de 2000, compartilha memórias tanto da migração de japoneses para o Brasil – citando este momento com referências à Revolução Verde – assim como memórias das migrações iniciadas na década de 1980 – citando a crise econômica que atingira o setor agrícola no Brasil. Referindo-se à estas duas migrações ocorridas em momentos distintos, Akemi Sato coloca como ponto em comum a "vontade de sair e mudar". Migrações que ocorrem em períodos e destinos distintos, mas que tem em comum o sonho de mudar. As mudanças, no entanto, não seriam as mesmas, pois Akemi Sato faz uma distinção ao referir-se à situação dos migrante, enquanto estejam nos países de destino do processo migratório: ao falar dos "primeiros migrantes" – japoneses que se direcionaram ao Brasil entre as décadas 1950 e 1960 – permanece em sua narrativa uma geração que representaria a "manutenção do sangue", da "cultura japonesa". A segunda geração, pelo contrário, não representaria tão somente esta manutenção, mas também a iniciativa para o conhecimento de "outras culturas".

[117] idem

Estas distinções aproximam-se muito ao que Keiko Nakajima havia compartilhado anteriormente: "porque não pode ser uma comunidade isolada", referindo-se à colônia, enquanto administrada pela primeira geração. Esta geração é definida nas entrevistas realizadas como a geração de isseis, constituída pelos primeiros imigrantes japoneses que vieram ao Brasil no período pós-guerra – no caso do Núcleo Celso Ramos. Muitas vezes são considerados representantes da manutenção da cultura japonesa, que nos relatos parecem ser intocadas desde que foram "trazidas" – na expressão dos entrevistados – do Japão. E para esta manutenção, o isolamento em relação à sociedade do país de destino, o Brasil, parece ter sido uma medida adotada por esta geração. Esta é a primeira impressão percebida a partir dos relatos orais, como compartilhado por Akemi Sato, na continuação de sua entrevista:

> o japonês que vive aqui no Núcleo, ele tem, eles são *yamatokokoro*, eles tem negocio de valorizar e tal esse sentimento, esse espírito japonês. Eles têm, muito forte. Isso ai os japoneses de lá já não tem mais assim. Não vou dizer, não sei se vai poder dizer, mas vai poder usar. Mas a minha percepção é que depois da guerra houve sim uma influência muito forte dos americanos, isso visivelmente eu consigo por mim, né, eu digo eu, perceber que houve uma desvalorização da cultura. A cultura japonesa ficou mais fraca, entraram-se roupas estrangeiras, entraram-se, isso normal, com a globalização né. Mas assim, o japonês em si não tá valorizando, não valorizou por muito tempo essa era Meiji que deu o boom no Japão. Então é tecnologia, é moda americana, é vender, é fazer dinheiro, é fazer melhor e tal. Então a cultura em si ficou um pouquinho de lado e isso é muito diferente dos imigrantes que vieram. Os imigrantes que vieram, não. Eles tem muito forte esse manter a cultura, manter esse espírito.[...] é... discursos, e jeito de viver, hã, valores...são...eles mantêm muito assim, eles querem preservar, trabalharam muito pra construir e manter a cultura, querem muito preservar. Então, até porque vieram num lugar totalmente novo e, se inseriram e ali montaram grupos e viveram ali, culturalmente assim com os costumes tradicionais japoneses, então. E tem muita força assim de manter. Então aqui eu digo que se mantêm muito mais, tem muito mais do que lá. Lá é como se fosse, como mais um, um mero hábito fazer o *matsuri*, né. Mas não é muito fazer, algum tipo de... não se tem muito é.. esse espírito que eles tem que é de manter, né. Que aqui é um pouquinho no mato. É um pontinho vermelho no Brasilzão, né. Então eles têm esse espírito, vamos manter isso, manter esse espírito essa cultural aqui dentro. Tem um orgulho muito forte, sabe que samurai tem o orgulho forte de ser samurai, de ser japonês, de morrer pelo, pela nação. De ser *kamikaze*, eles se matam. Então esse, essa força que eles tem, eu sinto muito nos imigrantes.[118]

Akemi Sato não faz uma comparação entre gerações como anteriormente, mas compara os imigrantes japoneses do Núcleo Celso Ramos com os japoneses que se encontram no Japão. Sua narrativa comprime espaço através da territorialização, "um pontinho vermelho no Brazilzão", referindo-se aos imigrantes japoneses no Brasil. Comprime também o tempo,

[118] Entrevista com Akemi Sato. [05 nov. 2011] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2011. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

pois a primeiro momento, a partir da narrativa de Akemi Sato, este não teria sido imperativo nas transformações culturais, pois o "espírito japonês" fora trazido a partir da migração para o Brasil e mantido durante a construção do Núcleo Celso Ramos. No entanto, a compressão espaço-tempo não significa uma estagnação cultural ou o isolamento; "manter" não necessariamente significa imutabilidade. Pelo contrário, Akemi Sato constrói uma narrativa da qual emergem memórias do período pós-guerra, sobre o domínio estadounidense no Japão após a derrota do Japão. O código de comportamentos instaurados durante a Era Meiji no século XIX pareceu, na narrativa de Akemi Sato, ter-se perdido com o domínio dos Estados Unidos sobre o Japão. Akemi Sato ressignifica o passado no presente, de forma que o mesmo permanece atuante. Um futuro baseado no que ela chama de tradição se esvaiu a partir do domínio estadounidense e não se encontraria mais no horizonte de expectativas daqueles japoneses que se encontram no Japão, quando sua narrativa os situa no presente. Este domínio estabelece-se como um marco entre o antes e o depois.

Contudo, na perspectiva de Akemi Sato, isto não teria ocorrido com aqueles japoneses que migraram ao Brasil. A dominação estadounidense não teria sido um marco cultural impactante para os imigrantes japoneses no Brasil, pois no período pós-guerra estes teriam conseguido manter tradições baseadas ainda nos códigos instituídos durante a Era Meiji. Para Akemi Sato, as festas (*matsuris*) realizadas no Japão são "meros hábitos", enquanto no Brasil, são tradições. Akemi Sato ainda reforça esta ideia, dizendo:

> hum..hã... como eu disse pra você, a primeira geração tem muito forte isso, de manter forte e firme a cultura, de ter essa necessidade, meio que desesperada de ah...isso, forme raízes aqui, que não desapareça. Isso é normal pra qualquer pessoa que lutou por uma coisa, quer que mantenha eternamente. Eu vejo que o *Sakura Matsuri* é o resultado disso, eles querem, percebem que não foi só o esforço deles, que sim o esforço ah... a abertura que a sociedade brasileira deu pra eles, então, achei que foi uma maneira de retribuir, de mostrar pra sociedade um pouco da cultura, um pouco do que eles são, um pouco do que eles mantiveram aqui. E acredito que pra mim, o *Sakura Matsuri*, qualquer tipo de, é... qualquer tipo de atividade que favoreça a a integração de culturas é favorável. Aí, não to dizendo o *Sakura Matsuri* em si, tá, porque isso já tem outras questões. Então, é... eu acredito que sim, é bom, porque acredito que a cultura, a integração de cultura e a conhecimento das culturas, diferenças culturais é importante pro entendimento de você mesma, da sua identidade e também de algum problema que aconteça, algum problema social, que seja. Realmente acontece algum problema porque a gente não tem consciência, não tem conhecimento, não tem consciência de, do outro, por exemplo. Então, ou de você mesmo. Às vezes pra você se conhecer, principalmente o outro pro, pra, né, é uma coisa que é necessário. Então, todo esse tempo que eu acredito que eles mantiveram, agora eles querem que mantenha também, mas que também é importante que outras pessoas participem disso, né, então, acredito que, é interessante. Eu, particularmente, acredito que não, não quero que isso seja muito enorme,

> porque o que é muito grande, massificado, não consegue transmitir o que realmente precisa transmitir.[119]

Como discutido anteriormente, percebe-se que o *Sakura Matsuri* constrói-se como uma tradição inventada, e surge em um momento de "enfraquecimento" da colônia de japoneses e seus descendentes, um momento de preocupações em relação à manutenção cultural. Os mais jovens estavam deixando o Brasil, em busca da concretização de seus sonhos, seus projetos migratórios. A "abertura" da colônia não traz a plena harmonia entre etnias, mas uma negociação em que o que está em jogo é a construção de identidades, no caso, a identidade coletiva. Assim como o sociólogo Benedict Anderson ressalta

> porque até os membros da mais pequena nação nunca conhecerão, nunca encontrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem da sua comunhão (ANDERSON, 2005)

O *Sakura Matsuri* é naturalizado como tradição, assim como as práticas apresentadas como atrações durante a festa. Essa naturalização que parte das fontes impressas e dos relatos orais contribui na construção desta imagem de comunhão. O *Sakura Matsuri* é apresentado como uma síntese do que seria tomado como tradição, e esta tomada ocorre a partir do momento em que a festa é transformada em repetição, mas não uma repetição sinônimo de imutabilidade, mas sim sinônimo de renovação. O número de edições constrói a festa como tradição, mas na qual a renovação sempre se faz necessária: a introdução de novas apresentações a cada edição da festa, a ressignificação da cerimônia do chá que não mais ocorre entre paredes, mas sim é apresentada a um público de visitantes; a festa construída como tradição, a tradição espetacularizada, o espetáculo que atrai os olhos curiosos de visitantes são partes constituintes de projetos de desenvolvimento turístico no município de Frei Rogério. A tradição é ressignificada na festa, e a festa traduz estas linguagens ditas como tradição.

Neste sentido, a própria intenção de manutenção de práticas culturais ou ao menos a ideia de manutenção de tradição exige diálogos com o presente. Este diálogo se consiste na resignificação do passado que não pode mais ser o que era, mas pode ser significativo ao devir. Isto não remete a uma pré-determinação de um passado em relação ao futuro, mas ao que se encontra entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativas: o que consiste as

---

[119]Entrevista com Akemi Sato. [05 nov. 2011] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2011. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

gerações não é determinado pelos anos vividos em si, a idade numérica, mas a partir da relação de tal geração com passado e futuro.

A geração denominada como *isseis* é representada como portadora de valores considerados e traduzidos como tradição. Satoru Okada e Kentaro Yoshida se consideram parte da geração de *isseis*. Para ambos, a experiência de vida alimenta um aprendizado das gerações seguintes. Não se aproximaria à historia *magistra vitae*, pois em nenhum momento os relatos orais fazem do exemplo histórico uma orientação em relação à expectativa sobre estas gerações. No entanto, a experiência, segundo Koselleck é o passado atualizado, a "elaboração de acontecimentos passados, é o poder de torná-los presentes, o estar saturada de realidade". Porém isto jamais determinaria o futuro, pois o presente ainda encontra-se incerto. A geração denominada pelos *isseis* como jovens ou geração nova seria para eles os motivos das incertezas, pois enquanto grande parte desta geração encontrava-se trabalhando no Japão, as dúvidas e preocupações centravam-se na manutenção da colônia caso não retornassem. Para os *isseis*, mesmo após o retorno de descendentes de japoneses para o Brasil, a geração denominada como jovens, em relação à anterior, são aqueles que "não ouvem", "não reconhecem a experiência", "não estão sendo orientados". Ao narrarem suas memórias sobre a migração *dekassegui* e sobre a realização do *Sakura Matsuri*, Kentaro Yoshida e Satoru Okada atribuem papéis aos jovens. São estes que deveriam ter a responsabilidade de cuidar da manutenção de valores e dar continuidade destes valores em relação às próximas gerações. Constrói-se o horizonte de expectativas alimentadas pela esperança e angústia de que as experiências alheias nunca sejam esquecidas, jamais sejam levadas pelo tempo. Como diria Kentaro Yoshida,

> até eu digo para todo mundo aqui, pra novo descendente. "Vocês parecem que estão indo muito bem, mas estão esquecendo um dever. Dever o... masculino, feminino, não sei, uma dever um dever, multiplicar, sendo humano, obrigado entregar, bastão para descendente. Primeiro receba bastante ascendente, depois pra passar para descendente. A vida é apenas nessa parte, chama ali, vida. Mas a vida humano não tão pouco, é longe, longe, longe. Então nós corremos apenas nessa parte. Então, para correr, a vida manda continuar, tem que receber bastão, tem que saber entregar bastão". [...] de toda maneira, tal de liberdade deixa de lado um pouco, e pensa em si, só no sentido completo, se falta em saúde, sem falta em corpo, se é corpo normal e tudo, se chegar a idade procura casa e faz filho. Bastão é filho! Bastão é filho! Por isso que eu digo, daqui a dez anos, nossa comunidade tem que fechar. "Vocês não casam mais! Casa, mas não faz filho!"[120]

[120] Entrevista com Kentaro Yoshida. [18 mar. 2012] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2012. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

O passado valorizado pelos *isseis*, por vezes enaltecido, torna-se um passado atualizado (experiência) por ser significativo no presente e por gerar expectativas quanto ao futuro. A experiência, quando não reconhecida, gera as incertezas no presente e ainda assim, uma expectativa angustiante das possibilidades. O horizonte de expectativa não foi rompido, pois a incerteza se constitui em um processo ainda não finalizado. Os conflitos entre gerações ainda permanecem na colônia de japoneses e seus descendentes.

A geração denominada como jovens e também de segunda geração, a partir dos relatos orais de Akemi Sato e Keiko Nakajima é constituída por nisseis – descendentes de japoneses nascidos no Brasil. Elas que se consideram parte desta geração de jovens, contam que entre estes se encontram aqueles que descendentes que se direcionaram para o Japão entre as décadas de 1980 e 2000. Akemi Sato e Keiko Nakajima, após suas experiências migratórias no Japão, consideram-se "uma mistura", "o ponto de equilíbrio" entre duas culturas – brasileira e japonesa. Estes jovens, nas perspectivas de Akemi Sato e Keiko Nakajima, são portadores da novidade, ao tentarem conhecer outras culturas durante a migração para o Japão, e ao trazerem novas ideias, no retorno para o Brasil. Satoru Okada e Kentaro Yoshida, em seus relatos também percebe os jovens como portadores da novidade, porém preocupa-se com a desvalorização da experiência. Porém, Satoru Okada ainda compartilha:

> para jovens mais fácil transmitir para, para...brasileiro, do que por exemplo, palavra, né. Porque nós somos japonês sabe, pensamento, palavra, tudo japonês. Meus filhos, já sabem dois lado, né. Parte, metade brasileiro, metade japonês. Então, quando transmitir para meus filhos é... cultura japonesa, eles já sabem que dois lado qual é o mais importante, qual é o pensamento mais importante para transmitir sabe. Mais fácil para transmitir é... para meus filhos, via meus filhos[121]

Um ponto em comum entre Satoru Okada, Kentaro Yoshida, Keiko Nakajima e Akemi Sato se encontra na representação a repeito dos "jovens" como intermediários entre duas culturas. São estes que "compreendem os dois lados" a partir de uma constante negociação de identidades que se constroem levando em conta as próprias experiências migratórias e as experiências alheias. Não raro estas experiências alheias são memórias sobre a migração dos pais destes descendentes de japoneses, pois aí encontram um ponto em comum, a experiência que não é a mesma, mas que significa uma a outra. A negociação surge a partir do momento em que estes descendentes abraçam sua "niponicidade" tanto quanto a sua "brasilidade", são

[121] Entrevista com Satoru Okada. [08 out. 2011] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2011. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

identidades hifenizadas (LESSER, 2001). A partir desta negociação, a juventude exerce um papel de controle social, encontrando-se em uma "posição limítrofe, que os transforma em juízes e controladores, intermediários entre os atores sociais ou entre os vivos e os mortos" (LEVI; SCHMITT, 1996, p. 12).

Neste sentido, os jovens não são aqueles que negam completamente o passado, pois ao compartilharem suas memórias falam não tão somente de suas experiências migratórias. Em suas narrativas, as memórias sobre a imigração emergem de forma que são significadas no presente. Esta significação se encontra no processo de construção de identidade. Keiko Nakajima e Akemi Sato, ao falarem sobre as suas experiências migratórias no Japão durante as décadas de 1990 e 2000 acabam fazendo comparações entre a sociedade japonesa e os japoneses que vivem no Núcleo Celso Ramos. Ao falarem sobre os estes últimos, nunca mencionaram sobre a naturalização dos japoneses do Núcleo. Simplesmente os chamam de japoneses. E mais que isso, as memórias sobre a imigração, sobre a vinda de seus pais do Japão ao Brasil, sobre o esforço para a construção do Núcleo Celso Ramos são ressaltadas assim como as memórias sobre a migração *dekassegui*, sobre a experiência migratória enquanto estiveram no Japão, sobre o retorno aparecem em suas narrativas e são ressignificadas na construção e negociação de identidades. Como diz Akemi Sato,

> Muita coisa foi esclarecida. Muitas questões foram esclarecidas. Não só porque eu tava lá na terra, mas porque eu tava vivendo em um outro lugar, outra sociedade, sozinha. Mas as questões culturais, muitas questões que eu tinha eu entendo muito bem o por quê. E eu também entendo os japoneses, porque que eles são assim. Então tem muito estrangeiro que não entende "por que que japonês é assim? Por que que japonês é assado? Por que que japonês é meio restrito, sabe?". Então eu entendo os dois lados muito bem. Como entendo brasileiro, como entendo estrangeiro, eu entendo japonês. E antes de ir pra lá, eu não sabia que eu era essa mistura, entende? Eu não sabia que eu era mistura desse japonês, desse brasileiro, e eu me perdia lá. Eu achava que era um problema meu, sabe? Eu achava que eu não tinha uma identidade realmente. Mas ai eu percebi que não. Meus pais são assim, minha família é assim, eu nasci e cresci num lugar assim. E... eu percebi que isso é forte, isso não é deles. Isso não é do local, isso é cultural é uma coisa assim muito mais ampla do que simplesmente família ou problema pessoal. E... daí eu percebi, gente é, aí eu consegui aceitar como eu sou, como a história fez isso.[122]

Akemi Sato se reconhece como uma mistura, a identidade hifenizada. Compreender significa negociar. A negociação de identidades não somente atravessa questões étnicas como

[122] Entrevista com Akemi Sato. [05 nov. 2011] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2011. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

também atravessa questões de gênero, classe, raça e nacionalidade. As memórias da imigração e da emigração, assim como as memórias sobre o *Sakura Matsuri* permanecem tanto nas narrativas de *isseis* e *nisseis*. No entanto, a forma como essas memórias são resignificadas ressaltam as distintas formas de sentir o tempo, que se encontram entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativas, e a pluralidade de identidades.

As memórias compartilhadas, por vezes dissonantes, entram em conflitos e entrelaçam-se nas narrativas orais. Segundo Luisa Passerini, "a conexão entre presente e vivido remete por fim à relação entre presente e futuro" (PASSERINI, 2006, p.212) São memórias as quais resignificam o passado no presente despertos por um anseio que se encontra no horizonte de expectativa das distintas gerações. Trazer à superfície estas memórias significa uma relação entre o presente e o vivido por si ou por outrem, uma relação na qual há o entrelaçamento de diversas memórias (PASSERINI, 2006, p.212), na qual a vivência foi contada a outrem, presentes em memórias resignificadas entre gerações, estas memórias que são elos entre distintas temporalidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do *Sakura Matsuri*, as luzes ainda não se apagam. Os fazedores da festa aproveitam os últimos momentos extasiantes do dia para conversar e fazer a contagem dos ganhos, quando quase todos os visitantes já partiram durante o anoitecer. O parque *Sakura* fica estranhamente silencioso, longe dos momentos em que centenas de pessoas o cruzavam de um lado para outro para apreciar o evento ou mesmo para atender alguma demanda da própria festa. As transformações pelas quais a festa passou ao longo destes últimos quinze anos não estão explicitamente visíveis aos olhos dos visitantes que adentram o que foi considerado nas divulgações como "um pedacinho do Japão". Desde 1997, o *Sakura Matsuri* foi construído como um espaço de distintos sentidos e perspectivas que puderam ser problematizados a partir das fontes orais, impressas e escritas. Os fazedores da festa narram a complexidade de construí-la e mostrá-la como uma perfeição, ainda que seja momentânea. E são estes mesmos fazedores de festa que narram o árduo processo que ocorre atrás das paredes das cozinhas, local que antes mesmo da festa se iniciar tornam-se espaços dos preparativos e inclusive das reuniões que antecedem o mês do *Sakura Matsuri*.

Esta festa torna-se polissêmica não somente por aquilo que ela apresenta em uma edição, mas quando observada durante as suas diversas edições. Sob a perspectiva do jornal A Semana, os artigos sobre o Sakura Matsuri fizeram um ponto de convergência declarava a festa como tradição dos japoneses do Núcleo Celso Ramos. Evitando esta generalização, percebe-se que entre tradição e Sakura Matsuri existe um processo de construção, senão de sua institucionalização. Este processo envolve as polissemias não somente produzidas, mas como foram produzidas. A festa se constitui em um conjunto de práticas que seguem regras as quais não necessariamente se exprimem de forma explícita ou formalmente. Uma destas práticas seria o próprio motivo inicial da festa: apreciar as cerejeiras em flor. Esta prática se repetiu todos os anos, desde o início da realização da festa em 1997 até a última edição observada durante esta pesquisa, em 2011. No Núcleo Celso Ramos, dificilmente é possível identificar se já havia mudas e pés de cerejeiras antes mesmo da construção do Parque *Sakura*. No entanto, ainda que esta prática já fosse comum entre japoneses e seus descendentes deste Núcleo, a partir da construção do parque e da festa, a apreciação da floração das cerejeiras se torna uma prática divulgada e levada a um público. Realizada neste local e neste momento, a floração torna-se valorizada não somente por sua beleza, mas porque exprime um ritual simbólico que ganha seus diversos sentidos e valores nos discursos

proferidos na abertura oficial da festa. Os discursos de abertura também se constituem em uma prática que se repetiu em todas as edições, no qual a memória histórica pôde ser apropriada na construção dos sentidos da festa e que simbolicamente dá o início oficial do *Sakura Matsuri*.

Uma das práticas culturais apresentadas durante o *Sakura Matsuri*, tal como o *kendo* (arte marcial), pode trazer outras reflexões quanto à distinção entre tradição e costume. O kendo (que significa "caminho da espada") possui suas regras, estabelecidas na década de 1920. Largamente ensinado nas escolas japonesas desta década, a intenção do governo japonês visava implementar esta arte marcial como um complemento das aulas de Moral e Cívica no ensino escolar, em um momento em que havia um forte predomínio do militarismo japonês, segundo a antropóloga Célia Sakurai (SAKURAI, 2007, p.330). Esta arte marcial tem por objetivos os ensinamentos do "caminho" da disciplina que faz alusão ao "espírito samurai", segundo a antropóloga. Uma tradição instituída no *kendo* é o uso de armadura que cobre parcialmente o antebraço, o tórax e a cabeça. No entanto, a forma como são realizados os treinos, pode ser considerada um costume, pois mesmo seguindo regras e movimentos específicos, a didática pode variar de acordo com cada professor *(sensei)* que ensina. Segundo o historiador Eric Hobsbawm, o costume "não impede as inovações e mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente" (HOBSBAWM, 2012, p.10). Nesta perspectiva, cada professor tem as suas técnicas de ensino, o que não significa um rompimento com as regras, normas de conduta, hierarquia e com os movimentos específicos aprendidos enquanto eram aluno também.

O *Sakura Matsuri* realizado na colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos, antes de ser afirmado como uma tradição, pode-se dizer que foi construído como tradição. A repetição pode ser observada na contagem das edições realizadas, assim como na repetição de práticas na própria festa, reguladas por regras "abertamente aceitas", nas palavras Hobsbawm. Os discursos de abertura, repetidamente seguem uma ordem hierárquica de pronunciamentos: apresentação de "boas vindas" realizada na língua portuguesa, autoridades do poder Executivo e Legislativo, presidente da Associação Brasil-Japão (discurso proferido na língua japonesa e com tradução na língua portuguesa). A festa também é orientada por uma programação de diversas apresentações e almoço. O *Sakura Matsuri* como tradição, e nos termos de Hobsbawm, "tradição inventada", pode ser considerada uma construção a partir da ideia da invariabilidade quanto à tradição que se refere a um passado que impõe práticas fixas

selecionadas para a apresentação durante o evento, como a apreciação das flores e a cerimônia do chá, realizada desde as primeiras edições.

Outro ponto relevante se encontra tanto na construção da segunda sede da colônia, do Parque *Sakura* assim como na realização do *Sakura Matsuri*. São espaços específicos de atuação e administração, sob a direção da colônia de japoneses. A construção da segunda sede da colônia remete a uma distinção de espaços, delimitando um espaço que seria destinado à organização e a autoafirmação da colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos, o que delimita também o espaço de uso para brasileiros. Nos termos do historiador Michel de Certeau, pode-se considerar que uma estratégia era estabelecida com a construção desta nova sede, quando surge a ideia de postular "um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio" (CERTEAU, 2012, p.93). Fixar-se em um lugar distinto do lugar o qual dividiam com os brasileiros, trata-se também de um domínio sobre o tempo. Significava a construção de um "lugar de poder e do querer próprios", no qual há um maior controle exercido pela colônia de japoneses para se organizarem, para a tomadas de decisões através da Associação Cultural Brasil-Japão, para a realização de planejamentos.

Dentro destes planejamentos encontrava-se a expansão aos arredores desta sede: a construção do Parque *Sakura*. A partir do que foi problematizado no primeiro capítulo, este parque emerge nas memórias, narrativas orais e documentos escritos, possuindo diversos sentidos, desde a sua idealização ao término de sua construção. Iniciado como um projeto de preservação ambiental e ao mesmo tempo em que exerceria uma função social – evitar o êxodo rural – a construção do Parque *Sakura* transcendeu estas primeiras expectativas a partir do momento em que surge um projeto de transformá-lo em um espaço turístico. A atuação da Associação Cultural Brasil-Japão torna-se relevante como uma entidade de representação da colônia de japoneses no que se refere à capitação de recursos financeiros, atuando na interlocução e diálogo com empresas e autoridades governamentais, como pôde ser observado nos documentos oficiais pesquisados.

As inaugurações do Parque *Sakura* transformaram um espaço de confraternização, de uso interno em um espaço voltado a um público. Inicialmente, a sua divulgação como um espaço turístico ocorre através da comemoração dos trinta anos de existência da "colônia Celso Ramos", recebendo um público formado por autoridades governamentais e representantes do consulado japonês. Era um primeiro passo que tentava dialogar e demonstrar a organização e autonomia de um espaço próprio. Como Kentaro Yoshida diz

durante sua entrevista, para realização de seus projetos haveria como recorrer aos “dois lados”, o governo brasileiro ou/e instituições japonesas. Não à toa, o apoio e financiamento de projetos da colônia de japoneses, que visavam o desenvolvimento do turismo na região, vieram de ambos: a construção do parque havia sido financiada pela JEC FUND – fundação organizada por empresas japonesas – e a pavimentação da SC-451 havia sido realizada com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, o qual também possuía convênios com o governo de Aomori, província situada no Japão. Em meio aos projetos de desenvolvimento do turismo, o *Sakura Matsuri* foi criado como um evento de divulgação do Parque *Sakura*. Novamente a presença de autoridades do governo brasileiro e de representantes do consulado japonês é visível desde a sua primeira edição em 1997 até os dias atuais. A princípio, o público que frequentava a festa era constituído em sua maioria pela população local. Na medida em que as edições da festa foram sendo realizadas anualmente, este público passou a ser definido como “visitantes”. Não somente a população local se direcionava à festa, mas também pessoas de outros estados brasileiros e mesmo de outros países. Uma transformação relevante ocorre quando a festa ganha outras proporções a partir de 2008. O *Sakura Matsuri* era divulgado no jornal A Semana não somente como uma festa da apreciação da floração das cerejeiras e de atrações culturais, mas também como parte da comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil.

Em 2009, a festa havia alcançado um número de dois mil visitantes. As transformações quanto ao perfil do público que frequentava a festa pode ser observado tanto nas fontes orais como nas fontes impressas. Transformar o parque *Sakura* em um espaço turístico não significa o livre acesso deste público de visitantes ao longo do ano inteiro, mas sim somente em momentos específicos. Neste sentido, eventos como o *Sakura Matsuri* tornam-se espaços específicos em que estes visitantes podem frequentá-los, nos quais a colônia de japoneses possui um maior controle de seu espaço próprio – no sentido de que a colônia de japoneses tenta demarcar quem são os fazedores da festa – o que inclui um controle do próprio espaço físico assim como um controle e seleção das práticas as quais desejavam apresentar ao público. Tradição e costume tornam-se espetáculos em cada apresentação e degustação.

O jornal A semana divulgava o *Sakura Matsuri* em 2008 como “um espetáculo de beleza e integração”. Bandas brasileiras, matinês dançantes, comidas brasileiras e churrasco não aparecem nas últimas seis edições da festa como apareciam divulgadas nas primeiras. Se antes havia um receio por parte dos fazedores da festa quanto a um estranhamento do público

com a “comida típica japonesa”, com o passar das edições da festa, as palavras “convivência” e “integração” surgem nos artigos publicados pelo jornal A Semana, ao demonstrar admiração pelas atrações em que o próprio público torna-se a atração na festa, como é o caso do *Yukata* (vestir *kimono*) e do *Bon Odori* (dança folclórica). O *Sakura Matsuri*, desde o seu início constituiu-se como um espaço de negociação de identidades e de “territórios deslizantes” ao longo de suas edições, a tensão entre tradição e turismo. Ainda que o Parque Sakura seja um lugar próprio – nos termos de Certeau – e o *Sakura Matsuri* organizado pela colônia de japoneses, deve-se levar em consideração que por serem espaços voltados ao turismo, a negociação de identidades é constante: discursos proferidos em língua japonesa e na língua portuguesa; o convite às autoridades governamentais brasileiras e representantes do governo japonês; atrações que não envolvem tão apenas a apreciação de práticas culturais japonesas; mas também mergulha o público como parte da própria atração; o pastelzinho vendido por descendentes de japoneses e brasileiros na própria festa.

Os artigos publicados sobre o *Sakura Matsuri* no jornal A Semana reconhecem a diversidade cultural, significando-a em uma relação de integração, de intercâmbio cultural e reciprocidade entre japoneses, seus descendentes e brasileiros não descendentes, na perspectiva do discurso multiculturalista. No entanto, as diferenças culturais encontram-se presentes na perspectiva dos relatos orais, nos quais os conflitos entre japoneses, seus descendentes e brasileiros aparecem, principalmente nos momentos de organização e durante a festa. Em muitas das entrevistas concedidas por japoneses e descendentes, os entrevistados falavam em “sistemas e pensamentos diferentes”. As diferenças são marcadas pelas normas de comportamento, valores culturais, e dependem das distintas formas de identificação de cada entrevistado. As narrativas orais trazem um aspecto ímpar, pois os entrevistados narram sua trajetória migratória e compartilham memórias sobre outras migrações que constituem a parte da construção de identidades e uma pluralidade de identificações. O relato oral de Akemi Sato traz reflexões relevantes quanto a esta discussão. Akemi Sato é brasileira e filha de imigrantes japoneses. Raramente em sua casa falam em português, já que seus pais mantêm e seus irmãos mantêm a língua japonesa no cotidiano da família. Quando a entrevista foi realizada (2011), Akemi Sato tinha 27 anos e havia retornado recentemente do Japão, em 2010. Ela conta sobre a sua infância no Núcleo Celso Ramos, de como o seu contato com o mundo exterior era quase ínfimo. Seus únicos amigos brasileiros eram aqueles que estudavam com ela. Para ela, a colônia de japoneses era muito fechada e o “mundo exterior” significava o mundo além da colônia no Brasil. No entanto, ainda durante sua infância, Akemi Sato já havia viajado mais

de uma vez para o Japão, junto com a família, para poder encontrar com parentes seus, e inclusive chegou a estudar seis meses neste país. Quando completou 17 anos ela passou no vestibular para administração. Como o curso começaria somente no segundo semestre de 2003, Akemi Sato decidiu ir para o Japão trabalhar e juntar dinheiro durante quatro meses. Chegou a trabalhar em um restaurante e lá disse que "foi um choque", nas suas palavras. Ela conta que mesmo sendo filha de japonês, ela achava os japoneses muito perfeccionistas e exigentes. A forma como seus chefes falavam com os "subordinados" (sua expressão) a incomodava. "um choque que, na verdade, não superei naquele emprego", ela diz. Ao retornar para o Brasil, Akemi Sato iniciou o seu curso de administração em Florianópolis, mas logo em 2006 decidiu ir novamente para o Japão. Quando trancou a faculdade, sua intenção era sair do Brasil. Queria "juntar dinheiro", mas sua maior intenção era "uma busca de identidade" como ela própria diz. Ao chegar no Japão, e pela primeira vez em Tókio, Akemi Sato conta que ficou impressionada com a estação de metrô em Shibuya – um dos bairros mais movimentados de Tókio – pois nunca havia morado antes em São Paulo e "no máximo Florianópolis". Suas primeiras impressões foram:

> Não que eu achava poluição na época, na época eu achei "gente, que que é isso! Meu Deus do céu, loucura, loucura, loucura". Então, noite, não era noite, sabe. Não sentia que era noite. Muita gente na rua, muita gente na rua. E aquelas luzes fortes e... bom é.. negócio de metrópole assim, que eu nunca tive contato com metrópole, morando aqui, saindo desse lugar[123]

Akemi Sato conta sobre aquilo que viu de diferente, o que superou suas expectativas já que mesmo antes de ter ido a Tókio já havia visto filmagens trazidas por outros integrantes da colônia e filmes realizados nesta cidade. Ela estabelece também diferenças entre japoneses e brasileiros quando diz "o japonês, ele é bem certinho. O brasileiro ele dá um jeitinho, não precisa fazer nas regras, tem que tá né. O japonês não. É desse jeito, é desse jeito, então existe uma formalidade em tudo"[124]. As diferenças também são encontradas entre os japoneses que encontrou durante sua experiência migratória e os japoneses que migraram para o Núcleo Celso Ramos na década de 1960. As memórias da imigração emergem em sua narrativa de forma significativa, pois para Akemi Sato, estes últimos ainda mantêm o "espírito japonês" na colônia, coisa que no Japão dificilmente encontrou por conta da influencia estadounidense, presente desde o período pós-guerra, conta. Memórias do período pós-guerra

[123] Entrevista com Akemi Sato. [05 nov. 2011] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2011. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".
[124] idem

foram compartilhadas da mesma forma por Kentaro Yoshida, momento em que ele conta as dificuldades da família quanto à manutenção de tradições e costumes.

A memória histórica e a memória da imigração são compartilhadas na colônia de japoneses entre gerações. A partir destas memórias, das memórias sobre a infância que emergem na narrativa oral de Akemi Sato e após sua experiência migratória, em suas palavras, Akemi Sato se entende como uma mistura de japonês e brasileiro, de forma que ela diz entender bem os dois lados. A identidade, entendida como formada ao longo do tempo, nunca é um processo acabado e coeso. Está sempre "sendo formada", como ressalta Stuart Hall. Segundo este mesmo estudioso ao invés de declarar a "identidade como acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento" (HALL, 2006, p.38-39).

Entre distanciamentos e aproximações na construção de identidades e identificações, os entrevistados falam também em gerações e "jovens". Como já trabalhado no terceiro capítulo desta dissertação, as gerações não são definidas por faixa etária e muito menos por aspectos meramente biológicos, mas podem ser identificadas na concepção de tempo em que determinados grupos tentam configurar. As categorias espaço de experiência e horizontes de expectativa foram tomadas emprestadas do historiador Reinhart Koselleck não no sentido de conseguir uma definição completa do que se entenderia por gerações no Núcleo Celso Ramos, mas sim buscar compreender como estas gerações se autoidentificam ou como identificam umas às outras a partir da construção de representações e em suas formas de compreensão sobre o tempo. Não há como simplesmente compreender os relatos orais como definidores destas gerações em sua completude, pois cada relato é único e não abrangeriam todos aqueles que vivem no Núcleo Celso Ramos. Entre as distinções encontradas, os relatos orais falam em isseis e nisseis, estes últimos como parte da juventude na colônia. O ponto em comum encontrado entre estas gerações se encontram nos "jovens", estes que por vezes foram colocados como representantes da transformação, da inovação e das expectativas de continuidade da colônia de japoneses. São eles os motivos da preocupação quando as memórias sobre as migrações no Núcleo Celso Ramos significam instabilidade.

As memórias contam sobre uma década de 1990, em que o movimento *dekassegui* havia enfraquecido a colônia de japoneses. A preocupação não apenas se encontrava na ausência de descendentes de japoneses que migraram para o Japão nesta década à procura de novas oportunidades. Mas sim na transmissibilidade da memória, o ato de contar que conecta

o passado histórico à memória individual, cuja relação, segundo o filósofo Paul Ricoeur se dá através da narrativa ancestral. O *Sakura Matsuri* na segunda metade da década de 1997 como um evento voltado ao turismo e que atendia, também, interesses da prefeitura do recém-emancipado município de Frei Rogério. No entanto, sua criação se encontra na implementação de uma atividade econômica que também evitasse o êxodo rural, e atraísse o interesse dos "jovens" pela cultura japonesa – preocupação sentida não somente no Núcleo Celso Ramos, mas também levantada como discussão no Simpósio sobre o futuro da comunidade Nikkei, realizado em 1993, organizado pela Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, situada na cidade de São Paulo.[125]

Durante a década de 2000, muitos descendentes de japoneses retornaram ao Núcleo Celso Ramos, e as expectativas quanto a uma possível futura migração para o Japão quase se esvaiu com a crise econômica de 2008 que atingiu o Japão. O retorno destes migrantes poderia significar o fim das preocupações e anseios quanto ao horizonte de expectativa da colônia de japoneses quanto à sua continuidade. Contudo, entre os entrevistados, aqueles que permaneceram contam sobre as dificuldades ainda enfrentadas na colônia. O *Sakura Matsuri* que era realizada ao longo de dois dias, a partir 2011 passou a ser realizado em um único dia. Esta redução deve-se à grande demanda de visitantes que se tornou desproporcional ao número de pessoas disponíveis para trabalhar. Em 2011, ainda que a festa tenha sido realizada em um dia, três mil pessoas compareceram no domingo de festa no Parque *Sakura*, coordenada pela diretoria composta por uma maioria de descendentes de japoneses, muitos destes retornados do Japão recentemente. As diferenças entre *isseis* e um recente grupo de jovens, formado em 2011 fazem parte de um processo ainda em aberto. A lacuna do presente se encontra novamente no Núcleo Celso Ramos. O que farão antes que flores caiam?

Esta dissertação não se encerra apenas em compreensões e respostas, mas pelo contrário, deixa ainda um gosto de ir além. A grande quantidade de fontes possibilita ainda trilhar um caminho de questões que ainda pulsantes. São perguntas que ficarão em aberto, e possivelmente, para outra história.

---

[125] SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA. Aviso de realização do Simpósio "Futuro da Comunidade Nikkei", 21 de outubro de 1993.

REFERÊNCIAS

Fontes:

Fontes orais:

Entrevista com Satoru Okada. [08 out. 2011] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2011. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

Entrevista com Keiko Nakajima. [15 abr. 2009] Entrevistadora: K. K. Uemura. Curitibanos, SC, 2010. Projeto de pesquisa "Entre Relatos, Pés-de-Meia e Re(Des)encontros: Experiências de Migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) Rumo ao Japão e Vice-Versa (1980-2009)".

Entrevista com Akemi Sato. [05 nov. 2011] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2011. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

Entrevista com Renato Westphal. [21 mar. 2012] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2012. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

Entrevista com Kentaro Yoshida. [18 mar. 2012] Entrevistadora: K. K. Uemura. Frei Rogério, SC, 2012. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

Entrevista com Hideki Maeda. [21 mar. 2012] Entrevistadora: K. K. Uemura. Curitibanos, SC, 2012. Projeto de mestrado "Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)".

Documentos do arquivo particular da Associação Cultural Brasil-Japão – ACBJ de Curitibanos:

ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DE CURITIBANOS. Aviso interno da Associação Cultural Brasil-Japão de Curitibanos, 1º de julho de 1990, s/n de referência.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DE CURITIBANOS. Aviso interno da Associação Cultural Brasil-Japão de Curitibanos, 12 de setembro de 1990, s/n de referência.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DE CURITIBANOS. Colonização Japonesa. Curitibanos, 1993.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DE CURITIBANOS. Correspondência da Diretoria de Construção do Parque ao Banco América do Sul de Florianópolis, 20 de junho 1989.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DE CURITIBANOS. Resumo Histórico da Colônia Governador Celso Ramos de Curitibanos, 23 de abril de 1994.

CENTRO DE ESTUDOS NIPO-BRASILEIROS. Carta de explicação sobre questionário. São Paulo, 5 de outubro de 1992.

PESQUISA SOBRE TRABALHADORES NIKKEI NO JAPÃO. Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa. São Paulo, 1992.

QUESTIONÁRIO SOBRE DAKASSEGUI NIKKEI – 1992. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. São Paulo, 5 de outubro de 1992.

SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO. ACARESC. Orçamento Construção Parque Confraternização, Curitibanos, 21 de setembro de 1988.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA. Aviso de realização do Simpósio "Futuro da Comunidade Nikkei", 21 de outubro de 1993.

Fontes impressas:

13ª SAKURA Matsuri. A Semana, Curitibanos, 03 set. 2010.

COLÔNIA Japonesa Confraterniza. A Notícia, Joinville, 27 fev. 1993.

FESTA da Floração da Cerejeira movimenta o Núcleo Celso Ramos. A Semana, Curitibanos, 28 de ago. a 03 de set. 1997.

FESTIVAL da Música Japonesa Neste Final de Semana. Jornal A Semana, Curitibanos, n.729, capa, 02-08 de agosto de 1997.

FESTA Japonesa. Diário Catarinense, Florianópolis, 14 fev. 1993.

FLORAÇÃO da Cerejeira. A Semana, Curitibanos, 06 a 12 set. 1997.

FLORAÇÃO de cerejeiras neste domingo em Frei Rogério. A Semana, Curitibanos, 13 a 19 set. 1997.

JAPONESES realizam a Festa da Floração da Cerejeira. A Semana, Curitibanos, 20 a 26 set. 1997.

PARQUE Japonês. Diário Catarinense, Florianópolis, 27 fev. 1993.

SAKURA Matsuri, uma Florada de Cultura. Caderno Fim de Semana. A Semana, Curitibanos, 04 set. 2009.

Websites:

Banco Central do Brasil - http://www.bcb.gov.br/htms/museu-espacos/pdrmonet.asp

Finance One - http://www.financeone.com.br/

Japan World Exposition Commemorative Fund - http://www.expo70.or.jp/e/contents/cts_007.html

JICA - Japan International Corporation Agency - http://www.abc.gov.br/treinamentos/informacoes/JICA.aspx e http://www.jica.go.jp/brazil/portuguese/office/activities/brazil01.html

Jornal Nippo-Brasil - www.nippo.com.br

Bibliografia:

ANDERSON, Benedict R. O' G. **Comunidades imaginadas:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Ed. 70, 2005.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In:_____. **Obras escolhidas: Magia, Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.p. 44-69.

BONA, Aldo Nelson. **Paul Ricoeur e uma epistemologia da história centrada no sujeito**. 2010. Tese de doutorado (História) Universidade Federal Fluminense, Niterói.

CAMPOS, Emerson César de. **Territórios deslizantes: recortes, miscelâneas e exibições na cidade contemporânea-Criciúma (SC) 1980-2002.** 2003. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CASTLES, Stephen. Migração e formação de comunidades no contexto da globalização. In: **Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios: dos trabalhadores convidados às migrações globais**. Nova Iorque, 2002

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. **Defesa e Ilustração da Noção de Representação**. Fronteiras v.13 n.24.p.15-29. Dourados, MS: UFGD, jul./dez. 2011. Disponível em: http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/issue/view/74

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na Oficina do Historiador: Conversas Sobre História e Imprensa**. Projeto História n.35. p.253-270. São Paulo: EDUC, dez. 2007. Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/issue/view/171/showToc

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. Revista História Oral n.6. p.9-25. São Paulo: ABHO, 2003. Disponível em:

http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=issue&op=view&path%5B%5D=9

FLORES, Maria Bernadete Ramos. Oktoberfest – Turismo, Festa e Cultura na Estação do **Chopp**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997

FRANCO, Marina; LEVIN, Florência. El pasado cercano en clave historiográfica. In:_____. **Historia reciente: perspectivas y desafios para un campo en construcción**. Buenos Aires: Paidós, 2007, p.31-65.

FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAVEAU, Agnes e TÉTART, Phillippe. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.p.103-117.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012. p.9-23.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto;Puc/Rio: 2006.p.305-327.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (orgs). A **História dos Jovens: da Antiguidade à Era Moderna**. Vol.1. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.7-17.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. A cidade contra o campo. In: **História de Santa Catarina – estudos contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.p.41-60.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARTINELLO, André Souza. **Política Agrária e Imigratória nas Colônias Japonesas de Santa Catarina (1961-1978)**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (História) Universidade Federal de Santa Cataria, Florianópolis.

MARTINELLO, André Souza, CARVALHO, Ely B. de. Japoneses em Santa Catarina: Etnicidade e Modernização Agrícola. In: CARNEIRO, Maria Luiza T. TAKEUCHI, Marcia Y. **Imigrantes Japoneses no Brasil: Trajetória, Imaginário e Memória**. São Paulo: Editora da Universidade e São Paulo, 2010.p.97-121.

MICHAELSEN, Scott; JOHNSON, David. **Teoría de la frontera: Los límites de la política cultural**. Barcelona: Gedisa, 2003.p.13-57.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares.** Projeto História, n.10. p.7-28. São Paulo: Educ – Editora da PUC-SP, 1993. Disponível em: http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf

OGAWA, Kazumi; KAYAMA, Haruhiko e YAMAMOTO, Kazunori (organizadores). **"O Caminho dos 40 anos da colônia Celso Ramos"**. Curitibanos (SC); Florianópolis: Associação Cultural Brasil-Japão de Núcleo Celso Ramos – Imprensa oficial do Estado de Santa Catarina (IOESC), 2004.

PASSERINI, Luisa. A "lacuna" do presente. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (orgs). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.211-214.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: EDUC, fevereiro de 1997, vol. 14, p.25-40.

REIS, José Carlos. **O Conceito de Tempo Histórico em Ricoeur, Koselleck e "Annales": Uma Articulação Possível.** Síntese Nova Fase, n.73, v.23. p.229-252. Belo Horizonte, 1996.

RICOEUR, Paul. Memória Pessoal, Memória Coletiva. In: **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.p.105-150

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. In:_____. Tradução: Márcia Valéria Martinez de Aguiar. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2010.p. 93-156

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (orgs). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.93-101.

SAKURAI, Célia. A Imigração dos Japoneses para o Brasil no Pós-guerra (1950-1980). In: HASHIMOTO, Francisco; OKAMOTO, Monica Setuyo; TANNO, AJnete Leiko (orgs). **Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte**. São Paulo: Editora UNESP, 2008. p.189-239.

SAKURAI, Célia. **Os Japoneses**. São Paulo: Contexto, 2007.

SASAKI, Elisa Massae. Movimento Dekassegui: A experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

SASAKI, Elisa M. **Ser ou Não Ser Japonês? A Construção da Identidade dos Brasileiros Descendentes de Japoneses no Contexto das Migrações Internacionais do Japão Contemporâneo**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de Memórias em Terras de História: Problemáticas Atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs) **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível.** Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2001, p.37-58.

SILVA, Helenice Rodrigues da. **"Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória.** In: Revista Brasileira de História. vol.22 no.44. São Paulo, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01020188200 2000200008#top16

SIRINELLI, Jean-François. A Geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 131-137.

VILLAMÉA, Luiza. Revolução Tecnológica e Reviravolta Política. In: LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (orgs). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.p.249-267.

WAWZYNIAK, Sidinalva Maria. A "Colônia" como representação: Imigração Japonesa no Brasil. In: HASHIMOTO, Francisco; OKAMOTO, Monica Setuyo; TANNO, AJnete Leiko (orgs). **Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte**. São Paulo: Editora UNESP, 2008. p.167-188.